



A Integralidade dos saberes na EDUCAÇÃO FRANCISCANA

6^o Congresso Nacional das Escolas Franciscanas



Organizadoras

Noemi Boer

Lia Margot Dornelles Viero

Geovana Montanha Trevisan

20 a 22 de maio de 2015
Santa Maria - RS



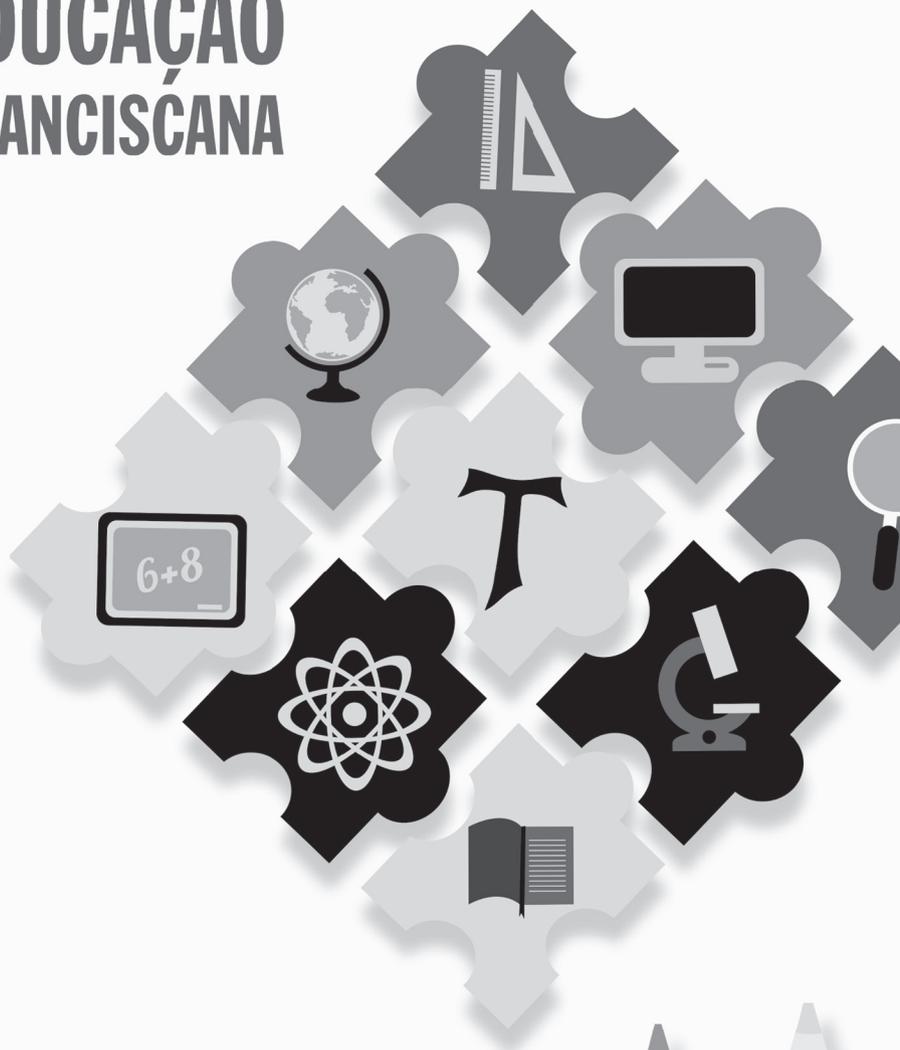
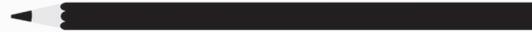
SCALIFRA-ZN
Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis - Zona Norte





A Integralidade dos saberes na EDUCAÇÃO FRANCISCANA

6^o Congresso Nacional das Escolas Franciscanas



Organizadoras

Noemi Boer

Lia Margot Dornelles Viero

Geovana Montanha Trevisan



C749e Congresso Nacional das Escolas Franciscanas (6.:2015: Santa Maria, RS)
A Integralidade dos Saberes na Educação Franciscana; 20 à 22 de maio. Organizado por Noemi Boer, Lia Margot Dornelles Viero e Geovana Montanha Trevisan / VI Congresso Nacional das Escolas Franciscanas. – Santa Maria, RS, 2015.
312p.

ISSN 2175-0319

1. Educação 2. Escolas Franciscanas 3. Pedagogia Franciscana
I. Título II. Boer, Noemi III. Viero, Lia Margot Dornelles
IV. Trevisan, Geovana Montanha

CDU 37(063)

PROMOÇÃO

Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis – Zona Norte
SCALIFRA – ZN

REALIZAÇÃO

Centro Universitário Franciscano
Colégio Franciscano Sant'Anna
Santa Maria – RS



MANTENEDORA

Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis – Zona Norte
SCALIFRA – ZN

Presidente

Valderesa Moro

CENTRO UNIVERSITÁRIO FRANCISCANO

Reitora

Iraní Rupolo

Pró-reitora de Administração

Inacir Pederiva

Pró-reitora de Graduação

Vanilde Bisognin

Pró-reitora de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão

Solange Binotto Fagan

COLÉGIO FRANCISCANO SANT'ANNA

Diretora

Valderesa Moro

Vice-diretora

Helena Machado de Oliveira Rohde



RELAÇÃO DAS ESCOLAS MANTIDAS PELA SCALIFRA-ZN

ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Diretora: Maria Cecília Merchiori

E-mail: direcao.esfa@tera.com.br; esfa.sul@terra.com.br

Telefone: (53) 3222-7651/3027-7075/ 3027-7076

Endereço: Rua Almirante Barroso, 1692 Centro

CEP: 96010-280 – Pelotas – RS

COLÉGIO FRANCISCANO SANT'ANNA

Diretora: Valderesa Moro

E-mail: direcao@colegiosantanna.com.br

Telefone: (55) 3222-4545

Endereço: Rua dos Andradas, 1658

CEP: 97010-032 – Santa Maria – RS

COLÉGIO FRANCISCANO ESPÍRITO SANTO

Diretora: Maria Kreutz

E-mail: makreutz@hotmail.com

Vice-diretora: Ir. Adriana Renata

E-mail: ir-adriana@hotmail.com

Telefone: (53) 3242-9283/ 3242-3072

Endereço: Av. General Osório, 1254

CEP: 96400-101 – Bagé – RS



COLÉGIO FRANCISCANO SANTÍSSIMA TRINDADE

Diretora: Vanda Lúcia Marotti Fronza
E-mail: vanda@colegiosantissima.com.br
Telefone: (55) 3322-8370
Endereço: Rua: Pinheiro Machado, 122
CEP: 98005-000 – Cruz Alta – RS

COLÉGIO FRANCISCANO NOSSA SENHORA APARECIDA

Diretora: Cecília Ivone Rigo
E-mail: cfnsa@supersul.com.br; ceciliarigo1@hotmail.com
Telefone: (53) 3252-1500
Endereço: Av. Vinte de Setembro, 231
CEP: 96600-000 – Canguçu – RS

COLÉGIO FRANCISCANO SANTA ROSA DE LIMA

Diretora: Maria Ana Klein
E-mail: direcaoliminha@srturbo.com.br; maklein14@hotmail.com
Telefone: (55) 3512-1008
Endereço: Av. Borges de Medeiros, 132
CEP: 98900-000 – Santa Rosa – RS

ESCOLA FRANCISCANA IMACULADA CONCEIÇÃO

Diretora: Maria Aparecida Betoni
E-mail: irbetoni@yahoo.com.br; irbetoni@escolaimaculada.com.br
Telefone: (67) 3421-4741
Endereço: Rua Firmino Vieira de Mattos, 1509
CEP: 79825-050 – Dourados – MS



CENTRO UNIVERSITÁRIO FRANCISCANO

Reitora: Iraní Rupolo

E-mail: gabinete@unifra.br

Telefone: (55) 3220-1200 R. 1212

Endereço: Rua dos Andradas, 1614, Centro

CEP: 97010-032 – Santa Maria – RS

ESCOLA FRANCISCANA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Diretora: Inês Alves Lourenço

E-mail: alves6666@gmail.com; ines@institutofatima.edu.br

Telefone: (61) 3442-8650

Endereço: SGAS, Quadra 906, Conjunto F, W5 Asa Sul

CEP: 70390-060 – Brasília – DF

COLÉGIO FRANCISCANO NOSSA SENHORA DO CARMO

Diretora: Maria Helena Rodrigues de Figueirôa

E-mail: carmodirecao@f1net.com.br

Telefone: (44) 3642-1930/ 3642-1372

Endereço: Praça João XXIII, 168

CEP: 85980-000 – Guaíra – PR

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FRANCISCANO NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Diretora: Inês Alves Lourenço

E-mail: alves6666@gmail.com; ines@institutofatima.edu.br

Telefone: (61) 3442-8650

Endereço: SGAS, Quadra 906, Conjunto F, W5 Asa Sul

CEP: 70390-060 – Brasília – DF



COMISSÃO ORGANIZADORA

COMISSÃO CENTRAL

Coordenação: Prof^ª. Lia Margot Dornelles Viero

Centro Universitário Franciscano – Santa Maria – RS

Prof^ª. Valderesa Moro

Colégio Franciscano Sant' Anna – Santa Maria – RS

Prof^ª. Célia de Fátima Rosa da Veiga

Colégio Franciscano Sant' Anna – Santa Maria – RS

Prof^ª. Helena Machado de Oliveira Rohde

Colégio Franciscano Sant' Anna – Santa Maria – RS

Geovana Montanha Trevisan

Centro Universitário Franciscano – Santa Maria – RS

COMISSÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA

Coordenação: Prof^ª. Lia Margot Dornelles Viero

Centro Universitário Franciscano – Santa Maria – RS

Prof^ª. Célia de Fátima Rosa da Veiga

Colégio Franciscano Sant' Anna – Santa Maria – RS

Prof. Diego Carlos Zanella

Centro Universitário Franciscano – Santa Maria – RS

Prof^ª. Elsbeth Léia Spode Backer

Centro Universitário Franciscano – Santa Maria – RS

Prof^ª. Helena Machado de Oliveira Rohde

Colégio Franciscano Sant' Anna – Santa Maria – RS

Prof^ª. Iraní Rupolo

Centro Universitário Franciscano – Santa Maria – RS

Prof^ª. Noemi Boer

Centro Universitário Franciscano – Santa Maria – RS



COMISSÃO DE DIVULGAÇÃO E INFORMAÇÃO

Coordenação: Geovana Montanha Trevisan

Centro Universitário Franciscano – Santa Maria – RS

Tayná Dalcin Teixeira

Centro Universitário Franciscano – Santa Maria – RS

COMISSÃO DE CERIMONIAL E PROTOCOLO

Coordenação: Profª. Laíse Viviane Chaves da Rosa

Centro Universitário Franciscano – Santa Maria – RS

Geovana Montanha Trevisan

Centro Universitário Franciscano – Santa Maria – RS

COMISSÃO SOCIOCULTURAL

Coordenação: Profª. Claudécira Bottoli

Colégio Franciscano Sant' Anna – Santa Maria – RS

Cristiane Jonco Cassel

Colégio Franciscano Sant' Anna – Santa Maria – RS

Margarete Maria Bortoluzzi Pereira

Colégio Franciscano Sant' Anna – Santa Maria – RS

COMISSÃO DE RECEPÇÃO, TRANSPORTE E HOSPEDAGEM

Coordenação: Profª. Deise Maria Marin Londero Kieling

Colégio Franciscano Sant' Anna – Santa Maria – RS

Cristiane Jonco Cassel

Colégio Franciscano Sant' Anna – Santa Maria – RS

Profª. Landa Matilde Ramos Salbego

Colégio Franciscano Sant' Anna – Santa Maria – RS

Tayná Dalcin Teixeira

Centro Universitário Franciscano – Santa Maria – RS



COMISSÃO DE LITURGIA

Coordenação: Prof^ª. Célia de Fátima Rosa da Veiga

Colégio Franciscano Sant' Anna – Santa Maria – RS

Prof^ª. Claudécira Bottoli

Colégio Franciscano Sant' Anna – Santa Maria – RS

Prof^ª. Eliane Sousa Araújo

Colégio Franciscano Sant' Anna – Santa Maria – RS

Prof^ª. Isabel Sousa Araújo

Colégio Franciscano Santa Rosa de Lima – Santa Rosa – RS

Prof^ª. Salete Processo de Andrades Dotta

Colégio Franciscano Sant' Anna – Santa Maria – RS

COMISSÃO DE ANIMAÇÃO

Coordenação: Prof. André Orsolin

Colégio Franciscano Sant' Anna – Santa Maria – RS

Prof. Sérgio Francisco de Mello

Colégio Franciscano Espírito Santo – Bagé – RS

COMISSÃO DE COMERCIALIZAÇÃO E FINANÇAS

Coordenação: Inacir Pederiva

Centro Universitário Franciscano – Santa Maria – RS

Carmelita Barbosa Machado

SCALIFRA-ZN – Santa Maria – RS

Maria Rita Pacheco de Carvalho Barin

Centro Universitário Franciscano – Santa Maria – RS

COMISSÃO DE INFRAESTRUTURA

Coordenação: Tayná Dalcin Teixeira

Centro Universitário Franciscano – Santa Maria – RS

Carlos Rui Robalo

Centro Universitário Franciscano – Santa Maria – RS



Geovana Montanha Trevisan

Centro Universitário Franciscano – Santa Maria – RS

Marcelo Bisognin

Centro Universitário Franciscano – Santa Maria – RS

Margarete Maria Bortoluzzi Pereira

Colégio Franciscano Sant' Anna – Santa Maria – RS

PRODUÇÃO DOS ANAIS

Coordenação: Profª. Noemi Boer

Centro Universitário Franciscano – Santa Maria – RS

APOIO DE INFORMÁTICA

Coordenação: Daniel Rovadoschi

Centro Universitário Franciscano – Santa Maria – RS

EQUIPAMENTOS AUDIOVISUAIS

Coordenação: Éder Junio Moraes

Colégio Franciscano Sant' Anna – Santa Maria – RS

Carlos Ailton Martins

Centro Universitário Franciscano – Santa Maria – RS

Carlos Alberto Bizzi

Centro Universitário Franciscano – Santa Maria – RS

Jarbas Marzari

Centro Universitário Franciscano – Santa Maria – RS

Daniela Cardoso Serpa

Colégio Franciscano Sant' Anna – Santa Maria – RS

Fernanda Bortolotti Moraes

Colégio Franciscano Sant' Anna – Santa Maria – RS

Luciano Garcia dos Santos

Colégio Franciscano Sant' Anna – Santa Maria – RS

Matheus de Maia Orquem

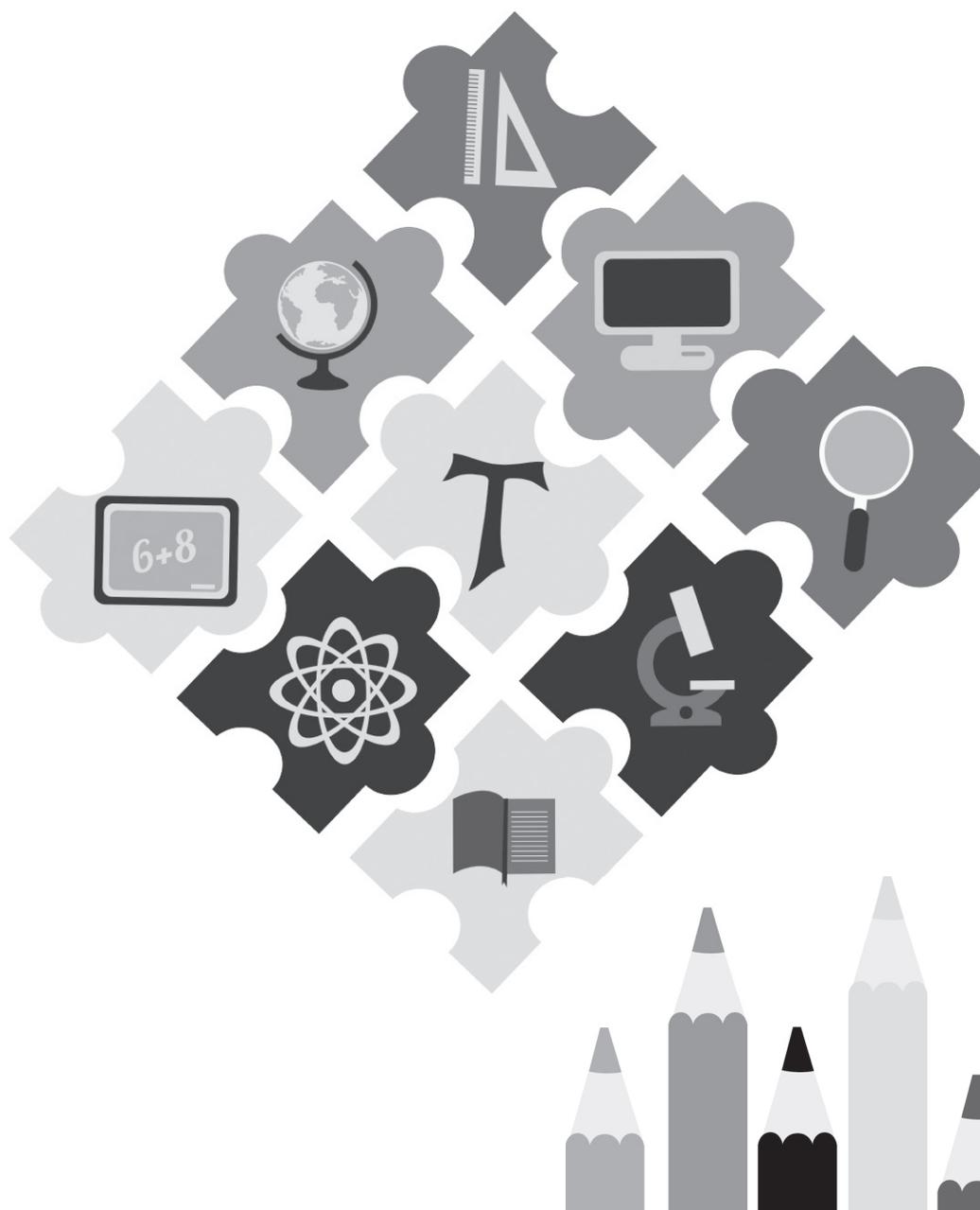
Colégio Franciscano Sant' Anna – Santa Maria – RS



SUMÁRIO

<u>Apresentação</u>	<u>15</u>
<u>Programação e Abertura</u>	<u>23</u>
<u>Conferências</u>	<u>37</u>
<u>Oficinas</u>	<u>57</u>
<u>Trabalhos apresentados</u>	<u>137</u>
<u>Painel</u>	<u>283</u>
<u>Aprendizado e Desafios do Congresso 2015</u>	<u>295</u>
<u>Palavras Finais</u>	<u>307</u>

APRESENTAÇÃO





APRESENTAÇÃO

Prof^a. Dr^a. Noemi Boer

Coordenadora da Comissão de Anais

O 6º Congresso Nacional das Escolas Franciscanas, realizado em 2015, reuniu a comunidade das escolas mantidas pela Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis – Zona Norte, para refletir acerca da integralidade dos saberes na Educação Franciscana.

Sem descuidar dos princípios filosóficos que norteiam a educação franciscana, a programação do Congresso procurou contemplar saberes científicos, pedagógicos e experienciais, inerentes à prática docente. Desse modo, os enfoques e a reflexão, que permeou as diferentes sessões do evento, voltaram-se a minimizar as fronteiras entre o conhecimento acadêmico, o conhecimento cotidiano e a cultura franciscana.

Saberes relativos à prática docente foram apresentados no tripé de relações entre professor, aluno e conteúdo. O ensino, como organização de situações capazes de contribuir para a produção do conhecimento e como competência necessária à dimensão técnica da ação pedagógica, foi contemplado na apresentação dos trabalhos elaborados pelas escolas. Nessas ações, destaque, não menos importante, foi atribuído à aprendizagem escolar, na perspectiva de construção do conhecimento pelo próprio aluno. Isso pressupõe uma reelaboração do saber trabalhado pelo professor, mediante síntese sobre o que o estudante vivencia em sala de aula e o que busca conhecer.



Identificou-se, também no discurso e nas práticas escolares, a relação interdisciplinar entre o ser humano, a natureza e o mundo, baseada em valores que estimulam a solidariedade, a igualdade e o respeito aos direitos humanos. Como marca do Congresso, cabe ressaltar a espiritualidade, a alegria dos participantes e a postura acolhedora que resulta na integração da comunidade de cada uma das nove escolas que compõem a Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis – Zona Norte. Portanto, os Anais, que apresentamos, contêm uma parcela da história construída com o trabalho de muitas mãos. São os professores, alunos, pais, funcionários e direção dessas escolas, que, no cotidiano, traçam o perfil pedagógico, inspirados na Paz e no Bem de Francisco de Assis.

Organizados em cinco seções, os Anais do 6º Congresso Nacional das Escolas Franciscanas contêm, na **primeira** seção, a relação das comissões de trabalho, a programação do evento e os pronunciamentos de abertura, da Prof^a. Lia Margot Dornelles Viero, Coordenadora do evento, da Irmã Maria Aparecida Marques, Ministra Provincial das Irmãs Franciscanas e da Prof^a. Valderesa Moro, Diretora Presidente da SCALIFRA-ZN. O primeiro discurso enfatiza a pertinência do tema integralidade dos saberes na Educação Franciscana. O segundo discurso, a partir do símbolo de um icosaedro, convida os congressistas a uma reflexão sobre a integralidade dos saberes na educação franciscana. O terceiro discurso convida os congressistas a olhar a vida com cuidado seja a partir de dentro da escola, seja a partir de dentro de nós mesmos, lugar ou estado de integralidade em que nos constituímos como seres de inteireza.





Na **segunda** seção, é apresentada a síntese das duas conferências proferidas no Congresso. Em O imperativo ético da educação, o prof. Dr. Ricardo Timm de Souza, da PUCRS, aponta a condição humana como questão filosófica central da ética que possibilita pensar o humano e a vida em geral. Defende que não se pode pensar em Educação independentemente da responsabilidade ética a qual a sustenta e a significa.

Na Conferência Neurociência e a integralidade dos saberes na Educação, a Prof^a. Dra. Leonor Bezerra Guerra, da UFMG, defende que a educação é mediadora do desenvolvimento que propicia ao ser humano a aquisição dos mais diversos comportamentos. Esses comportamentos, essenciais para sua convivência social, adaptação à variabilidade do ambiente e sobrevivência como indivíduo e espécie, estão relacionados ao funcionamento do sistema nervoso, mais especificamente do cérebro. A neurociência contribui para o entendimento do processo de aprendizagem e desenvolvimento dos indivíduos.

A **terceira** seção dos Anais é composta pelas sínteses das nove Oficinas. Alinhadas ao tema central do congresso, as Oficinas abordaram aspectos referentes à pesquisa sobre aprendizagem e transtornos da leitura; ensino de artes e possíveis abordagens metodológicas; o cérebro e conhecimentos neurocientíficos para professores e alunos da educação básica; a arte, integrando saberes, voltada às linguagens específicas, aos bens patrimoniais e à preservação cultural; espiritualidade franciscana e a integralidade de ser, contemplando as diversas dimensões que compõem a pessoa humana; ética e segurança na internet, com destaque à educação para a cidadania digital na





era da hiperconectividade e aos novos desafios; a experiência da integralidade pela prática do yoga tendo presente a experiência consciente da integração mente, corpo e espírito; ética e educação e os valores franciscanos na formação humana, baseada em uma abordagem filosófica acerca da crise dos valores morais e das instituições sociais em tempos pós-modernos; o admirável mundo da Nanociência, que envolve o conhecimento das propriedades e potencialidades de materiais que apresentam sua estrutura em uma escala que corresponde a um bilionésimo de metro, denominada “nano”.

Integram a **quarta** seção dos Anais resumos de vinte e nove trabalhos apresentados na modalidade de comunicação oral. Esses trabalhos foram elaborados nas escolas a partir dos Seminários Preparatórios do Congresso, com carga horária de 12 horas. Para subsidiar as ações, a Comissão Central fez indicação de leitura das obras: Professores imagem do futuro presente, de Antônio Nóvoa e A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento, de Edgar Morin.

Compõe a **quinta** seção o texto síntese do Painel *Educação Franciscana: propostas e perspectivas para integralidade dos saberes*, de autoria do Dr. Márcio Paulo Cenci, Prof^a. Mitiele Seixas e da Prof^a. Paula Simone Bolzan Jardim. Os autores resumem as principais ideias discutidas durante o Congresso, tecem considerações a respeito da formação humana e cidadã e mostram como se conectam as instituições com a Educação Franciscana.





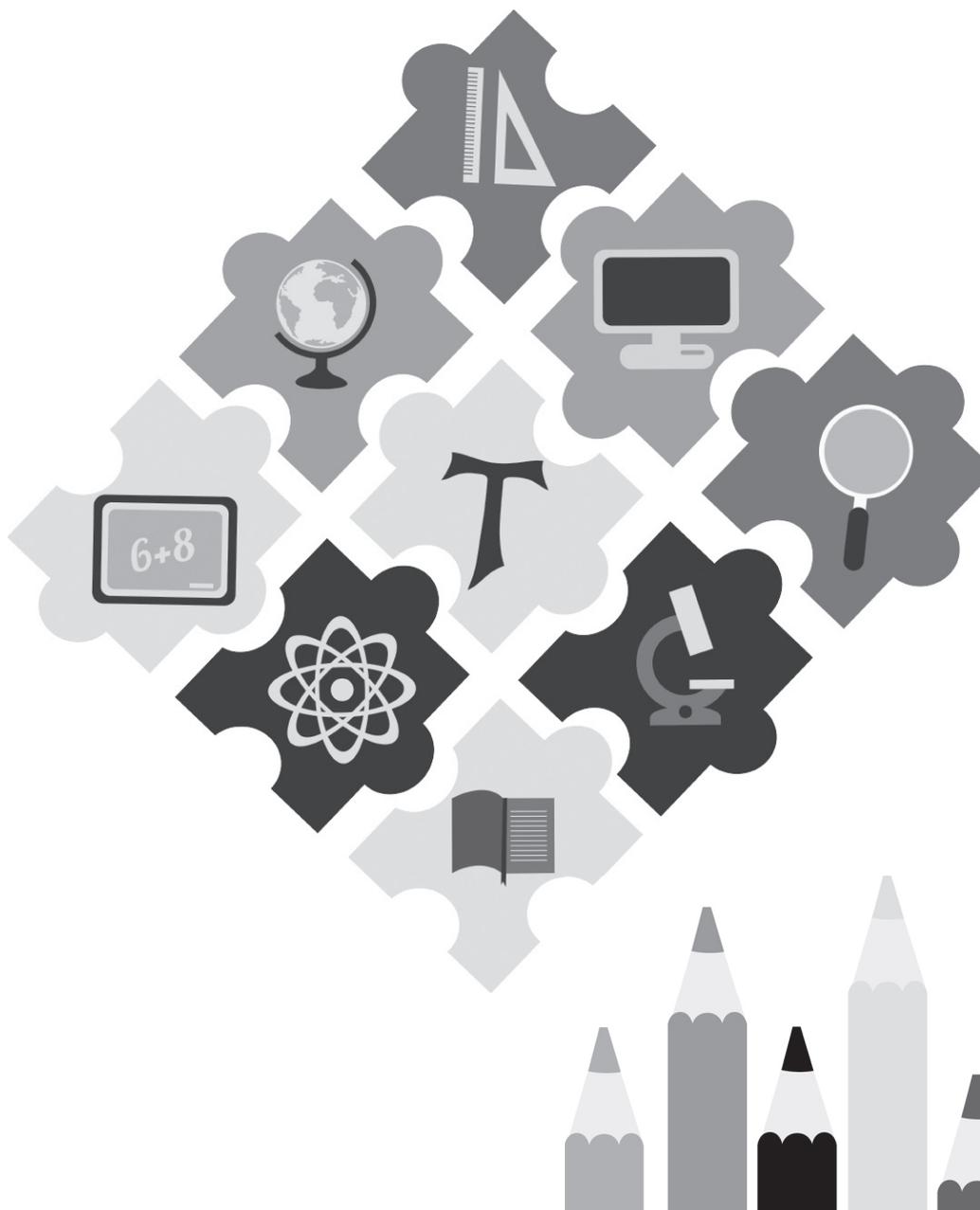
Aprendizado e desafios do Congresso 2015 compõe a última parte dos Anais. Márcio Paulo Cenci e Mitieli Seixas sintetizam o posicionamento avaliativo das escolas em relação ao evento. Nas *Palavras Finais*, a Prof^a. Valderesa Moro reafirma o compromisso com uma prática pedagógica que promova o crescimento e o fortalecimento de valores necessários à construção de um ser humano voltado para a Paz e o Bem.

Acreditamos que as reflexões contidas nos textos, aqui reunidos, contribuem para alcançar a integralidade dos saberes, tendo como pano de fundo a singularidade da filosofia franciscana. A Comissão Central do 6º Congresso agradece aos autores por disponibilizarem suas produções para compor estes Anais e reconhece a importância da participação ativa dos congressistas.

Desejamos a todos uma profícua leitura!



PROGRAMAÇÃO E ABERTURA





PROGRAMAÇÃO

20 a 22/05/2015

TEMA CENTRAL:

“A integralidade dos saberes na Educação Franciscana”

Seminário Preparatório nas Escolas: 12h Congresso: 28h

20 de maio de 2015 – Quarta-feira

9h às 12h – **Recepção – Credenciamento**

Local: Centro Universitário Franciscano – Conjunto I – *Hall* Salão Azul

9h às 12h – **Atividade opcional: Visita Guiada ao Museu Histórico e Cultural das Irmãs Franciscanas** (Avenida Nossa Senhora Medianeira, 1267)

Agendamento com a Historiadora Franciele Roveda Maffi

e-mail: mhif.sm@gmail.com, telefone: (55) 3220-5525

De segunda a sexta-feira, das 8h às 12h e das 14h às 18h

14h às 17h30min – **Espaços de diálogos** (Apresentação dos trabalhos das escolas)

18h30min – **Solenidade de Abertura**

Local: Centro Universitário Franciscano – Conjunto I – Salão de Atos

19h às 20h – **Celebração Eucarística**

Celebrante: Padre Celito Moro

Cura da Catedral Arquidiocesana de Santa Maria – RS

Local: Centro Universitário Franciscano – Conjunto I – Salão de Atos

Coordenação: Prof^ª. Esp. Célia de Fátima Rosa da Veiga

Colégio Franciscano Sant’Anna





21 de maio de 2015 – Quinta-feira

8h – Integração – Equipe de Animação

Coordenação: Prof. M.e André Orsolin – Colégio Franciscano Sant’Anna

Local: Centro Universitário Franciscano – Conjunto I – Salão de Atos

8h30min – Conferência 1: O imperativo ético da Educação

Conferencista: Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza – PUC/RS

Coordenação: Prof. Dr. Marcos Alexandre Alves

Centro Universitário Franciscano

Local: Centro Universitário Franciscano

Conjunto I – Salão de Atos

10h – Intervalo

10h30min – Debate da Conferência

Conferencista: Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza – PUC/RS

Coordenação: Prof. Dr. Marcos Alexandre Alves

Centro Universitário Franciscano

12h – Almoço

14h às 18h – Oficinas

16h às 16h15min – Intervalo

Oficina 1: A pesquisa sobre aprendizagem e transtornos da leitura

Ministrantes: Prof. Dr. Augusto Buchweitz – PUC/RS

Profª. Drª. Adriana Corrêa Costa – FAPA/RS e UNILASALLE/RS

Coordenação: Profª. Drª. Greice Scremin

Centro Universitário Franciscano

Local: Colégio Franciscano Sant’Anna (Rua dos Andradas, 1658) –

Prédio I – Salão Verde



Oficina 2: Ensino de Artes: a escultura e possíveis abordagens metodológicas

Ministrante: Prof^ª. Esp. Catiúscia Bordin Dotto

Colégio Franciscano Sant'Anna

Coordenação: Prof^ª. Esp. Liandra Spall – Colégio Franciscano Sant'Anna

Local: Colégio Franciscano Sant'Anna (Rua dos Andradas, 1658) – Prédio II – Sala 408

Oficina 3: O cérebro do avesso

Ministrante: Prof^ª. Dr^ª. Daniela Martí Barros – FURG

Coordenação: Prof^ª. Dr^ª. Suzete Nocchi Benites

Centro Universitário Franciscano

Local: Colégio Franciscano Sant'Anna (Rua dos Andradas, 1658) – Prédio II – Sala 410

Oficina 4: A arte integrando saberes

Ministrantes: Prof^ª. M.^a Edir Lucia Bisognin e Prof^ª. M.^a Elza Hirata

Centro Universitário Franciscano

Local: Centro Universitário Franciscano – Conjunto III (Rua Silva Jardim, 1175) – Prédio 13 – Sala de Convenções

Oficina 5: Espiritualidade franciscana e a integralidade do ser

Ministrante: Prof^ª. M.^a Valderesa Moro – Colégio Franciscano Sant'Anna

Coordenação: Prof^ª. Esp. Célia de Fátima Rosa da Veiga

Colégio Franciscano Sant'Anna

Local: Colégio Franciscano Sant'Anna (Rua dos Andradas, 1658) – Prédio II – Salão Bordô

Oficina 6: Ética e segurança na internet: educando para a cidadania digital

Ministrante: Prof. M.e Iuri Lammel Marques

Centro Universitário Franciscano

Coordenação: Prof^ª. M.^a Luciana Menezes Carvalho

Centro Universitário Franciscano

Local: Colégio Franciscano Sant'Anna (Rua dos Andradas, 1658) – Prédio II – Sala 405





Oficina 7: A experiência da integralidade pela prática do yoga e da dança

Ministrante: Prof. Dr. Marcos Adegas de Azambuja
Centro Universitário Franciscano

Coordenação: Tatiana Siqueira Trindade – Programa Primeira Infância Melhor – Santa Maria – RS

Local: Centro Universitário Franciscano – Conjunto III (Rua Silva Jardim, 1175) – Prédio 17 – Sala de Conferências

Oficina 8: Ética e educação: os valores franciscanos na formação humana

Ministrante: Prof. Dr. Marcos Alexandre Alves
Centro Universitário Franciscano

Coordenação: Luiz Ferreira de Almeida Neto
Centro Universitário Franciscano

Local: Centro Universitário Franciscano – Conjunto I (Rua dos Andradas, 1614) – Prédio 4 – Sala 415

Oficina 9: O admirável mundo da Nanociência

Ministrante: Profª. Drª. Solange Binotto Fagan
Centro Universitário Franciscano

Coordenação: Prof. M.e Anderson Luiz Ellwanger
Centro Universitário Franciscano

Local: Centro Universitário Franciscano – Conjunto I (Rua dos Andradas, 1614) – Prédio 4 – Sala 413

19h às 21h – Apresentação de Talentos

Coordenação: Profª. Esp. Claudécira Bottoli
Colégio Franciscano Sant'Anna

Local: Colégio Franciscano Sant'Anna – Prédio II – 5º andar – Salão Nobre Francisco de Assis





22 de maio de 2015 – Sexta-feira

8h – Integração – Equipe de Animação

Coordenação: Prof. M.e André Orsolin

Colégio Franciscano Sant'Anna

Local: Centro Universitário Franciscano – Conjunto I – Salão de Atos

8h20min – Conferência 2: Neurociência e a integralidade dos saberes na Educação

Conferencista: Prof^ª. Dr^ª. Leonor Bezerra Guerra – UFMG

Coordenação: Prof^ª. Dr^ª. Noemi Boer – Centro Universitário Franciscano

Local: Centro Universitário Franciscano – Conjunto I – Salão de Atos

10h – Intervalo

10h15min – Debates da conferência

Coordenação: Prof^ª. Dr^ª. Noemi Boer

Centro Universitário Franciscano

12h – Almoço

14h às 15h30min – Painel: Educação Franciscana: propostas e perspectivas para a integralidade dos saberes

Integrantes: Prof. Dr. Márcio Paulo Cenci, Prof^ª. M.^ª Mitieli Seixas

e Prof^ª. M.^ª Paula Simone Bolzan Jardim

Centro Universitário Franciscano

15h30min às 16h – Aprendizado e desafios

Apresentação: Prof^ª. M.^ª Valderesa Moro – Colégio Franciscano Sant'Anna

16h15min às 17h15min – Celebração de Encerramento

Celebrante: Frei Valdir Pretto – Centro Universitário Franciscano

Coordenação: Prof^ª. Esp. Célia de Fátima Rosa da Veiga

Colégio Franciscano Sant'Anna

Local: Centro Universitário Franciscano – Conjunto I – Salão de Atos



PRONUNCIAMENTO DE ABERTURA

Prof^a. Lia Margot Dornelles Viero

Ao saudar a Prof^a. Valderesa Moro, Diretora Presidente da Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis – Zona Norte (SCALIFRA-ZN), mantenedora das Escolas Franciscanas, e Irmã Maria Aparecida Marques, Ministra Provincial da Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã – Santa Maria – RS, saúdo as autoridades mencionadas pelo protocolo e demais participantes do 6º Congresso Nacional das Escolas Franciscanas.

Santa Maria, maio de 2015! Ano em que se celebram os 180 anos da presença das Irmãs franciscanas no cenário mundial.

E, mais uma vez, estamos reunidos para participarmos de um congresso promovido pela SCALIFRA-ZN e formatado com um forte viés educativo, como é a marca de todos os congressos já realizados, os quais vale a pena serem mencionados, pois fazem parte da história da Educação Franciscana. O Congresso Nacional das Escolas Franciscanas ocorre em período trienal.

O primeiro congresso das escolas franciscanas foi realizado no ano 2000, com abordagem para a temática “A pedagogia Franciscana no novo milênio”; o segundo congresso aconteceu no ano de 2003 cujo tema foi “Educar para a paz: um desafio Franciscano”.

No ano de 2006, promovemos a terceira edição com aprofundamento no assunto “A humanização das relações no mundo globalizado: desafio para Educação Franciscana”.





Para a quarta edição, ocorrida no ano de 2009, foi indicada a temática “Educação e ciência nas perspectivas Franciscanas”.

No ano de 2012, nossa quinta edição, socializamos temas acerca da “Educação Franciscana na comunicação digital”.

Por fim, para o ano de 2015, o tema proposto é “A integralidade dos saberes na Educação Franciscana”, tema que reforça os princípios e os valores franciscanos comprometidos com a formação integral do indivíduo, para que ele tenha condições de construir seu modo de vida, com ética e responsabilidade.

Dessa forma, fortalece-se a posição/política da mantenedora em oferecer a sua comunidade educativa uma formação continuada de qualidade.

A programação do 6º Congresso Nacional Franciscano foi planejada e organizada em um formato com variadas atividades (como grandes conferências, espaços de diálogos, apresentação de talentos, oficinas, celebrações eucarísticas...), permitindo que cada participante possa adquirir novas aprendizagens e compartilhar suas experiências com os demais grupos humanos integrantes da Rede SCALIFRA-ZN. O trabalho que culmina nos três dias é precedido de indicação de leituras prévias com objetivo de fundamentar as diferentes atividades propostas na metodologia de trabalho do evento.

Serão três dias organizados em uma programação dinâmica e diversificada, a qual é geradora de novos conhecimentos, não apenas de informações.

A todos os participantes a Comissão Central deseja uma excelente participação e que estejam dispostos a dialogar, ques-





tionar, compartilhar saberes e experiências vivenciadas com o grupo de palestrantes convidados e demais integrantes de toda a comunidade escolar franciscana presentes neste evento.

Sejam todos bem-vindos!

PAZ E BEM!





PRONUNCIAMENTO DE ABERTURA

Irmã Maria Aparecida Marques

Quero saudar a todos e todas pela resposta à participação neste Congresso que já está em sua 6ª edição. Parablenizo a Irmã Valderesa Moro e Diretoria da SCALIFRA-ZN pela perseverança em manter a periodicidade do evento.

Queridos mestres, queridos alunos, colaboradores das escolas, que aqui estão, em meio a tanta dispersão, nós fazemos um congresso para reflexionarmos sobre a integralidade do saber.

Usarei um símbolo para representar a integralidade – um icosaedro de peças confluentes, porém originais. Usarei um ícone a quem nós, em nosso fazer pedagógico, invocamos com muita propriedade: Francisco de Assis. Chamarei o testemunho de quem, no amor e na simplicidade, gera a mística pastoral globalizante que responde a uma necessidade local premente: Madre Madalena Damen. O icosaedro é um poliedro formado por trinta arestas, 12 vértices e 20 faces. No pensamento platônico, ele representa a água e tem a potencialidade de poder ser inscrito na esfera. Nas faculdades humanas, o icosaedro está relacionado à audição e à faculdade de compreensão. Neste congresso, nós queremos ouvir e compreender.

Francisco de Assis, o homem total que vê todos os seres sob a ótica da compreensão, tem nos ensinado a reverência e o respeito por tudo o que nos circunda. A transcendência criatural, no universo franciscano, nos conduz à ternura, a não violência, à alegria da vida e das relações. Esse modo de ser somente



é possível a quem sabe integralizar, inclusive os contrastes de bem e mal, bonito e feio, diferente e igual, vida e morte.

Em Madre Madalena podemos perceber a ternura, a ousadia, a persistência em tudo o que a conduz ao compromisso social e eclesial. Sua escola – 180 anos de dedicação ao ensino – é uma escola que cresce do trivial ao complexo, instaurando um mundo de compreensão, simplicidade, fé e confiança profunda na força da Divina Providência. A ela nosso legado de educadora incansável, integradora dos opostos, visionária de um futuro que já está aí. As muitas faces do icosaedro refletem em seu olhar, que de mais dezessete casas, ainda antes de sua morte, contempla toda a Rede de escolas da SCALIFRA-ZN e de muitas outras, especialmente no Brasil e na Indonésia. Sua escola trabalha a mente, as mãos, o coração, a inteligência e a vontade e tantas outras faculdades humanas, formando pessoas para o mundo.

Prezados congressistas, nestes dias, todos iremos ouvir, falar, cantar, celebrar, trocar experiências. Que não seja apenas mais um congresso, mas sim um marco em nossas vidas de aluno, docente, Irmã franciscana. Que despertemos o mundo, por nosso jeito alegre, operativo e sobretudo, entusiasmado. Bom congresso a todos e a todas.





PRONUNCIAMENTO DE ABERTURA

Profª. Valderesa Moro

Estimadas autoridades que compõem a mesa já nomeadas pelo protocolo, estimados professores, funcionários, alunos e pais e demais convidados, participantes deste 6º Congresso Franciscano.

É com imensa alegria que acolhemos a todos para vivermos dias de conagração entre as comunidades franciscanas das escolas da Rede SCALIFRA-ZN. Neste ano jubilar de fundação de nossa congregação, nos alegramos e agradecemos a Deus, que caminhou conosco de forma marcadamente providente na trajetória de 180 anos.

Historicamente em sua trajetória, a SCALIFRA-ZN sempre priorizou o convívio de seus colaboradores organizando encontros, assembleias, seminários e congressos para compartilhar experiências, socializar saberes e partilhar a alegria do encontro e do estar juntos como irmãos e irmãs.

Ancorada em princípios que elegem a promoção de uma cultura de paz e de solidariedade, a busca da verdade e da justiça, o desenvolvimento sustentável, a visão de integralidade e a conduta ética, a SCALIFRA-ZN desenvolve sua proposta educativa priorizando a construção do conhecimento e o aprendizado para a vida, investindo na construção da cultura de relações fraternas sadias.

Ao realizarmos o 6º Congresso Franciscano com o tema ***A integralidade dos saberes na Educação Franciscana***, somos



convidados a olhar com cuidado a partir de dentro, seja a partir da própria escola, seja a partir de dentro de cada um de nós, lugar ou estado de integralidade em que nos constituímos como seres de inteireza.

Vivemos em um mundo que nos convoca incessantemente para fora, para as aparências, para os holofotes que brilham constantemente projetando a luz para a exterioridade. Vivemos cansados e sobrecarregados com os excessos do ter em detrimento do ser. É como se estivéssemos constantemente nos esforçando para agradar a plateia no picadeiro da vida. Porém, lá no íntimo de nós mesmos, existe um lugar de solidão que anseia pelo encontro com a luz mais sagrada, com o eu mais profundo, com a integralidade essencial que nos constitui pessoas de inteireza. Lá, habita Deus. Esse processo de retorno cada um de nós precisa decidir percorrer com sua própria consciência.

Desejamos que durante este congresso, cuja temática nos propõe discutir e aprofundar sobre o valor e a importância da ***integralidade dos saberes na Educação Franciscana***, cada participante possa fazer o processo de imersão em sua própria história pessoal e profissional, desafiando-se a qualificar seu processo de tornar-se um ser humano de integralidade cósmica.

Agradecemos desde já a presença de cada um e desejamos um ótimo congresso a todos.

Paz e Bem!



CONFERÊNCIAS





EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI: CONDIÇÕES DE POSSIBILIDADE¹

Ricardo Timm de Souza²

INTRODUÇÃO

A atual situação de transmutação paradigmática (ou do questionamento da própria ideia de “paradigma”), esta profunda crise civilizatória em que todos nos encontramos, exige uma reconsideração muito profunda daqueles elementos que nos permitirão erigir uma concepção de educação e de ciência mais próxima das exigências gravíssimas do novo milênio. Diante desse contexto, direcionamos este texto, e, nesta medida, pretende ser um texto *radical*, ou seja, que tenta se dirigir incisivamente às *raízes* da presente realidade histórica, para tentar compreendê-la, objetivá-la e concentrar energias em torno da questão de como pensar a promoção do *humano* no desvario deste fim de século.

Um primeiro dado salta já aos olhos e reafirma ao espírito mais atento sua incontornabilidade: trata-se da dimensão de *absoluta necessidade* do reequacionamento da realidade presente. Em outros termos, não estamos tratando de um assunto de diletantes, nem o fazemos com o espírito de diletantes; muito antes, trata-se de uma questão de *sobrevivência*, de *vida*, esta questão à qual neste momento nos dirigimos. Esta preocupação *não é postergável*,

¹ O presente texto atualiza o capítulo “Educação e ciência no novo milênio” publicado no livro *Em torno à diferença: aventuras da alteridade na complexidade da cultura contemporânea*, Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008.

² Professor Titular da FFCH/PUCRS. www.timmsouza.blogspot.com.br.



e isto por vários motivos: não é postergável a resolução de o que fazer com as milhões de toneladas de lixo produzidas anualmente; não é postergável a postulação de uma alternativa à civilização do consumo infinito; não é postergável a detenção de um crescimento suicida, que levará consigo à extinção, caso não seja sustado, humanidade e natureza; não é postergável a exigência ética radical de dois terços da humanidade – e aqui se destacam, especialmente, as novas gerações que estão sendo sacrificadas ao delírio do consumo e da acumulação infinita; não é postergável a alternativa ao desespero suicida do terceiro terço da humanidade, que só costuma se sentir vivo se imerso no frenetismo de uma produção enlouquecida, mas que nem assim se livra de seus infinitos medos indizíveis; não é postergável a melhor reparação possível da dignidade ferida da menor das criaturas. Todos esses itens, e muitos outros, configuram uma questão – e a sabemos com cada vez mais clareza – que de certo modo coloca em xeque a mera possibilidade de sobrevivência da humanidade. A única forma digna de tratá-los – especialmente de nossa parte, intelectuais que procuram resistir à proliferação de neblinas ideológicas globalizadas e apologias do “neutro”, do infinitamente virtual, do indiferenciado, do fim da história, do fim de qualquer sonho – é com um espírito *extremo de urgência*. Temos de nos dirigir às extremidades de nossa cultura, escavar os extratos mais profundos de nossa contemporaneidade, para entendê-los e – muito mais importante – propor *alternativas de sobrevivência*.





Propomos, a seguir, três breves “passos compreensíveis” interpenetrantes e uma síntese final que, a nosso juízo, facilitarão a organização de nossos esforços a fim de descobrir, muitas vezes no pequeno e no inusitado, no emaranhado inextricável da fragmentação contemporânea, alternativas extraordinárias a este problema extraordinário: o da sobrevivência da terra, considerado, exatamente, desde nosso ponto de vista particular de observadores muito bem situados histórica e geograficamente e que não admitem ser mergulhados no caldeirão mortal da desesperança, da flacidez ética e da orgia suicida dos vencedores.

ENTENDER E ASSUMIR A OBSOLESCÊNCIA DE ESQUEMAS ESGOTADOS DE COMPREENSÃO DA REALIDADE – O ESGOTAMENTO, O MEDO E A CRISE

Não deveria se constituir, para nós, em nenhum escândalo, o fato de que daqui a dez anos um filho ou neto nosso – nascido já no novo século e no novo milênio – nos chamar de ultrapassados e obsoletos; pois, certamente, somos *gente do século passado, do milênio passado*. Enquanto sobreviventes do século XX e seus herdeiros, quão imensa é a responsabilidade que nos cabe: assumir estes tempos difíceis e levá-los a bom termo, nas melhores condições possíveis, às próximas gerações!

Pois tal se constituiria sim em motivo de indizível escândalo, se alguém da novíssima geração fosse levado a nos considerar obsoletos – e aí definitivamente – porque tenha



vindo a perceber que nos furtamos à nossa responsabilidade histórica inalienável.

Ora, para que isso não aconteça, é necessário que nos adiantemos à argúcia de nossos descendentes e não lhes demos motivos para duvidar de que empenhamos o que estava ao nosso alcance para que o mundo se tornasse melhor. Para tal, é necessário, todavia, segundo nosso entender, que certos parâmetros de insuficiência do mundo contemporâneo sejam caracterizados de maneira absolutamente clara. Estes parâmetros de insuficiência são, no âmbito deste trabalho: *o esgotamento, o medo e a crise*.

ESGOTAMENTO

É possível partir, segundo nossa reflexão, de uma leitura civilizatória que caracterize de forma cabal a insuficiência de modelos epistemológicos atuais em dar conta da infinita variedade de novos aspectos que o *esgotamento e a desagregação de uma totalidade de sentido* trouxeram consigo³.

O fato real é que, por sob uma camada hegemônica e colorida de frenetismo e desespero não suficientemente conscientizados, repousa uma infinita multiplicidade de fragmentos culturais, fragmentos que são *sobras* ou *ruínas* vítimas da violência e das promessas não cumpridas de um modelo civilizatório e, especialmente, de uma modernidade ingenuamente otimista e intrinsecamente violenta.

³ Cf. *Totalidade & Desagregação - sobre as fronteiras do pensamento e suas alternativas*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, especialmente o primeiro Capítulo.



Nunca como agora foi tão visível a incisiva verdade do famoso dito de Walter Benjamin: “nunca houve um monumento de cultura que não fosse também um monumento de barbárie”⁴. E a nossa grande civilização ocidental é este monumento dúbio: sabemos como fazer bilhões de contas por segundo ou como ir a Marte, mas “não sabemos” como livrar o mundo da fome ou respeitar a alteridade de culturas ou pessoas que não se enquadrem em um determinado sistema social, cultural ou econômico. Sabemos esgotar a terra e o mar de seus recursos, mas não sabemos como respeitá-los para que as próximas gerações também entrem em relação com eles.

Vivemos na ambiguidade, na *hipocrisia*; e daí advém uma tensão insuportável em longo prazo, que levará a uma explosão ou implosão mortais. E este não é um dado de pensamento recolhido em si mesmo, mas da realidade do dia a dia; bem o sabem aqueles que, apavorados, se trançam em suas casas com suas coisas ou tentam se proteger da poluição ou dos raios solares mortais franqueados pela destruição irresponsável de certas camadas da atmosfera – tudo aspecto de uma mesma realidade, e esta realidade é: um modelo de desenvolvimento contraditório, desumano e antiecológico e, portanto, absolutamente obsoleto: definitivamente esgotado.

⁴ Sétima Tese de “Sobre o conceito de história.” In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas – magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 225.



MEDO

Naturalmente, a percepção mais ou menos clara, mais ou menos consciente desses fatos conduz a uma terrível situação de *medo* difuso⁵; medo é uma expressão de desorientação e aparece nu em seu constitutivo mais primordial e importante: medo do *Outro*, do Diferente⁶. Este medo assume variadíssimos aspectos: medo da vida, do futuro, do tempo, dos outros, *medo de ter coragem*, medo de ser si mesmo(a), medo da felicidade e do amor, – medos infinitos – que acabam por amarrar definitivamente a pessoa à sua própria insegurança retroalimentada por sua incapacidade de saber ousar, incapacidade de ser *diferente*, incapacidade de aceitar o *Diferente*; o que a transforma no juguete ideal das promessas vazias e da falsidade.

No fundo, a espantosa proliferação dos medos não é mais do que expressão de uma época terrivelmente *solitária* (não é difícil demonstrar que o medo pode ser lido, também, como uma dimensão da solidão, esta doença moderna), uma época dominada pelas determinações da solidão e profundamente egoísta: uma época insustentável, antívida – pois o medo socialmente patologizado não é uma expressão natural e objetiva de proteção da vida, mas a antívida por excelência.

⁵ Cf. *O tempo e a Máquina do Tempo – Estudos de Filosofia e Pós-modernidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

⁶ Cf. *Ainda além do medo – Filosofia e Antropologia do preconceito*. Porto Alegre: DaCasa-Palmarinca, 2002.



CRISE

De “crise” muito se fala; ela é o colapso – ou a ameaça de colapso – de algo; acostumamo-nos a pensá-la em termos catastróficos, negativamente destruidores – quando algo entra realmente em crise, estará certamente muito perto do fim.

Detenhamo-nos, porém, em um aspecto particular e de fundamental importância na questão da “crise”. Este aspecto não se detém na lógica do senso comum, segundo a qual “crise” é sinônimo de negatividade. Trata-se, antes, de uma *volta radical* às origens desse termo, às suas raízes. O que vemos ali? Certamente não uma palavra que traga como carga semântica única a ideia de catástrofe. Crise provém do rico verbo grego “julgar”, “distinguir”, “avaliar”, “romper com”. E é aí, na origem, que repousa o melhor sentido dessa palavra. Pois a crise é, antes de tudo, segundo essa leitura, uma oportunidade preciosa de detenção do automatismo da realidade, do frenetismo dos tempos enlouquecidos, abrindo espaço para um instante de hesitação na massa dos acontecimentos e, portanto, um instante de possível *superação* das condições negativas vigentes. A crise traz consigo uma carga potencial imensa de *positivação do real e de valorização da Alteridade*; é devido às crises de crescimento que as pessoas podem vir a se conhecer melhor, e é devido às crises culturais que as culturas podem vir a se entender melhor.

Devido à nossa *imensa crise civilizatória*, nossa civilização pode recompor as forças que a constituem a fim de aprender a aceitar o inelutável: o *Novo* que se anuncia pelos



interstícios de um bloco maciço em processo acelerado de rompimento e fragmentação⁷.

A crise abandonada em si mesma é a morte. A crise positivada pela responsabilidade e as energias de construção é a *crítica*, é a *vida*. E esta parece ser, exatamente, a nossa tarefa de intelectuais no *aqui e agora*: compreender o mundo e a crise, compreender a profundidade abissal que esta crise assume, e nos responsabilizarmos pelas extraordinárias potências que emergem desde esta difícil e complexa situação.

Naturalmente, não podemos pretender uma visão totalizante; mas a *apreciação consequente* das parcialidades que nos são dadas, ou seja, o seu assumir de forma a honrar dignamente este desafio, é o ponto de partida que indubitavelmente nos cabe. Este é também, em nosso ver, a *condição de possibilidade* para pensar a Educação e a Ciência no século XXI; pois o único modo de pensá-las parte, segundo nosso ver, na trilha arduamente aberta pelo pensamento do filósofo Emmanuel Levinas, por *um respeito radical à Alteridade do Outro*.

SÍNTESE: O SUJEITO ÉTICO COMO O NOVO SUJEITO DA EDUCAÇÃO

Só existe, em nosso entender, uma forma de honrar a responsabilidade que a história deste fim de século nos legou. Trata-se de superar definitivamente os modelos

⁷ Cf. *Totalidade & Desagregação – Sobre as fronteiras do pensamento e suas alternativas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.



“neutralistas’ de Educação, a fim de descobrir e promover o seu potencial realmente dignificante: trata-se de enfrentar o medo e sua lógica, o obsoleto e seu uso ideológico e a dimensão negativa – falsificada – da crise. Este enfrentamento se constitui em um só grande movimento de preservação dos espaços do Diferente, do Outro.

Uma educação construída não como autopreservação do já dado, mas que se entranhe no já dado para desnudar, ali, o não dito, mesmo o “ideológico” – e, portanto, uma ciência com um só interesse: a vida humana e a vida da terra – pois todo o resto de que tais estão ausentes, inclusive as mais belas acrobacias intelectuais, nada mais são do que reverberações de uma totalidade violenta. Uma educação que tenha, como ponto de partida e chave de compreensão, a valorização irrestrita daquilo que, ao longo da história da humanidade e da filosofia, nunca, em nenhum momento, se valorizou de forma realmente digna: o pequeno, o fraco, o indefeso, os restos da história, o Outro. Uma grande transformação crítica construtiva, eis nosso projeto de uma nova ciência que conduza a um novo mundo.

Se na filosofia e ciência modernas, postulava-se que era preciso “ousar saber”, na ciência supercontemporânea os termos se invertem: mais do que nunca, é necessário “saber como ousar”. Um grande rompimento da solidão universal, de modo que o sujeito não se entenda enquanto tal senão enquanto responsável pelo Outro, pelo que não é ele, e não sobreviva nem um segundo respirando o ar que ele mesmo destila; de forma que os medos, medo da felicidade, medo do





amor, medo de ser, medo de mudar, as crises “negativas” e o esgotado obsoleto recolham-se aos seus devidos lugares, os subterrâneos da história que sempre tentaram assombrar e de onde nunca deveriam ter saído enquanto decadentes fantasmas que realmente são.

Se o primeiro modelo se balizava por uma ideia pré-crítica de sujeito, o segundo só pode ser concebido desde a reconstrução ética da subjetividade. Uma tarefa difícil, sem dúvida, mas digna de nossos maiores e melhores esforços. Pois se outro motivo não houvesse para empenharmos nesta tarefa todas as nossas energias, este motivo seria suficiente: a alternativa é o suicídio socioecológico da raça humana. Uma alternativa sem dúvida indigna de nossas forças, de nossas esperanças e de todo futuro nosso e dos que ainda não nasceram.





NEUROCIÊNCIA E A INTEGRALIDADE DOS SABERES NA EDUCAÇÃO¹

Leonor Bezerra Guerra²

“Educar é crescer. E crescer é viver. Educação é, assim, vida no sentido mais autêntico da palavra. A educação e a sociedade são dois processos fundamentais da vida, que mutuamente se influenciam”.

Anísio Teixeira, educador

Educamos cotidianamente. Educamos para transformar. Educação é o processo que possibilita o desenvolvimento do potencial que existe em cada ser humano. Por meio dela, propiciamos ao indivíduo oportunidades e orientação para aprendizagem. Assim, ele adquire os mais diversos comportamentos, necessários para sua vida em sociedade e para sua sobrevivência como espécie, obtendo recursos que lhe permitem transformar sua prática e o mundo em que vive. Esses comportamentos, base de nossos saberes, constituem as atitudes, conhecimentos, habilidades, competências que cada indivíduo apresenta. Eles variam conforme o momento sócio-histórico e a cultura em que esse indivíduo nasce e desenvolve seu ciclo vital. Alguns saberes são mais relevantes para o aprendiz no século XXI do que eram no passado. Ser criativo, saber localizar informações, fazer bom uso da tecnologia, julgar criticamente a

¹ Artigo referente à conferência Neurociência e a integralidade dos saberes na Educação, proferida no 6º Congresso Nacional das Escolas Franciscanas. Santa Maria, RS, 2015.

² Médica, mestre em Fisiologia e doutora em Biologia Celular pela UFMG, neuropsicóloga pela Universidade FUMEC, professora de Neuroanatomia no Departamento de Morfologia do ICB/UFMG, docente do Programa de Pós-graduação em Neurociências da UFMG e coordenadora do Projeto NeuroEduca.



informação, saber usar o que se aprende, saber se comunicar com as pessoas, trabalhar e decidir em grupo, saber conviver, ser flexível em relação aos próprios comportamentos e ideias e às ideias e comportamentos dos outros, atuar em seu entorno social, ter responsabilidade, autonomia e postura ética, são alguns exemplos (MORIN, 2000; SILVA, CUNHA, 2002).

Para atingir seus objetivos, a educação depende do processo sociobiológico da aprendizagem. E aprendizagem está intrinsecamente relacionada à estrutura e funcionamento do Sistema Nervoso (SN), em especial do cérebro humano. A neurociência contribui para o entendimento do processo de aprendizagem e desenvolvimento dos indivíduos. Por meio dela, compreendemos os aspectos biológicos, psicológicos e cognitivos da aprendizagem e de como eles são influenciados pelos diversos fatores genéticos, ambientais e sociais. Ao conhecer melhor o funcionamento cerebral, educadores têm uma perspectiva adicional sobre a aprendizagem, o que contribui para sua autonomia e criatividade diante desse processo (GUERRA, 2011). Bilhões de crianças frequentam as escolas em todo o mundo, vivendo o processo de aprendizagem. Por isso, e pela busca de mais igualdade de educação, é importante refletir sobre como a neurociência pode contribuir para a educação baseada em evidências (SIGMAN et al., 2014).

Por meio da aprendizagem, crianças, adolescentes, adultos e idosos desenvolvem novos comportamentos. As estratégias pedagógicas utilizadas pelos professores no dia a dia da escola, a convivência com os pais no contexto familiar e as interações, que o aprendiz tem com a comunidade em que





vive, são estímulos que entram no SN pelos diversos órgãos dos sentidos. Esses estímulos produzem alterações elétricas e químicas nas células nervosas, os neurônios, que estão conectados entre si por meio de sinapses, constituindo redes ou circuitos neurais. A atividade neural desencadeada produz modificações na forma como os neurônios se conectam entre si, fenômeno denominado neuroplasticidade ou plasticidade neural. O novo padrão de organização da rede neural gera um novo comportamento. Assim, o processo ensino-aprendizagem resulta nos novos saberes do aprendiz (LENT, 2010; COSENZA; GUERRA, 2011).

Aspectos cognitivos, sociais, emocionais, éticos, psicomotores e atitudinais dos saberes relacionam-se a diferentes redes neurais do cérebro, que trabalham em conjunto. A atividade desses circuitos neurais produz as funções mentais, ou seja, sensações, percepções, atenção, emoção, atribuição de significado, memória, raciocínio lógico, visão espacial, linguagem, função executiva, capacidade de decidir e elaborar estratégias para solução de problemas, flexibilidade comportamental e inibição de comportamentos inadequados, impulsividade, entre outras, conjunto que chamamos de cognição. Essas funções contribuem para a identidade, inteligência, criatividade, atitude ética, sociabilidade, enfim, saberes de uma pessoa (COSENZA; GUERRA, 2011).

Vários aspectos da aprendizagem são esclarecidos pela neurociência (LENT, 2010; COSENZA; GUERRA, 2011). Quando estamos em interação com o ambiente, ativamos muitas e distintas redes neurais. Mas não conseguimos manter a mesma





atividade em todas elas simultaneamente. É a atenção que faz a escolha. A atenção é o primeiro limitador da aprendizagem e imprescindível para a formação de memórias. A atenção é mobilizada pelas situações e assuntos relevantes, significativos, novos ou que desencadeiam bem-estar.

A atividade repetida das redes neurais leva à formação de novas conexões ou “caminhos” entre os neurônios, ou melhora conexões já existentes. Isso é neuroplasticidade, a propriedade de “fazer e desfazer” sinapses entre neurônios. Ela possibilita a reorganização da estrutura do SN e constitui a base biológica da memória e, portanto, da aprendizagem. Por meio dela, são formadas novas memórias, conhecimentos, habilidades, atitudes e também esquecidos comportamentos e informações pouco utilizados ou menos importantes. A memória não se forma de imediato, “da noite para o dia”. Ela implica envolvimento com o que se quer aprender e em gasto energético. A neuroplasticidade se realiza durante os períodos de sono, por meio de reações químicas e produção de proteínas. Por isso ela requer tempo e reexposição aos conteúdos e experiências, sob formas diferentes e níveis de complexidade crescentes. Enquanto dormimos, o cérebro reorganiza suas sinapses, elimina aquelas em desuso e fortalece aquelas importantes para comportamentos do cotidiano do indivíduo. Sono sadio, alimentação equilibrada e vida menos estressante contribuem para a boa memória.

De certa forma, crianças possuem uma neuroplasticidade mais eficiente do que os adultos, apresentando mais facilidade e rapidez para certos aprendizados. O cérebro delas é





mais receptivo para novas informações. Daí a importância de se realizar intervenções que favoreçam o desenvolvimento do potencial cognitivo de uma criança o mais cedo possível. Intervenções mais tardias ainda assim darão resultados, mas poderão demandar mais tempo e maior frequência de estimulação.

As emoções indicam para o cérebro o que é importante para a sobrevivência do indivíduo e o que vale o esforço e gasto energético, ambos necessários à aprendizagem. O aprendiz aprende aquilo que o afeta, que o emociona, o que é significativo e necessário para ele viver bem e esquece o que não tem relevância. Áreas cerebrais que regulam as emoções, relacionadas ao medo, ansiedade, raiva, prazer, motivação, têm conexões com áreas importantes para a formação de memórias. Situações que favorecem a aprendizagem são aquelas prazerosas, estimulantes, que produzem curiosidade e expectativa, signifiquem desafios, seguidas de sensação de bem-estar pela solução da questão, permeadas por afeto ou até mesmo por pequeno e transitório estresse, como em caso de tarefas difíceis, mas transponíveis. A ativação de circuitos neurais de prazer e recompensa no aprendiz fará com que ele perca o medo de errar. É importante que o aluno perceba que seu esforço está lhe propiciando novas habilidades, dando resultados. Isso o motivará a experimentar mais, repetir o que aprendeu, fazer novas tentativas com mais frequência. A emoção é o carro-chefe da aprendizagem e pode (e deve) ser bem conduzida pelo professor.

Cada indivíduo tem um cérebro único e singular. As características de seus circuitos neurais, previstas nas in-





formações genéticas recebidas dos pais e outros ascendentes, são construídas durante sua gestação, influenciadas por condições específicas desta e, após o nascimento, remodeladas pelas interações do indivíduo com o meio em que vive. Esse é o fundamento da neurodiversidade (ARMSTRONG, 2012). Cérebros diferentes possuem distintos modos de pensar e aprender. É necessário o estabelecimento de um “nicho positivo”, ambiente favorável no qual cada estudante possa desenvolver seu potencial, aceitando suas diferenças e focando naquilo que eles podem fazer e não nas suas limitações.

Anísio Teixeira, em época na qual a neurociência ainda não esclarecia muito sobre os processos cerebrais, refletiu e lutou pela educação de qualidade e para todos (NUNES, 2000), por meio de ideias que dialogavam com a neurociência. A perspectiva de uma educação pautada pela integralidade dos saberes mobiliza, em sua totalidade, as estruturas e respectivas funções cerebrais do indivíduo e, assim, contribui para o melhor e pleno desenvolvimento do potencial que todo aprendiz traz em si.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, T. **Neurodiversity in the classroom**: strength-based strategies to help students with special needs succeed in school and life. Alexandria: ASCD, 2012.

COSENZA, R. M.; GUERRA, L. B. **Neurociência e educação**: como o cérebro aprende. Porto Alegre: Artmed, 2011.





GUERRA, L. B. O diálogo entre a neurociência e a educação: da euforia aos desafios e possibilidades. **Revista Interlocação**, Belo Horizonte, v. 4, n. 4, p. 3-12, 2011.

LENT, R. **Cem bilhões de neurônios?**: conceitos fundamentais de Neurociência. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2010.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

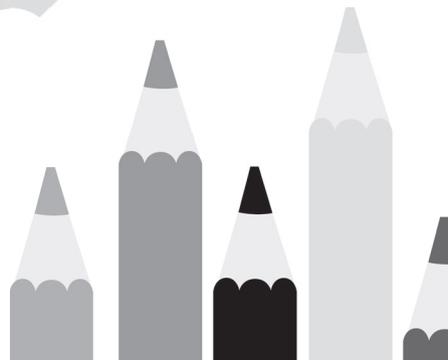
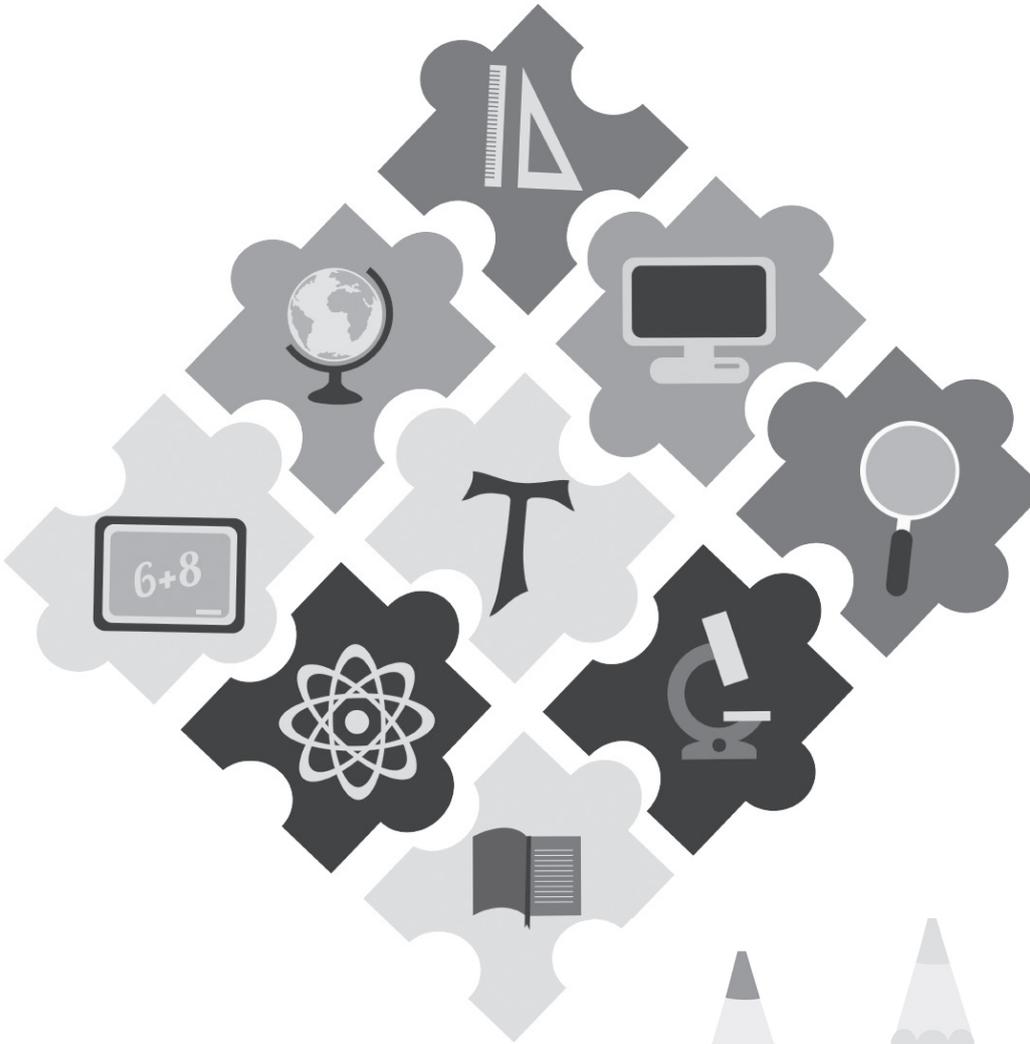
NUNES, C. Anísio Teixeira entre nós: a defesa da educação como direito de todos. **Educação e Sociedade**, Campinas, SP, v. 21, n. 73, p. 9-40, 2000.

SIGMAN, M. et al. Neuroscience and education: prime time to build the bridge. **Nature Neuroscience**, v. 17, n. 4, 497-502, 2014.

SILVA, E. L.; CUNHA, M. V. A formação profissional no século XXI: desafios e dilemas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 3, p. 77-82, set./dez. 2002.



OFICINAS





ENSINO DE ARTES: A ESCULTURA E POSSÍVEIS ABORDAGENS METODOLÓGICAS

Catiuscia Bordin Dotto

Colégio Franciscano Sant'Anna

sse@colegiosantanna.com.br

Nas décadas de 1960/70, a produção artística presenciou transformações que delimitaram diretrizes para a arte até nossos dias. Nesta reflexão, pretendemos transitar pela arte *Minimalista* e pela *Land Art* a partir da obra do artista norte-americano Robert Smithson. A ideia é culminar no elemento comum de ambas as vertentes: o espaço e na forma como ambos cenários protagonizaram a ruptura com o que entendíamos por escultura até então, e, assim, percebermos os elementos estéticos da arte na contemporaneidade.

A importância em tratar e discutir esse período da arte encontra-se na definição de que, neste momento, escultura e pintura dão lugar a algo novo. Diluem-se em outras formas de manifestação artística, expandem-se no espaço. Esse novo geralmente tridimensional, porém, também pictórico. É nesse contexto que os artistas inauguram a reflexão escrita, até então pertinente a críticos e historiadores. Compreender essas origens à luz da sua essência poética e da teoria, que a revisita, se faz necessário para compreender a produção artística na contemporaneidade.

Objetos específicos ou *novos trabalhos* é a forma como Donald Judd define o que via quanto produção artística con-



temporânea. Hoje, reunimos esses trabalhos sob o título de Minimalismo¹, atribuído por Richard Wollheim em 1965, segundo Didi-Huberman (1998, p. 49). Judd, em seu texto também denominado *Objetos específicos*, fala de como percebe a sua produção e a de seus contemporâneos na década de 1960, transitando entre algo que não era pintura e também não era escultura. Algo que “desafia ambas” (JUDD, 1965, apud FERREIRA; COTRIM, 2006, p. 98). Esses *novos trabalhos* inauguram uma nova forma de arte, de modo que são, em sua maioria, tridimensionais como a escultura, porém, já não é pertinente aos mesmos a ilusão à qual esta secularmente estava atribuída. Embora possuam a presença da cor, não são pinturas, pois saem do limite que esta linguagem impunha à superfície de uma forma. E quando estão dentro desta forma (a que limita a superfície de um quadro), trazem-na como elemento.

“*Estrato de Vidro*”, realizada por Robert Smithson em 1967, consiste em uma pilha de lâminas de vidro sobre a qual podemos recorrer alguns elementos fundamentais do Minimalismo: a ordem, o material e a ausência de metáforas. Inicialmente, falamos da composição que os minimalistas propunham. Uma ordem específica, uma coisa após a outra, elementos empilhados, enfileirados que não constituíssem relações racionais: “A ordem não é racionalista e prioritária, mas é simplesmente ordem, como de continuidade, uma coisa depois da outra” (JUDD, 1965, apud FERREIRA; COTRIM, 2006, p. 102).

¹ É importante ressaltar que esse agrupamento de obras sob o título de Minimalismo, segundo David Batchelor (1999), nunca foi assumido pelos artistas agrupados. Todavia, diversas obras deste período apresentaram características semelhantes e assim foram esquematicamente classificadas. O próprio Robert Smithson possui poucos trabalhos, apenas Rosalind Krauss (2001) assume como Minimalistas.





O material que Smithson usa para compor, lâminas de vidro, não sugere outra leitura que não seja a de vidro, vemos exatamente o que devemos ver em sua forma e em suas relações quanto volume no espaço. Para Krauss (2006), os materiais usados pelos minimalistas se aproximam dos usados nos *Ready Mades* por Duchamp ou mesmo na Pop Art pelo fato de serem não convencionais ao uso artístico e buscados no cotidiano. São lâminas de vidro, tijolos refratários, acrílicos, latão; como afirma Judd, são simplesmente materiais e mantêm sua qualidade de materiais. Didi-Huberman (1998) ressalta que são materiais tão estáveis quanto os utilizados pela escultura clássica, porém, atemporais quanto objetos artísticos, não devem ser vistos além da sua materialidade.

Esses dois aspectos, o material em sua essência e a composição utilizada, levam-nos a fundamental característica do Minimalismo, a ruptura com qualquer forma de representação. A não existência de metáforas no objeto que se apresenta. A partir da teoria de Didi-Huberman, esses objetos são, em um primeiro momento, objetos tautológicos, pois o que vemos é exatamente o que devemos ver. O objeto visto a partir da tautologia, para o autor, é visto sob a recusa de temporalidade, de metamorfose e de memória; “recusar a aura do objeto” (DIDI-HUBERMAN, 1998, p. 40). A tautologia é uma forma de ver contrária a crença. Na crença, o olhar é transfigurado por algo que é de outro, assim se atribui ao que é olhado um significado que o refaz como símbolo. Os minimalistas repudiam qualquer simbologia como afirma Krauss, “os escultores minimalistas, tanto em sua escolha de materiais como em seu método de





os compor, tinham por objetivo negar a interioridade da forma esculpida” (1998, p. 303).

Um possível sentido da obra minimalista está no seu exterior, no que vemos e em como nos relacionamos com o que vemos. Os trabalhos minimalistas não são mais puramente objetos deslocáveis, estão no espaço e delimitam nossa relação com esse espaço. Os objetos minimalistas referem-se à experiência proposta aos corpos dos sujeitos que os olham: “dar a ver é sempre inquietar o ver, em seu ato, em seu sujeito” (DIDI-HUBERMAN, 1998, p. 77).

Para Krauss, está evidente que essa experiência vai culminar na significação por parte destes sujeitos, “nosso corpo e nossa experiência de nosso corpo continuam a ser o tema desta escultura” (1998, p. 333). É uma relação corporal dentro do espaço no qual o objeto minimalista provoca, assim como as grandes movimentações de terra propostas pela *Land Art*.

Quando falamos desta corporalidade presente na arte, ora denominada ainda escultura, ora denominada tridimensional, entendemos a relação desses objetos com o espaço e com o “público”. Nesse momento, a escultura deixa de fato de ser aquele objeto a ser observado, repousando sobre um pedestal. O que os Minimalistas nos apresentam são corpos que habitam esse espaço e ao habitar modificam as relações do nosso corpo espectador, com o espaço e com o objeto artístico. Deixamos de ser espectadores para vivenciar uma outra experiência de presença. Nossa presença junto a um objeto também presente. Seja ele um objeto de dimensões para uma sala de galeria,





seja as grandes movimentações de terra que designam a produção mais conhecida de Robert Smithson.

Conhecidas como *Land Art*, *Earthworks* ou *Escultura Ambiental*, os trabalhos produzidos por Smithson, no final da década de 1960, originam-se da experiência minimalista. Porém, o que no minimalismo eram objetos ocupando e dialogando com um espaço, na *Land Art*, a escultura é o próprio espaço. Se o objeto minimalista era específico, agora lugares específicos sofrem grandes ações que propõem uma imersão ao observador.

Estamos falando de grandes movimentações de terra, como *Quebra-mar espiral*, 1970, em que o artista desenvolveu um dique de 45 metros em espiral em um lago nos EUA. Ou como *Descida de asfalto*, realizado em Roma, no ano de 1969, em que caminhões despejaram cargas de asfalto em um declive de terreno, entre outros diversos projetos executados por Smithson. São grandes fluxos e imensas contenções que buscam referência na força natural dos elementos. Para Smithson, o artista deve libertar-se das ferramentas e dos espaços do *atelier*. A arte deve desenvolver-se sem as amarras críticas que a direcionam como mercadoria e deve ser então uma experiência. No que se refere à questão da corporalidade, *Quebra-mar espiral* é um trabalho que deve ser penetrado para ser verdadeiramente sentido, apreciado. Nesse caso, artistas não produzem objetos para estarem em galerias e, sim, uma nova proposta de se perceber a arte. A partir da manifestação artística, a ideia é que se explorem novas existências para atingir o apreciador. Penetrar essa obra de Smithson deve levar “ao retorno à Mãe Terra, que constitui um renascimento de um sentimento muito





arcaico”, como afirma o próprio escultor. Assim, não suscitará uma experiência artificial.

Esse contexto nos leva a perceber a escultura e as implicações que ela sofre. O que antes era um objeto definido como marco comemorativo, possuindo simbologia e narrativa, secularmente instauradas, vai desvanecendo durante o século XX e é rompido pelos artistas da década de 1960. Como nos coloca Krauss (2006), durante o século XX, o monumento vai perdendo seu espaço, perde seu lugar. A escultura se torna nômade, absorve seu pedestal e então, na década de 1960, “havia entrado numa categórica terra de ninguém: a escultura era aquilo que estava em frente a um edifício e que não era o edifício, ou aquilo que estava na paisagem e não era a paisagem” (KRAUSS, 2006). O que nos define a autora como o campo expandido, o espaço de experimentações articulado por Robert Smithson e seus contemporâneos, o espaço/lugar como elemento integrante.

E assim, a pós-modernidade é espaço de campo ampliado, uma vez que a prática não se restringe mais ao objeto apenas, “o campo proporciona ao artista um conjunto finito, porém ampliado de posições relacionadas a empregar e explorar” (KRAUSS, 2006). Como afirmou Judd: “as três dimensões são principalmente um espaço para mover-se” (FERREIRA; COTRIM, 2006, p.102).

A partir da compreensão conceitual desse campo ampliado na arte e da própria experiência em pensar a arte no espaço, quais propostas pedagógicas podemos desenvolver, as quais venham a permear o ensino da arte e dos demais componentes curriculares?





REFERÊNCIAS

ARCHER, M. **Arte contemporânea uma história concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BATCHELOR, D. **Minimalismo**. São Paulo: Cosac & Naify, 1999.

DIDI-HUBERMAN, G. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 1998.

FERREIRA, G.; COTRIM, C. (Org.). **Escritos de Artistas anos 60/70**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

KRAUSS, R. **Caminhos da escultura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

KRAUSS, R. **La originalidad de La vanguardia y otros mitos modernos**. Madrid: Alianza Editorial, 2006.





O CÉREBRO DO AVESSO

Daniela Martí Barros

Professora Associada IV de Neurociências e Farmacologia – Coordenadora do Laboratório de Neurociências – Instituto de Ciências Biológicas, da Universidade Federal de Rio Grande – FURG.

Estudos no campo das neurociências têm contribuído para elucidar as bases neurobiológicas do funcionamento cerebral. Essas informações têm colaborado para um melhor entendimento de processos relacionados à aprendizagem, memória, comportamento. Dessa forma, a divulgação desses conhecimentos para a comunidade em geral, em especial para profissionais da educação, busca nas neurociências subsídios para aprimorar a compreensão dos processos de ensino e aprendizagem a partir de uma perspectiva inovadora.

Você que está lendo este artigo provavelmente aprendeu na escola que o cérebro é um órgão que pouco se modifica, os neurônios não se reproduzem e por aí vai...

Hoje sabemos que o cérebro é o órgão mais plástico que temos, aquele que mais se modifica. Assim, se pudéssemos fazer um “escaneamento” do seu cérebro antes e depois de você ler este artigo certamente o seu cérebro não seria o mesmo.

Pois bem, nas últimas décadas, muitos estudos têm sido realizados abordando detalhadamente o funcionamento do cérebro, especialmente por meio da utilização de técnicas de imagem como, por exemplo, ressonância magnética funcional. Mas



temos de ter em mente que os estudos com o cérebro começaram há muito mais tempo. Por exemplo, nos anos de 1860, acreditava-se que o cérebro funcionava como um órgão único com múltiplas funções, à semelhança do fígado. Em 1861, Jean Pierre Paul-Broca, um médico francês, observou atentamente um dos seus pacientes que havia sofrido uma lesão cerebral e somente verbalizava os sons “tan-tan”. Logo após a morte desse paciente, lembre-se de que naquela época não havia exames de imagem, Broca analisou o cérebro desse paciente e percebeu uma alteração no lobo frontal esquerdo. Esse foi um marco histórico a partir do qual se levou em consideração que as funções cerebrais possuem uma localização específica no cérebro.

O cérebro está dividido em quatro lobos: frontal, temporal, parietal e occipital. Cada um deles se ocupa de uma função importante, não esquecendo que esses lobos se comunicam intensamente. Assim, o lobo frontal se encarrega das funções executivas como atenção, tomada de decisão, julgamento, gerenciamento do tempo, controle das emoções, entre outras. No lobo temporal, processam-se a compreensão linguística, audição, memória, olfação, entre outras. No lobo parietal, são processadas atividades como raciocínio analítico, atenção visuoespacial, já o córtex occipital processa atividades relacionadas à visão, como a visão analítica, percepção de velocidade, percepção de cores e movimentos.

Mas, não podemos deixar de mencionar dois grandes cientistas que marcaram a história no campo da neurociência. São eles Camillo Golgi (1843-1926) e Santiago Ramón y Cajal (1852-1934). Mas afinal qual foi a contribuição deles? Golgi, his-





tologista italiano, utilizou uma coloração à base de sais de prata e percebeu que os neurônios se coravam de preto. Ele acreditava que os neurônios formavam uma única estrutura. Mas foi Cajal, um histologista espanhol, que utilizando e aperfeiçoando a técnica de Golgi desvendou os mistérios das conexões em muitas regiões do cérebro. Incrível é que os dois pesquisadores tinham pensamentos opostos e dividiram o Prêmio Nobel em 1906. Mas na ciência é assim que acontece, partimos de conhecimentos prévios e vamos aprimorando.

E hoje o que sabemos? Acredita-se que no cérebro existam, aproximadamente, 86 bilhões de neurônios, sem contar outras células que compõem o sistema nervoso central que são as células da glia de fundamental importância para o funcionamento do nosso cérebro, pois auxiliam na infraestrutura, na nutrição, ajudam a produzir a mielina, fazem a defesa contra organismos estranhos no cérebro, entre outras funções.

Os neurônios são células que apresentam três estruturas: o soma (onde está o núcleo), os dendritos, que se parecem com ramos de árvores e uma estrutura que pode variar de poucos micrômetros até mais de um metro que são os axônios, que funcionam como uma linha telefônica no cérebro. Além disso, os neurônios são capazes de conduzir impulsos nervosos como se fossem fios elétricos conduzindo eletricidade.

Mas afinal como esse sistema todo funciona?

Os neurônios se comunicam entre si, principalmente através de substâncias químicas, chamadas de neurotransmissores, como a dopamina, acetilcolina, serotonina, noradrenalina, glutamato, GABA, entre outros, que são liberados em um





espaço muito pequeno que fica entre eles, a sinapse. Esses neurotransmissores são liberados na sinapse e se ligam em locais específicos da superfície do neurônio, os receptores, produzindo uma resposta que pode ser excitatória ou inibitória.

As informações chegam ao cérebro a partir do sistema sensorial, isto é, da visão, da audição, do olfato, do paladar, do tato. Quando esses estímulos chegam ao cérebro são “processados” e transformados em impulsos nervosos. Isso tudo acontece de forma organizada, assim, grupos de neurônios são ativados a fim de processar a informação. Se for algo relevante, isso é como um conteúdo emocional importante, logo a tendência é que essa informação seja armazenada na memória.

Por exemplo, todos nós ficamos muito chateados quando a seleção brasileira levou 7 x 1 da Alemanha, provavelmente não vamos esquecer isso tão cedo. Poderíamos nos perguntar onde fica armazenada essa informação? Para entender um pouco melhor em 1949, nem faz tanto tempo assim, o psicólogo Donald Hebb formulou a hipótese de que a atividade coordenada entre um neurônio pré-sináptico (que fica antes da sinapse) e um neurônio pós-sináptico (localizado depois da sinapse) reforça as conexões entre eles. O postulado de Hebb foi originalmente formulado para explicar as bases celulares do aprendizado e memória. Então, a memória é armazenada em redes neurais que se “fortalecem” com o processamento de informações relevantes. Esse processo se chama plasticidade neuronal, que consiste basicamente nas alterações morfológicas (de forma) e/ou funcionais dos neurônios em resposta a estímulos que podem variar em relação à intensidade. Já foi mencionado





anteriormente que a tendência é as memórias as quais apresentam um conteúdo emocional sejam armazenadas por mais tempo, assim quanto mais “carregada” emocionalmente uma memória, maior a plasticidade neuronal daquela rede que está armazenando aquela informação.

E por falar em memória, o que será que acontece quando temos um “branco”? Normalmente, isso acontece quando estamos muito estressados. Talvez você já tenha vivenciado uma situação em dia de prova, em que você estudou muito, muito mesmo e chegou na hora da prova e não conseguiu lembrar a resposta. Entregou a prova, foi para o intervalo e ao comentar as questões com os colegas as respostas vinham à mente. Aí a gente fica mais chateada ainda. Acontece que quando estamos muito estressados ocorre uma grande liberação de hormônios do estresse, como adrenalina e cortisol, que em grandes concentrações reduzem o desempenho, é como se o cérebro desligasse o disjuntor. Por outro lado, se os níveis de adrenalina estiverem muito baixos, o nosso estado de atenção, vigília também estarão reduzidos. Dá para imaginar isso construindo um gráfico, onde no eixo do X colocamos grau de estresse e no eixo do Y será representado o desempenho. Teremos uma curva em U invertido, faça esse exercício!

Ainda bem que não vivemos em constante estresse e se soubermos como controlá-lo, certamente a nossa qualidade de vida será muitíssimo melhor.

Mas o que podemos fazer para “exercitar” nosso cérebro? Você já deve ter escutado falar em fazer palavras cruzadas, jogo da memória, jogo de xadrez... todos são válidos e explo-



ram aspectos diferentes como estratégias, memória de trabalho, memória visuoespacial, proporcionando diversas formas de aprendizagem. Mas tem uma atividade, relativamente simples que “exige” positivamente do nosso cérebro e aumenta a plasticidade sináptica que é a leitura! Quando lemos ativamos muitas áreas cerebrais, como a área de reconhecimento das palavras, significação, interpretação do conteúdo de leitura; isso tudo aumenta o número de conexões sinápticas, de modo que enriquece nosso processo cognitivo. Além disso, essa é uma atividade que podemos realizar desde a infância até a velhice. Não esqueçamos que não existe idade mínima, nem máxima para exercitar o cérebro. Como foi dito no início deste texto, o cérebro é o órgão que mais se modifica ao longo da vida, mesmo se com o avançar da idade as modificações não acontecem na mesma intensidade de quando somos jovens, sempre é tempo de “investir”. É cada vez mais comum presenciarmos indivíduos idosos adentrarem na era digital, relacionar-se virtualmente, navegar no *Facebook* entre tantas outras coisas. Claro que todos vocês já perceberam que a expectativa de vida aumentou muito nos últimos tempos, então conservar o cérebro saudável é importantíssimo. Assim, outra atividade que auxilia na “saúde do cérebro” é a realização de exercícios físicos. Quando nos exercitamos o fluxo sanguíneo aumenta, são liberados vários neurotransmissores, que promovem sensação de bem-estar e fatores de crescimento de neurônios que mantêm os neurônios saudáveis por mais tempo. Cabe lembrar aqui que além dos processos de plasticidade neuronal em neurônios já existentes, o cérebro é capaz de produzir novos neurônios, embora





a quantidade de neurônios que perdemos durante a vida seja muito maior do que a capacidade em produzir novos neurônios. O nascimento de novos neurônios chama-se de neurogênese.

Por fim, durante toda a nossa vida, estamos expostos a influências ambientais, culturais e sociais que nos fazem seres únicos, pois a maneira pela qual processamos nossos pensamentos, emoções, nossa motivação e nossas ações ficam “registrados” em nossas redes neurais e traduzem nossos comportamentos.

REFERÊNCIAS

BARROS, D. Memória. **Comciência**. Revista eletrônica, 2004. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/memoria/15.shtml>>. Acesso em: 12 mar. 2015.

GAZZANIGA, M. S.; HEATHERTON, T. F. **Ciência Psicológica: mente, cérebro e comportamento**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

HIGGINS, E.; GEORGE, M. **Neurociências para Psiquiatria Clínica**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

HOUZEL, S. H. **O cérebro nosso de cada dia: descobertas da neurociência sobre a vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.

KANDEL, E. R. et al. **Princípios de Neurociências**. Porto Alegre: Artmed, 2014.





KREBS, C.; WEINBERG, J.; AKESSON, E. **Neurociências Ilustrada**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

LENT, R. **Cem bilhões de neurônios?** Conceitos fundamentais de neurociência. São Paulo: Atheneu, 2010.

MAIA, H.; THOMPSON, R. **Neurociências e desenvolvimento cognitivo**. Rio de Janeiro: Wak, 2011.

PURVES, D. et al. **Neurociências**. Porto Alegre: Artmed, 2005.





A ARTE E O ARTESANATO INTERLIGANDO SABERES¹

Edir Lucia Bisognin²

Elza Hirata³

RESUMO

Quando situamos o homem no seu espaço tanto urbano quanto no interior, os aspectos sociais, culturais, econômicos e artísticos sempre influenciaram na sua formação até a atualidade. No interior, podemos perceber as raízes dos fazeres artesanais e sua valorização desde o plantio, a colheita, a herança cultural resgatados de pai para filho, mãe e filha, porque está mais próximo do seu cotidiano. A arte é um canal, o qual também se reconstrói com esta sensibilidade do entorno que o cerca e reverbera a vida entremeios das diferentes linguagens e manifestações artísticas. O homem não se constrói sem suas vivências individuais e coletivas, que de certa forma envolvem as diversidades eleitas das manifestações e das culturas humanas herdadas e enriquecem seu repertório de vida. Este conhecimento acumulado adquirido na cultura em que vive e a soma à experiência do outro, ou do grupo, formam a corrente da interação social e a produção histórica desta relação. Desta forma, este tema tem como foco central o objetivo de desenvolver re-

¹ Oficina desenvolvida no 6º Congresso Nacional das Escolas Franciscanas.

² Docente do Curso de Design – Centro Universitário Franciscano. E-mail: edir@unifra.br

³ Docente do Curso de Tecnólogo em Design de Moda – Centro Universitário Franciscano. E-mail: elzahirata@unifra.br



flexões sobre arte e artesanato, a fim de interligar os saberes e seu conhecimento. A proposta metodológica de oficina pedagógica busca aliar as vivências, memória, arte, artesanato e outros saberes, de forma a propiciar a compreensão da construção de significados em uma ação criadora para que a relação teoria-prática agregue valores ao conhecimento e a experiência do coletivo.

Palavras-chave: Arte. Artesanato. Educação. Moda. Saberes.

INTRODUÇÃO

O tema A Arte e o Artesanato Interligando Saberes pode ser compreendido como a estética do cotidiano, em que ocorre uma pluralidade de saberes e fazeres. Tendo como referências as atividades desenvolvidas no convívio diário, avós, filhas e netas deixam um legado cultural de beleza que perpassa os séculos. Todas as técnicas artesanais culminam com habilidades que vão se somando a novos conhecimentos e se conectando a outras áreas do saber. Nesse amálgama cultural de sabedorias empíricas, a herança cultural vai sendo transmitida para as futuras gerações. O artesanato se constitui em produtos feitos à mão.

Souza Filho (2013) destaca que o objetivo maior é

compartilhar memórias e interligar saberes numa reflexão sobre as diversas formas de discussões teóricas e de práticas educacionais que permeiam a identidade e a linguagem de cada componente curricular e do grupo acadêmico.





A beleza presente no produto artesanal é apontada pela condição do artesão, na sua identidade regional e local, pois carrega consigo símbolos culturais capazes de conservar sua identidade. Assim, o indivíduo se transforma sempre, se refaz, se reconhece e se identifica em várias linguagens independente da política, da economia, da ideologia ou hegemonia dominante.

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia utilizada far-se-á a partir do uso de recurso audiovisual e as abordagens teóricas respectivas ao tema apresentado. A teoria e as imagens serão fundamentais para subsidiar a compreensão e desvelar as significações da arte e outros saberes, intensificando as experiências e resultados deste cenário. A soma desses olhares será fundamental para recriar a percepção e pensamento crítico na compreensão de conceitos, de forma a assimilar a multiplicidade deste percurso. A partir das análises das imagens, das reflexões acerca das concepções que fundamentam esta vivência com cada participante, estas serão subsídios para articular, por meio da formação de grupos, uma pesquisa que contextualize e integre seus fazeres e pares, para desencadear o processo de ensino-aprendizagem em uma construção colaborativa.

A finalidade principal desta oficina é trabalhar o processo de interligar saberes e fazeres da arte e do artesanato com outras áreas como a História, a Matemática e o Design, a fim de construir um espaço no qual se formem crianças e adolescentes para serem construtores ativos da sociedade,



de modo a exercerem sua cidadania. Essa atividade busca contribuir no desenvolvimento de uma prática educativa, participativa e dialógica, a partir da articulação teoria-prática.

Assim, a partir dessa ação, busca-se apresentar reflexões sobre o significado do artesanato, a partir de um estudo sobre uma metodologia passível de ser desenvolvida com crianças e adolescentes, e refletir sobre as contribuições desta ação para educadores e educandos. Busca-se, portanto, compartilhar saberes, aprendizados, experiências, caminhos, vislumbrando a troca de experiências, ampliando as possibilidades de cooperação entre educadores e pesquisadores que trabalham com a educação. A metodologia a ser utilizada será a de trabalho em grupos, a qual permite a troca de experiências e a construção de um eixo estrutural que será apresentado aos participantes da oficina.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A arte tem sido representada desde o período do homem pré-histórico. Janson (2001) relata que a arte paleolítica impressiona pelas manifestações temáticas de animais, pintadas, gravadas ou mesmo esculpidas nas frias e gélidas paredes das cavernas. A questão em si nos leva a repensar a importância destes esboços e a profusão destas imagens como elemento que fideliza o sentido da vida. Não são apenas linhas, texturas e cores que caracterizam estas câmaras que ultrapassam a magia, a religiosidade, rituais do homem. Elas representam o registro de uma memória ativa que nos completa o conhecimento e





saberes de uma época e de um povo. Pelegrini (2008) comenta a respeito da importância destes registros, pois o que temos de concreto são as imagens nas cavernas. Essas representações são partes fundamentais de um processo de linguagem que outros animais não desenvolveram. Porém essas imagens não apenas retratam um grupo, animais feridos, mas também o desejo contido de intervir para que o animal seja caçado. Perpassa também a caça, porque esses registros nas paredes doam com toda sensibilidade uma memória milenar, projetada em formas e volumes a simbologia imagética para abastecer o conhecimento.

No artigo de Trindade (2011), enfoca-se a artista plástica baiana Goya Lopes, que desenvolve estamparias em tecido e, no contexto da investigação científica, faz-se análise das criações têxteis produzidas pela artista com referência afro-brasileira e a cultura africana. Goya paralelo a este enfoque também fez pesquisas partindo da arte rupestre de Piauí e a estamparia têxtil com produções voltadas para a moda. A história apresenta as descobertas, a construção, a elaboração de inventos e atividades artesanais, que se perpetuam e se reconstituem em novas atividades e técnicas necessárias ou não à sobrevivência desse agrupamento de pessoas. Entre todas as manifestações advindas, o homem necessitou cobrir seu corpo. Se a princípio o homem utilizou peles e couro de animais para sua proteção, com a descoberta de outras matérias-primas naturais como a lã, linho, seda, algodão, o aprimoramento da tessitura e padronagens têxteis diversificaram a construção da tecelagem. A partir do uso da técnica e das tramas da cestaria se inspiraram





para tramar e urdir explorando o mesmo processo e dando início a uma nova estrutura que ampliou e inovou transformações nas tecelagens têxteis.

Para Pezzolo (2013), as pinturas ampliam e resgatam a cultura, costumes e modos de viver de cada povo ao longo da história, e esta documentação visual pictórica registrada comprova que o homem, por meio do vestuário, foi mudando a aparência e determinou as hierarquias. A pintura e a moda constroem uma linha do tempo. E essa linha se desenha através das formas, cores, texturas, silhuetas, armações e tecidos, representados pelas pinceladas do artista. A pintura simboliza e constrói um significado maior que o procedimento técnico nas misturas de tintas, nas suas camadas e superfícies que se superpõem na tela. Os elementos pictóricos unidos, provocados pela percepção e sensibilidade de quem cria, narram o momento da sua poieses. Na cultura egípcia, a pintura da rainha Nefertari, em seu túmulo (PEZZOLO, 2013) no Vale das Rainhas, em Tebas, as suas vestes são representadas pelo plissado e as transparências das mangas.

Dolce e Gabbana, estilistas, no ano de 2000, criaram e assinaram muitos modelos que exploraram esses elementos na concepção de suas criações e foram apresentadas nas passarelas. Os plissados e as transparências passaram por muitas inovações tecnológicas e construtivas, mas mantiveram o fundamental da sua essência. O século XVIII, na França, tem um destaque político e cultural do restante da Europa. O fazer e a criação dos artesãos traduziram uma moda privilegiada a uma classe social da nobreza e da burguesia e dos eclesiásticos.





O reinado de Luís XIV, o conhecido Rei-Sol, perdurou até 1715, pintado por Rigaud, em 1701, no Palácio de Versalhes. As poses imponentes do rei e a riqueza dos detalhes nos vestuários representam um período do estilo artístico.

O Barroco italiano do final do século XVI e meados do século XVIII apresentava uma exuberância, dinamismo e dramaticidade. O excesso do dourado e os arabescos representados na arquitetura, na pintura, também se impõem na moda. Coleção de Dolce&Gabbana dourado outono/inverno 2013/2014 explora esses elementos e trazem uma reinterpretação na moda com novos tecidos, transparências, peso, bordados e a amálgama revive na passarela e na moda em pleno século XXI.

O projeto de oficina é desenvolvido a partir da construção de práticas coletivas de formação e organização de meninos e meninas, a partir da metodologia de oficina pedagógica:

Refiro-me à oficina como tempo-espço para vivência, a reflexão, a conceitualização; como síntese do pensar, sentir e agir. Como 'o lugar para a participação, a aprendizagem e a sistematização dos conhecimentos...' A partir da troca de experiências entre os participantes, confluem o pensamento, o sentimento e a ação. Dessa forma, a oficina pedagógica constitui o lugar do vínculo, da participação, da comunicação, da produção social de objetos, acontecimentos e conhecimentos (CANDAU, 1995).

As oficinas são espaços de interação e troca de saberes, elas ocorrem por meio de dinâmicas, atividades coletivas e individuais que possibilitam ao educando expor seus conhecimentos sobre o objeto de estudo e assimilar novos conhecimentos acrescidos pelos educadores.





A proposta metodológica de oficina pedagógica busca apreender o conhecimento a partir do conjunto de acontecimentos vivenciais no dia a dia, de forma que a relação teoria-prática constitui o fundamento do processo pedagógico. Assim, o conceito de oficinas aplicado à educação refere-se ao lugar onde se aprende fazendo junto com os outros. A oficina é um âmbito de reflexão e ação no qual se pretende superar a separação que existe entre a teoria e a prática, entre conhecimento e trabalho e entre a educação e a vida (OMISTE; LÓPEZ; RAMÍREZ apud FIGUEIRÊDO et al., 2002, p. 178).

As autoras acima mencionadas são de parecer que as oficinas são realizadas a partir de vários momentos: inicialmente, tem-se uma dinâmica de acolhida e entrosamento, para facilitar o conhecimento mútuo e a interação entre os participantes. Posteriormente, tem-se a reflexão de um tema específico, de interesse do grupo, que busca refletir a realidade e suas inter-relações com os níveis individual, grupal e coletivo. Assim, nas oficinas, utilizam-se músicas, poesias, relatos de vida, desenhos, dramatizações, gravuras, contos, cartazes, fotografias e produtos artesanais. Ainda que falem da vida cotidiana das crianças e adolescentes, tal dinâmica facilita a aprendizagem, a troca de saberes e articula conteúdo, embasamento teórico e metodológico. No decorrer da oficina, os participantes compartilham a própria história de vida, uma vez que este cotidiano é inserido no contexto mais amplo, referindo à realidade local, estadual, nacional e mundial. A oficina é concluída, a partir da avaliação e encerramento dos trabalhos do dia.





As oficinas pedagógicas podem ser um momento de aquisição de novos conhecimentos e novos fazeres nas atividades artesanais, interligando com outras áreas de conhecimento, visto que possibilitam um processo educativo composto de sensibilização, compreensão, reflexão, análise, ação e avaliação.

CONCLUSÕES

O estudo do ponto de vista de uma interconexão de múltiplas disciplinas contribui na aquisição de novos conhecimentos teórico-práticos, de modo que a arte e o artesanato permeiam em todas elas. Da Matta (1997, p. 25) enfatiza:

a casa e a família como espaços de memória, destacando dois aspectos; a casa como produto moral, onde nos realizamos como seres humanos e a rua, ambiente externo, agressivo e plural e local de trabalho.

Assim, nas origens familiares, podem-se perceber aspectos vinculados aos saberes e fazeres, desde a língua e dialetos falados, até na gastronomia e nas crenças, é um espaço de memórias. Pequenas feiras organizadas na escola podem servir de veículo motivador para a aquisição de novos conhecimentos e técnicas artesanais.

REFERÊNCIAS

ABREU, R.; CHAGAS, M. **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.



ALFA DJAU, M. et al. Artesanato de renda de bilro e desenvolvimento local: uma análise do processo de institucionalização da atividade no município de Aquiraz, Ceará, Brasil. **DELOS – Revista Desarrollo local Sostenible**, Málaga, Espanha, v. 5, n. 15, p. 1-22, oct. 2012.

ARROYO, M. G. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BORGES, A. **Dedign + Artesanato: o caminho brasileiro**. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

CANDAU, V. M. et al. **Oficinas pedagógicas de direitos humanos**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

DA MATTA, R. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FIGUEIRÊDO, M. do A. C. de et al. Sujeitos sociais em movimento: oficinas pedagógicas de cultura popular com crianças e adolescentes. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 1., 2002, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 2002. p. 1-9.

GOERGEN, P. Dimensões da autonomia universitária no contexto da crise. In: RAYS, O. A. (Org.). **Trabalho pedagógico: realidades e perspectivas**. Porto Alegre: Sulina, 1999.





JANSON, H. W. **História geral da arte:** o mundo antigo e a Idade Média. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PELEGRINI, S. C. A. **O que é o patrimônio cultural imaterial.** São Paulo: Brasiliense, 2008.

PEZZOLO, D. B. **Moda e arte releitura no processo de criação.** São Paulo: Editora SENAC, 2013.

SOUZA FILHO, M. **Compartilhar memórias interligar saberes:** reflexões sobre linguagens, identidades e práticas educacionais. Natal: Editora IFRN, 2012.

TRINDADE, C. R. da S. **Moda, história e memória na produção de Goya Lopes.** 2011. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/7-Coloquio-deModa_2011/GT08/ComunicacaoOral/CO_89481Moda_historia_e_memoria_na_producao_de_Goya_Lopes_.pdf>. Acesso em: 12 maio 2015.



A ESPIRITUALIDADE FRANCISCANA E A INTEGRALIDADE DO SER¹

Valderezsa Moro²

Em se tratando de espiritualidade, deparamo-nos com um vasto campo de conceitos e opiniões que, por vezes, se acham contraditórias e por outras nos encaminham para um estudo mais aprofundado do termo em questão. Neste texto, a visão franciscana da espiritualidade e a experiência de Francisco de Assis, na Idade Média, serão abordadas com inspiração e embasamento em Gilley, Merino, Boff e, ainda, conceitos de outros autores referentes ao tema.

Etimologicamente, a palavra Espírito – do latim *spirare*, significa “respirar, inspirar”. Do dicionário – espírito significa “princípio vital ou força animante que tradicionalmente se acreditava estar dentro dos seres vivos”. Espiritualidade é a expressão da vivência do espírito em nós. E segundo Chopra, espiritualidade é o domínio da consciência expandida. “O espírito é a nossa fonte de inspiração” (GILLEY, 1999, p. 301).

A sociedade moderna, em uma tentativa de destruir o poder Teocêntrico, acostumou-se a desprezar as coisas que vem do espírito e criou um lugar especial de culto ao materialismo. Essa atitude gerou o vazio que se caracteriza pela falta de sentido e de significado da existência humana, em grande parte das pessoas, principalmente aquelas que se fartaram da matéria.

¹ Oficina desenvolvida no 6º Congresso Nacional das Escolas Franciscanas, Santa Maria, RS, 2015.

² Diretora do Colégio Franciscano Sant’Anna, Santa Maria, RS.



Segundo Gilley (1999, p. 42), *espiritualidade é coisa para o coração e para a alma, não para o cérebro*. A sociedade moderna, no entanto, insiste em descartar a espiritualidade do dia a dia das pessoas, porque a miopia cerebral em que insistimos viver não consegue um lugar apropriado para a espiritualidade, no cotidiano profissional. Desta forma, muitas vezes, torna-se difícil para os profissionais não dissociarem a vivência da espiritualidade do dia a dia do trabalho. O homem pós-moderno, como afirma Moreira (2007), está sobrecarregado, ocupado demais em correr para resolver seus problemas, por isso não pode prestar atenção nas coisas do espírito. “Viver a partir do espírito é algo que diz respeito ao relacionamento da própria pessoa consigo mesma” (GILLEY, 1999, p. 43). Na visão da autora, isso dá uma sensação de plenitude, pois o vazio, que muitas vezes a pessoa humana sente e busca preencher com a aprovação, a confiança, a atenção e o amor dos outros, é preenchido pelo espírito de que ela própria tomou consciência. Nesse estado, nesse lugar em si, que Gilley (1999) denomina espírito, uma vez que é possível a pessoa sentir-se completa, totalmente concentrada em sua essência de pessoa humana inteira e viver o momento presente.

Assim, viver a partir do espírito é ter consciência daquilo que se é e daquilo que ainda não se é, é o vir a ser. Para Boff (2001),

a espiritualidade vive da gratuidade e da disponibilidade, vive da capacidade de enternecimento e de compaixão, vive da honradez em face da realidade e da escuta da mensagem que vem permanentemente desta realidade.





Gilley (1999) contribui afirmando que sempre quando temos a coragem de nos entregar ao espírito, aprender as lições e nos deixar conduzir por ele, nos tornamos receptivos para a plenitude da vida e do trabalho, algo que muda a nossa vida. Precisamos ter coragem de olhar para dentro, para encontrar o caminho do espírito, algo originário do coração. Assim, a experiência de viver a espiritualidade no cotidiano nos despertará de nossos transes, desligará o piloto automático, a fim de tornar possível renunciar à nossa maneira habitual de viver e trabalhar. Viver a espiritualidade no cotidiano é marchar ao som do nosso guia espiritual interior, vivendo na contramão da sociedade.

A espiritualidade, atualmente, em nossa sociedade, foi relegada a poucos minutos de meditação a cada dia ou à igreja no domingo ou foi calmamente colocada de lado e esquecida. Muitos de nós optamos por deixá-la de lado, porque é doloroso demais conhecer a alegria e a exaltação do espírito e não poder levá-lo para o restante da nossa vida. Fomos acostumados por um longo tempo a guardar o espírito “em um armário” (GILLEY, 1999, p. 94). Fizeram com que acreditássemos que não é apropriado levar o coração, as emoções e o espírito ao trabalho, à escola, aos grupos nos quais vivemos. De acordo com o autor, em nossa alma, sabemos que existe uma razão específica para nossa presença neste planeta, “pois viver a partir do espírito é algo que, em última análise, diz respeito ao nosso relacionamento conosco mesmo” (p. 43).

Nesse viés, em pesquisa realizada por Moro (2008), com professores da Educação Básica do Colégio Franciscano Sant’ Anna, no ano de 2007, conclui-se que é importante investir





na formação continuada dos docentes, principalmente em cultivos que dizem respeito ao relacionamento com Deus, porque são as experiências e as vivências de uns que enriquecem as dos outros. O professor precisa dar-se tempo para investir em seu cultivo pessoal, precisa se abrir com os outros, mas principalmente com Deus. Assim, diz-se que o espírito é um lugar em nós. É um lugar onde somos amáveis, tranquilos, atenciosos, confiáveis, ligados aos outros. É alguma coisa que somos e não algo que fazemos. É uma chama que está dentro de cada um de nós e que nos inflama com paixão, objetivo, amor, energia e coragem. Quando uma pessoa vive no espírito, o sentimento de conexão com todas as coisas se estende para além das pessoas e acontecimentos.

Segundo Frei Regis Daher, a espiritualidade franciscana é fundamentalmente seguimento do Cristo pobre, humilde e crucificado, que, por sua vez, leva à configuração com o Cristo. Daher destaca algumas características da espiritualidade franciscana, como: **a) a espiritualidade evangélica** é o próprio evangelho. Para Francisco, a espiritualidade não foge a vivência do evangelho no cotidiano; **b) a Vida em fraternidade**, quando ele diz em seu testamento, 'Deus me deu irmãos' – a fraternidade, entre irmãos e irmãs, que Deus nos deu com todas as pessoas e com todas as criaturas; **c) a espiritualidade trinitária**. Deus é o Sumo Bem; o Filho nosso irmão; o Espírito do Senhor e o seu santo modo de operar. Maria, o modelo: filha, mãe e esposa; **d) viver Sem nada de próprio**. Para Francisco de Assis, viver sem nada de próprio é seguir o Cristo pobre, é a condição do nosso caminho, estar livre para amar e servir;





e) a minoridade. O Franciscano deve viver como ‘Servo de toda humana criatura’. O serviço do lava-pés é a maior prova dessa atitude de ser menor de todos, é a ‘autoridade’ evangélica;

f) a espiritualidade do trabalho. Em Francisco a ‘graça’ de trabalhar, e trabalhar com as ‘próprias mãos’, constrói a fraternidade. Como menores devemos trabalhar com ‘devoção’, pois o trabalho é dom de Deus;

g) a contemplação franciscana. Para Francisco, o espírito de oração e devoção, que abrange toda a vida e a vida toda, é parte importante da vida franciscana. Rezar sempre e rezar a vida, rezar no mundo e no conflito, rezar a mediação das criaturas. Viver o eremitério e a solidão;

h) a evangelização franciscana. Na espiritualidade franciscana, evangelizar e deixar-se evangelizar. Ser o evangelho vivo do seguimento é dom da vocação que se prolonga em missão. A fraternidade é o coração da evangelização;

i) espiritualidade eclesial e católica. Francisco propõe que a fraternidade deve ser vivida no seio da Igreja católica. É célula eclesial, integrada nos serviços e nos ministérios da Igreja. Ser Católico é experimentar Deus e a sua graça em todo tempo e lugar;

j) a perfeita e verdadeira alegria. Uma das características mais marcantes do franciscanismo é viver a alegria evangélica que brota da cruz, doação total pelos amigos. Acolher, integrar e transformar as dificuldades da vida, a fim de considerar que cruz é a fonte da verdadeira alegria.

Segundo Merino (1999), Francisco de Assis viveu uma intensa experiência espiritual e compreendeu profundamente seu estado itinerante, buscou o Sagrado que o habitava, comu-



nicando-se constantemente com essa luz divina que fazia parte de seu interior. A postura de Francisco

é a de um caminhante, a de um itinerante, mas sossegado, confiante, seguro, tenaz. [...] foi adquirindo gradualmente uma grande lucidez interior, graças à qual sabia de onde vinha e para onde ia, e qual o caminho que deveria percorrer (p. 61).

Isso tudo lhe dava lucidez mental, coragem existencial para desarraigar-se das raízes e ataduras paralisantes, superar obstáculos naturais e artificiais próprios de todo caminho difícil e arriscado, lançando-o em direção a um futuro prometido, mas não garantido.

A espiritualidade franciscana nos remete a integralidade do ser, como consequência da vivência de princípios e valores enraizados no próprio poder do Criador de todas as coisas. Francisco de Assis expressa com propriedade a integralidade do ser quando compõe o Cântico das Criaturas, ou seja, expressa a profundidade da integralidade do seu ser com todos os outros seres partindo do próprio Criador, bem como a integralidade dos seres entre si.

O tema da integralidade do ser também nos remete a uma abordagem globalizante, holística, que exige intercâmbio direto entre as mais diversas formas de conhecimento, bem como as diversas dimensões que constituem o ser humano.

Segundo Naranjo (1991), “a educação holística deseja reunir todas essas vozes, pois pretende dedicar-se à pessoa como um todo: corpo, sentimentos, intelecto e espírito” (p. 112). Segundo o autor, uma educação holística, no que se refere





a envolver a pessoa como um todo, deverá ser holística também sob os aspectos da busca integrada do conhecimento, da orientação voltada à integração intercultural, da visão planetária das coisas, do equilíbrio entre teoria e prática. Assim, quando falamos em educação integral entendemos uma educação que contemple o ser inteiro em suas diversas dimensões, bem como uma proposta de educação que considera o entrelaçamento dos saberes considerando a teia da vida, funcionando em total harmonia cósmica.

Naranjo (1991) afirma que “um indivíduo não pode ser verdadeiramente inteiro sem uma percepção total do mundo, um sentimento de fraternidade”. Nesse viés, o autor refere que

necessitamos de uma educação que leve o indivíduo àquele ponto de maturidade em que ele passe da perspectiva da individualidade isolada e mentalidade tribal ao sentimento plenamente desenvolvido de comunidade e perspectiva planetária. Uma educação do eu como parte da espécie humana. Uma educação do senso de humanidade (p. 115).

Segundo Pivatto (2007), a formação de um ser humano integral obriga-o a um permanente deslocamento durante a sua vida, pois para o autor tal mudança acontece

quando se aprofundam as dimensões da dignidade do ser humano, do bem comum, do valor próprio de cada indivíduo e sua tarefa de tornar-se pessoa [...] da preponderância do espírito sobre a matéria e da construção da personalidade, mediante a educação de todas as dimensões do ser humano (p. 339).

Há ainda uma outra proposta que pode nos ajudar na busca pela integralidade do ser. É a mística do islã na visão de





Rûmî, um místico que viveu no século XIII, contemporâneo a São Francisco de Assis. Segundo Teixeira (2004), “Rûmî traduziu como poucos a riqueza infinita da experiência do amor e da busca do mistério que envolve e banha a dinâmica do humano” (p. 192). Para Eva de Vitray-Meyerovitch apud Teixeira (2004), a mensagem de Rûmî traduz um radical universalismo, pois é “uma mensagem de amor que retoma os valores mais essenciais do cristianismo e do islã, sem deles nada negar, acrescentando-lhes uma dimensão integralmente fraterna e ecumênica” (p. 192). Para ela, existem inúmeros pontos comuns entre Rûmî e São Francisco de Assis.

A visão de integralidade exige uma capacidade particular de apreensão da realidade que escapa ao olhar sensorial comum. Referindo-se a parábola hindu, que trata da visão do elefante em que cada um o descreveu conforme a experiência palpável do tato, equivocando-se sobre a totalidade do elefante, também o olho da percepção sensorial é incapaz de alcançar a complexidade do real, por estar preso aos limites da espuma do mar. “No sentido de perceber, para além da espuma que se mostra, a dinâmica do mar que ela escamoteia: o olho do mar é uma coisa, a espuma é uma outra; deixe a espuma e olhe com o olho do mar” (MIII, 1270 apud TEIXEIRA, 2004, p. 294).

Para esse autor, “há em Rûmî uma visceral paixão pela unidade”. Hegel, em sua Enciclopédia, destacou no místico a presença da ‘unidade da alma com o Uno’, enquanto ‘elevação sobre o finito e o vulgar, uma transfiguração da naturalidade e da espiritualidade, na qual o que há de intrínseco e transitório da natureza imediata, como espírito empírico e terreno, é ab-





sorvido'. "Há em Rûmî um desejo imenso de Deus, uma paixão pela unidade que passa além das fronteiras humanas" (TEIXEIRA, 2004, p. 301). Para ele, Deus em sua Unidade é o tesouro escondido, mais perto do humano do que sua própria veia jugular.

Osho (2002, p. 60) reforça que "somos um só com o todo, ainda que pensemos que estamos separados dele. Somos inseparáveis". Nossa mente e nosso corpo normalmente trilham caminhos separados. "O corpo continua com seus afazeres, o cérebro permanece pensando. O corpo caminha, enquanto a mente trilha caminhos além das estrelas. Eles nunca se encontram, e isso cria uma cisão" (OSHO, 2002, p. 103). Pelo fato de mente e corpo seguirem caminhos diferentes, "uma metade de nós é puxada pelo corpo e a outra metade é puxada pela mente, gerando assim uma grande angústia, a sensação de ser rasgado ao meio."

Quando vivemos sem o espírito, perdemos a força, a plenitude, a capacidade de suportar as tempestades da mudança. Sem o espírito, a beleza e a compaixão desaparecem. Sem o alimento espiritual, passamos pela vida, anestesiados para a alegria, para o amor e a emoção e somos dominados progressivamente pela resignação e pela fadiga.

Para resolver esse dilema, Osho (2002) propõe a meditação através de mantras, pois, para ele, a medida que meditamos com um mantra, o som desse canto ressoa dentro de nós e o corpo começa a responder conduzindo mente e corpo na mesma direção. E quando isso acontece, a sensação de estar dividido tende a desaparecer e entra um terceiro elemento, o que de fato a pessoa é, o que ele chama "de alma, espírito,





alma ou outra coisa qualquer, se sente em paz porque não está mais sendo puxada em direções opostas” (p. 10).

Por fim, concluímos com as palavras de Chopra (2008) quando afirma que “somos todos viajantes de uma jornada cósmica, poeira de estrelas, girando e dançando no torvelinho do infinito. A vida é eterna, mas suas expressões são efêmeras, momentâneas, transitórias”.

REFERÊNCIAS

Os valores da Espiritualidade Franciscana. Disponível em: <<http://ofa-dr.blogspot.com.br/2012/03/os-valores-da-espiritualidade.html>>. Acesso em: 13 fev. 2015.

BOFF, L. **Tempo de transcendência.** Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

CHOPRA, D. 2008. Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/autor/deepak_chopra/>. Acesso em: 16 jun. 2011.

DAHER, F. R. **Os valores da espiritualidade franciscana.** Disponível em: <http://www.seminarioituporanga.org.br/novo/index.php?option=com_content&view=article&id=215:os-valores-da-espiritualidade-franciscana&catid=1:noticias&Itemid=1>. Acesso em: 02 maio 2015.

GILLEY, K. **Liderança com o coração aberto:** coragem em vez de medo. São Paulo: Cultrix, 1999.





MERINO, A. **Humanismo Franciscano**. Petrópolis: FFB, 1999.

MOREIRA, A. da S. **São Francisco e as fontes franciscanas**. Bragança Paulista: IFAN, 2007.

MORO, Valderesa. **Educação continuada**: um processo itinerante na construção de si com vistas à transformação da prática docente de professores de educação básica. 2008. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

NARANJO, C. Educando a pessoa como um todo para um mundo como um todo. In: BRANDÃO, D.; CREMA, R. (Org.). **Visão holística em psicologia da educação**. São Paulo: Summus Editorial, 1991.

OSHO. **Aprendendo a silenciar a mente**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

PIVATTO, P. S. Visão de homem na educação e o problema da humanização. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 30, n. 2, 2007.

TEIXEIRA, F. **No limiar do mistério, mística e religião**. São Paulo: Paulinas, 2004.





ÉTICA E SEGURANÇA NA INTERNET: EDUCANDO PARA A CIDADANIA DIGITAL¹

Iuri Lammel Marques²

Na primeira metade dos anos 1990, quando a internet ainda se encontrava em um processo de popularização nos países desenvolvidos, alguns estudiosos da tecnologia e das ciências sociais e humanas já previam algumas das mudanças que a rede de computadores traria no modo como as pessoas trabalhariam e estudariam. Afinal, finalmente, qualquer estudante poderia utilizar a estrutura da rede para acessar as bibliotecas a partir de sua residência. Porém, alguns destes autores conseguiram enxergar ainda além. A rede mundial de computadores seria muito mais do que uma infraestrutura que conectaria as pessoas aos recursos informacionais. Para eles, a rede teria potencial para mudar a forma como as pessoas viveriam o cotidiano. O filósofo Piérre Levy, por exemplo, passou a investigar como a rede digital enriqueceria a forma de pensarmos (LÉVY, 1993) e os efeitos que as tecnologias digitais trariam nas esferas social, política e cultural das sociedades (LÉVY, 1999). Já o sociólogo Manuel Castells viria a popularizar o termo “Sociedade em Rede”, que já expressa o conceito de uma sociedade transformada pelas tecnologias digitais da informação e da comunicação (CASTELLS, 2009). Talvez, a melhor visão do potencial que

¹ Oficina desenvolvida no 6º Congresso Nacional das Escolas Franciscanas, Santa Maria, RS, 2015.

² Mestre em Comunicação. Professor no curso de Jornalismo do Centro Universitário Franciscano.



a internet teria em nossas vidas veio de Nicholas Negroponte, então diretor no MIT, quando escreveu que:

[...] o valor real de uma rede tem menos a ver com informação do que com vida comunitária. A superestrada da informação é mais do que um atalho para o acervo da Biblioteca do Congresso. Ela está criando um tecido social inteiramente novo e global (NEGROPONTE, 1995, p. 175).

De fato, os computadores e as redes digitais alteraram bastante a forma como vivemos o dia a dia. Entretanto, estamos passando por outro momento que radicaliza ainda mais tais mudanças: a era dos dispositivos e da conexão móveis.

Alguns dados de pesquisas atuais sobre hábitos de consumo da informação demonstram que estamos passando por uma mudança geracional profunda. Tal mudança começou, principalmente, devido à digitalização dos processos de comunicação entre os atores que constituem a sociedade, em especial os mais jovens, que se desenvolvem e se formam em um ambiente digitalizado; jovens estes conhecidos como nativos digitais (PRENSKY, 2001). Embora o uso de computadores conectados seja o propulsor desta mudança geracional, as pesquisas mais atuais apontam seus esforços em outro fenômeno ainda mais significativo para os nativos digitais: o do crescente uso de aparelhos móveis conectados.

A substituição dos computadores pelos aparelhos móveis é uma tendência global. Segundo dados da pesquisa “The Future of Digital: 2014” (BUSINESS INSIDER, 2014), publicada pela BI Intelligence³, as vendas globais de aparelhos móveis que

³ Setor de pesquisas da Business Insider, uma companhia de análise em finanças, mídia e tecnologia e é, segundo pesquisa da própria companhia, o site de informações sobre negócios mais acessado nos EUA em 2014.





se conectam à internet já somam o equivalente a mais de três vezes a venda de computadores tradicionais, e a tendência é que esta diferença aumente de forma ainda mais radical nos próximos anos. Além do aumento nas vendas de aparelhos móveis, a pesquisa informa que já começaram a crescer de forma significativa as vendas dos *wearables computers*, ou seja, os computadores vestíveis, como relógios e óculos que se conectam a internet. Os dados preveem um cenário cada vez mais digitalizado, móvel e conectado, o que o caracteriza como um ambiente de computação ubíqua, ou seja, um ambiente no qual os aparelhos digitais estão presentes em diversas partes do espaço físico e que apresentam capacidade de se comunicarem entre si de forma automática, a fim de prestarem serviços que aumentam as capacidades humanas (ARAUJO, 2003).

No Brasil, a realidade segue as tendências apontadas pelas pesquisas internacionais: segundo dados da “Pesquisa Brasileira de Mídia 2015”, publicada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (BRASIL, 2014), praticamente metade dos brasileiros (48%) já tem acesso à internet regularmente. Desses, 92% estão cadastrados em sites de redes sociais, isso leva a se concluir que uma grande quantidade de crianças e adolescentes brasileiros estão inseridos nestes ambientes que, devido à impossibilidade de se manter um controle intensivo de conteúdo, seriam de acesso restrito às crianças⁴. Ainda segundo a pesquisa, o crescimento no uso de celulares para acesso à internet foi vertiginoso: em 2014, os aparelhos móveis já eram responsáveis por 66% dos acessos à internet,

⁴ Segundo as políticas do Facebook, a idade mínima para registro no referido site é de 13 anos (<http://bit.ly/idade-minima-fb>).



diante dos 71% dos computadores tradicionais, e a tendência nos próximos anos é a internet ser majoritariamente acessada por meio de dispositivos móveis, inclusive por crianças.

É preciso refletir sobre as implicações de tal cenário na formação dos jovens. Muitas escolas já buscaram se preparar para oferecer orientações aos seus alunos sobre como conviver em ambientes digitais, como, por exemplo, por meio da produção de publicações que servem como guias para o bom comportamento no uso da internet, comportamentos estes conhecidos como “Netiqueta”, ou seja, boas condutas na interação com outros usuários da internet. Além das escolas, a imprensa também já buscou exercer seu papel informativo e educativo ao apontar para “os perigos da internet”, como os riscos que corremos com programas maliciosos, com os possíveis golpes executados com a ajuda do anonimato, com o comércio de produtos ilegais, com os riscos de pedofilia, entre outros possíveis riscos.

Enfim, tanto a imprensa quanto as escolas buscam alertar sobre os possíveis perigos que o ciberespaço oferece à vida privada de seus usuários, com especial atenção aos jovens. Tais alertas são válidos e muito importantes, entretanto, o foco desta comunicação está em outro aspecto: quais os riscos que os próprios usuários da internet, entre eles os jovens, reproduzem no ciberespaço? Mais especificamente: como os jovens poderiam agir dentro das redes digitais de uma forma mais ética e benéfica para a sociedade? Em outras palavras, tratamos menos dos “perigos” que a internet traz à vida privada das pessoas e focamos no papel que cada usuário tem na construção de um ambiente digital público que seja saudável e profícuo. Um am-





biente propício para a construção de uma sociedade mais justa. Tal preocupação é essencial para garantirmos a segurança deste ambiente e, mais do que isso, para construirmos de fato uma sociedade em rede que emprega as tecnologias a favor do desenvolvimento. Para que isso seja possível, é necessário formarmos cidadãos digitais responsáveis, que sejam alfabetizados nas tecnologias digitais e que tenham a capacidade de refletir sobre suas ações. Porém, antes de enveredarmos na tarefa de formarmos cidadãos digitais conscientes, é fundamental compreendermos como os jovens lidam com as tecnologias e como as tecnologias alteraram a forma como eles veem o mundo.

Em um ambiente de hiperconexão, não é apenas a maneira de se comunicar que se transforma: mudam, também, muitos dos aspectos sociais e psicológicos relacionados à comunicação humana, como convenções sociais, valores morais, enfim, concepções da vida em sociedade. Em especial, citamos cinco aspectos que passam por um processo de ressignificação (ao menos, para a geração dos nativos digitais): a identidade, a privacidade, a propriedade/autoria, a credibilidade e a participação (JAMES et al., 2009). Refletir sobre como os jovens redefinem tais conceitos não deixa de ser um exercício de reflexão sobre a ética em ambientes digitais. Neste exercício, uma prática sugerida é a de retomar os conceitos tradicionais dos cinco aspectos citados e, então, compará-los com as práticas dos nativos digitais, analisando como eles compreendem tais aspectos a partir de suas ações no ciberespaço.

Em relação à identidade no meio digital, a psicóloga e autora Sherry Turkle (2011) explica que a atual geração de jovens





trata suas respectivas identidades como uma espécie de jogo: quando estão construindo seus perfis no *Facebook*, os jovens estão, de certa maneira, forjando uma (ou mais) identidade para ser mostrada e, ao analisarmos este processo de construção, podemos perceber o que eles valorizam neles próprios.

Em relação à privacidade, podemos relacionar sobre seu significado teórico e seu efeito prático em um ambiente em que as informações são muito facilmente reproduzidas e propagadas, mas que, depois de publicadas, são quase impossíveis de serem excluídas. Um exercício interessante pode ser a reflexão sobre os efeitos da “lei do direito ao esquecimento”, aprovada na Europa em 2014, que exige a exclusão de dados dos servidores da web que afetem a honra de cidadãos europeus quando estes se sentirem prejudicados. Por que foi necessário criar tal lei? E, com a capacidade de multiplicação infinita que a tecnologia digital apresenta, tal lei seria realmente efetiva?

No que tange à questão da propriedade e da autoria, a reflexão pode ser realizada na comparação do conceito de propriedade intelectual quando há um ou poucos autores e quando há uma produção coletiva, com centenas ou até milhares de autores, como ocorre frequentemente no ciberespaço. Nesta reflexão, é importante analisar os efeitos que a condição da autoria rende a seus autores no meio tradicional de publicação, como renda e prestígio, e comparar com a concepção de autoria em um ambiente de produção coletiva.

O aspecto da credibilidade pode ser ressignificado no ciberespaço, já que nesse ambiente os sujeitos podem forjar suas identidades e filtrar suas expressões, determinando,





assim, traços que dão margens a mais ou menos confiança e credibilidade. Além disso, é oportuno refletir sobre a credibilidade das informações publicadas e difundidas por fontes desconhecidas.

Por fim, temos o aspecto da participação, que é, talvez, a mais importante no debate sobre a formação da cidadania digital. Afinal, é a partir da participação ativa e positiva que as mudanças ocorrem. Devido à facilidade de se produzir e publicar informações na web 2.0, principalmente por causa das ferramentas de publicação como os blogs, os wikis e os sites de redes sociais, a geração dos nativos digitais aprendeu e se acostumou a ter iniciativa em expressar suas opiniões e seus sentimentos e, também, a produzir conteúdos informativos, o que leva a um ambiente de valorização da participação e da transparência. Ainda no aspecto da participação, passam os conceitos de relações sociais, conduta e filiação em comunidades (JAMES et al., 2009).

A plataforma digital, por sua natureza interativa e acessível, facilita os processos de mobilização social, como debates amplos, protestos, petições ou outras ações coletivas. Se considerarmos que a cidadania digital demanda o bom uso dessas possibilidades, então consideramos que a educação básica deveria ter como uma de suas funções a alfabetização dos jovens no uso das tecnologias e, ainda mais importante, o incentivo à reflexão sobre os usos benéficos de tais tecnologias. Portanto, para isso, é preciso compreendermos as mudanças que as tecnologias provocaram no comportamento das novas gerações.



REFERÊNCIAS

ARAUJO, R. B. de. Computação ubíqua: princípios, tecnologias e desafios. In: XXI SIMPÓSIO BRASILEIRO DE REDES DE COMPUTADORES, 2003, Natal. **Anais eletrônicos...** Natal: UFRN/ DIMAp: UnP, 2003. p. 45 - 115. Disponível em: <<http://bit.ly/computacao-ubiqua>>. Acesso em: 11 maio 2015.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015:** hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2014. Disponível em: <<http://bit.ly/1KLBEzn>>. Acesso em: 10 maio 2015.

BUSINESS INSIDER. **The Future of Digital:** 2014. EUA: BI Intelligence, 2014. Disponível em: <<http://www.businessinsider.com/the-future-of-digital-2014-slide-deck-2014-12#-1>>. Acesso em: 9 dez. 2014.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 2009.

JAMES, C. et al. **Young people, ethics, and the new media:** a synthesis from the goodplay project. EUA: MIT Press, 2009.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.



LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

NEGROPONTE, N. **A vida digital**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PRENSKY, M. Nativos digitais, imigrantes digitais. In: **On the Horizon**, v. 9, n. 5, MCB University Press, 2001. Tradução de Roberta de Moraes Jesus de Souza. Disponível em: <<http://bit.ly/nativos-digitais>>. Acesso em: 10 maio 2015.

TURKLE, S. **Alone together**: why we expect more from technology and less from each other. Nova Iorque: Basic Books, 2011.





A EXPERIÊNCIA DA INTEGRALIDADE PELA PRÁTICA DO YOGA E DA DANÇA¹

Marcos Adegas de Azambuja²

Tatiana Siqueira Trindade³

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, tem-se por objetivo discutir a união do Yoga e da Dança Circular Sagrada (DC) como um dispositivo para a integralidade do ser. Desta forma, serão apresentadas algumas habilidades, técnicas e características destas duas práticas, que em comunhão se complementam e se adicionam com a finalidade de clarificar um caminho para busca da totalidade do ser.

A temática da integralidade vem sendo abordada por diversos campos de saberes, com ênfase especial, atualmente, na área da saúde. Com a Constituição Federal de 1988 e o aflorar da noção de que a saúde é direito de todos e dever do Estado, a integralidade da assistência torna-se pilar para o cuidado da população. Assim, o Sistema Único de Saúde (SUS) traz como um de seus princípios a integralidade, considerando cada pessoa como um todo indivisível e integrante de uma comunidade. Além disso, percebe-se, cada vez mais, a valorização de práticas

¹ Oficina desenvolvida no 6º Congresso Nacional das Escolas Franciscanas, Santa Maria, RS, 2015.

² Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2012), Professor Adjunto do Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, RS.

³ Psicóloga, Especialista em Arteterapia, Focalizadora de Dança Circular Sagrada, Psicóloga do Programa Primeira Infância Melhor de Santa Maria, RS.



integrativas e complementares, que estimulam as necessidades da própria cultura de cada sujeito e seus modos de produzir sentido para sua saúde (BRASIL, 2006; GENTIL; ROBLES; GROSSEMAN, 2010; TESSER, 2009). Nesse viés, as Danças Circulares Sagradas e o Yoga surgem como dispositivos possíveis para consecução dos processos de integralidade do ser humano.

As Danças Circulares Sagradas são danças tradicionais, ritualísticas ou contemporâneas dançadas em roda, nas quais se contempla o movimento do corpo com envolvimento emocional, mental e espiritual. Diante disso, a Dança Circular pode oportunizar um encontro consigo mesmo, pois engloba o ser como um todo (corpo, emoção, mente e espírito) e pode sutilmente despertar inúmeras formas de autoconhecimento, pois novas formas de percepção podem ser traçadas com essa união, de forma que se despertam aspectos desconhecidos e novas formas de ação na relação com o mundo (FRANCES; BRYANT-JEFFERIES, 2004).

O Yoga, que na origem da palavra significa união, é uma ciência oriental, originada na Índia, há mais de cinco mil anos, que proporciona em um campo filosófico e prático, em última instância, a realização de integração entre o ser individual e o ser universal. Por meio de técnicas de respiração, posturas, relaxamento, o conhecimento dos textos sagrados, a repetição de mantras, a prática da meditação, entre outros detalhes, proporcionam-se à pessoa a experiência consciente da integração de segmentos do ser humano que a cultura ocidental moderna separou: mente, corpo e espírito. Assim, o conceito de integralidade passa a ser compreendido não somente no âmbito racional,





mas também por uma experiência direta que perpassa o sujeito como um todo (RODRIGUES et al., 2006).

DANÇA CIRCULAR SAGRADA

O movimento das Danças Circulares Sagradas foi iniciado em 1976 em Findhorn – Escócia pelo professor de dança Bernhard Wosien. Estudioso de danças folclóricas tradicionais, Bernhard percebeu que essas danças criavam um clima de união, celebração e harmonia nos grupos, sendo utilizadas em muitas ocasiões especiais e culturais: como casamento, nascimento entre outros (FRANCES; BRYANT-JEFFERIES, 2004).

Contudo, percebeu que alguns povos através da música e da DC também faziam cultos de adoração divina, celebrando e reverenciando deuses como uma oração em movimento. Desta forma, a DC como oração através do corpo pode ser meditativa (meditação em movimento), à medida que o bailarino se encontra em plena entrega e flui a conexão de dentro para fora (WOSIEN, 2000), pois com a repetição dos passos, estes se tornam automáticos e a cabeça não mais se concentra para lembrar-se, experimentando, desta maneira, a essência genuína da dança (FRANCES; BRYANT-JEFFERIES, 2004).

Para tanto, na DC, os participantes posicionam-se de mãos dadas compondo um círculo e fazem os mesmos passos instruídos pelo coordenador. Assim, todos são importantes para o resultado, mesmo que cada um tenha seu modo único e pessoal de se expressar (FRANCES; BRYANT-JEFFERIES, 2004). Desta maneira, a DC é um encontro com a voz interior e com o



grupo, uma vez que quem dança encontra formas de exprimir altos e baixos das suas sensações por meio do corpo. Encontra consigo mesmo e com a comunidade momentos de alegria, meditação e paz interior (WOSIEN, 2000).

Nas Danças Sagradas nós nos concentramos mais na experiência pessoal e na essência das danças do que na autenticidade dos passos [...], dançando nesses círculos podemos melhorar e enriquecer nossas vidas, físicas, emocional, mental e espiritualmente; aprendendo a nos comunicar de uma maneira mais profunda e significativa [...] (BARTON, 2004, p. 5).

Assim sendo, saber dançar nas DCs não é essencial, cada pessoa tem o seu tempo, medita e contempla seus movimentos, fazendo uma reflexão sobre sua forma de expressão, suas escolhas, limites, sensações e emoções, buscando fazer um diálogo durante e no fim da dança com os sentidos que emergem consigo mesmo, com os outros na roda e com o mundo. Portanto, a DC

[...] nos ensina sobre nós mesmos, sobre nossas aspirações, nossas habilidades e bloqueios. Podemos, assim, extrapolar aquilo que aprendemos com a dança para outros aspectos de nossa vida [...] (FRANCES; BRYANT-JEFFERIES, 2004, p. 70).

YOGA

Estudos indicam os benefícios do yoga para o ser humano no que se refere aos aspectos físicos (GODOY, 2006), fisiológicos (COELHO, 2011b) e psicológicos (COELHO, 2011a; VORKAPIC; RANGE, 2011). Além de promover a saúde (BARROS et al., 2014), ele também auxilia na prevenção e recuperação de





processos de adoecimento psicofisiológicos. Com isso, o yoga vem sendo cada vez mais procurado como atividade para concentração, relaxamento, diminuição de estresse e ansiedade, problemas ósseos e musculares, pacificação, bem-estar e qualidade de vida.

A fim de sistematizar e tornar mais compreensível o ensino de uma filosofia complexa e profunda como o Yoga, Swami Vishnudevananda (2011) condensou os principais ensinamentos desta filosofia de vida em cinco princípios essenciais para manter a saúde do corpo, o controle da mente e promover o crescimento espiritual. O primeiro deles, o *exercício adequado*, são as posturas (asanas), que servem para exercitar o corpo de forma confortável e natural, promovendo a saúde física. Em seguida, a *respiração adequada* (pranayama), de modo que se procura respirar de forma profunda, lenta e rítmica, aumentando a vitalidade e possibilitando o controle mental/emocional. O terceiro ponto refere-se ao *relaxamento adequado* (savasana), no intuito de promover uma descontração profunda, já que é o sistema natural de recarregar o corpo e um poderoso antídoto para o estresse. Há também a *alimentação adequada*, lacto-vegetariana, baseada em alimentos naturais e em uma dieta equilibrada, proposta do Yoga para uma saúde plena. Finalmente, no quinto ponto, *pensamento positivo* e *meditação* (*vedanta e dhyana*), o controle da nossa mente e a criação de padrões mentais saudáveis são dois pontos centrais no Yoga, os quais poderão ser alcançados com uma prática regular de meditação e pelo conhecimento da filosofia Vedanta que nos religa à nossa essência e nos harmoniza com o universo.





Dentro do último ponto, uma das ferramentas utilizadas para o pensamento positivo e meditação são os mantras, que seriam, no entendimento oriental, estruturas espirituais encapsuladas no som (DEVANANDA, 2011). A utilização da repetição de sons específicos, escutados, entoados ou mentalizados auxilia na redução das oscilações mentais, de maneira a conduzir o praticante a um estado de pacificação e concentração. Observa-se a redução dos processos catabólicos nas células, o que mantém a saúde do organismo (RODRIGUES et al., 2006). Os mantras para meditação, conhecidos como *moksha mantras* (mantras de liberação), dividem-se em mantras com nome e forma (*saguna mantra*) e mantras sem nome e forma (*nirguna mantra*). Os *saguna mantras* referem-se aos sons que estão ligados ao simbolismo do panteão hindu, como *Ganesha*, *Shiva*, *Krishna*, etc. Estes aspectos da divindade possuem seu mantra específico para meditação, de modo que o praticante o repete, visualiza mentalmente a imagem da deidade e medita sobre suas características. Já os *nirguna mantras* se referem aos sons que não possuem uma deidade, referem de nome e forma, ou seja, são mantras abstratos, como *Om* e *So Ham*, ligados ao absoluto e indizível.

CONCLUSÃO

A união do Yoga com a Dança Circular Sagrada proporciona aos participantes vivenciar os benefícios das duas práticas mutuamente, disponibilizando a experiência de diferentes recursos que têm como objetivo a integralidade do ser.





A respiração e a meditação do Yoga fortalecem a apropriação da quietude, concentração, purificação da mente e consciência da integralidade, de modo que se estende para prática da meditação em movimento (dança), disponibilizando e facilitando aos participantes esses atributos nas experiências das ações/movimentos do dia a dia.

Os mantras entoados e dançados possibilitam uma profunda conexão com a essência e despertam habilidades adormecidas, uma vez que permitem a experiência da consciência da integralidade e da energia vital em relação ao movimento de cada um. Assim, auxiliam na obtenção do autoconhecimento na busca da autorrealização. Além disso, cantar os mantras e representar por meio da dança as deidades pode promover a relação das particularidades das deidades com os aspectos dos participantes. Desta maneira, pode favorecer o contato com questões a serem habilitadas, fortalecidas e/ou suprimidas.

Portanto, o Yoga e a Dança Circular Sagrada podem proporcionar a integração dos níveis emocionais, mentais, corporais e espirituais com os participantes. Assim, promovem a saúde física, mental e espiritual, visto que criam harmonia consigo mesmo e nos relacionamentos, aumentam a energia vital e o comprometimento pela busca da essência, tornando as pessoas completas, exatamente como são, na sua integralidade.





REFERÊNCIAS

BARROS, N. F. de et al. Yoga e promoção da saúde. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 1305-1314, abr. 2014 .

BARTON, A. **Espírito da dança**. São Paulo: Triom, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS - PNPIC-SUS**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

COELHO, C. M. et al. Qualidade de vida em mulheres praticantes de Hatha Ioga. **Motriz: rev. educ. fis.** (*On-line*), v. 17, n. 1, p. 33-38, mar. 2011a.

COELHO, C. M. et al. Função ventilatória em mulheres praticantes de Hatha Ioga. **Rev. bras. cineantropom. desempenho hum.** (*On-line*), v. 13, n. 4, p. 279-284, ago. 2011b.

DEVANANDA, S. W. **O livro de yoga completo e ilustrado**. Sivananda, 2011.

FRANCES, L.; BRYANT-JEFFERIES, R. **Dança circular sagrada e os sete raios**. São Paulo: Triom, 2004.



GENTIL, L. B.; ROBLES, A. C. C.; GROSSEMAN, S. Uso de terapias complementares por mães em seus filhos: estudo em um hospital universitário. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, supl. 1, jun. 2010.

GODOY, D. V. et al. Ioga versus atividade aeróbia: efeitos sobre provas espirométricas e pressão inspiratória máxima. **J. bras. pneumol.**, v. 32, n. 2, p. 130-135, abr. 2006.

RODRIGUES, M. R. et. al. **Estudos sobre o yoga**. São Paulo: Phorte, 2006.

TESSER, C. D. Práticas complementares, racionalidades médicas e promoção da saúde: contribuições pouco exploradas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 8, p. 1732-1742, ago. 2009.

VORKAPIC, C. F.; RANGE, B. Os benefícios do yoga nos transtornos de ansiedade. **Rev. bras. ter. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, jun. 2011 .

WOSIEN, B. **Dança**: um caminho para a totalidade. São Paulo: Triom, 2000.





ÉTICA E EDUCAÇÃO: OS VALORES FRANCISCANOS NA FORMAÇÃO HUMANA¹

Prof. Marcos Alexandre Alves²

INTRODUÇÃO

O presente texto contempla uma abordagem filosófica sobre a crise dos valores morais e das instituições sociais em tempos pós-modernos e destaca a importância da ressignificação da dimensão ética no campo da educação, tendo por base os valores franciscanos. A intenção é propor uma reflexão crítica sobre os fundamentos da educação, tendo em vista uma formação ética, comprometida com os valores e a construção de uma subjetividade cidadã e fraterna. A educação não pode servir apenas para ensinar a ler, escrever e contar, senão para formar homens que sejam sujeitos de sua história, de modo que tenham a possibilidade de desenvolver suas potencialidades e produzir novas condições para ler e compreender o mundo. Portanto, o papel da educação ética, em uma perspectiva franciscana, deve ser o de gestar as condições para um pensar crítico e reflexivo, um agir livre, consciente e responsável e um conviver cuidadoso com os demais seres e, sobretudo, voltado para a construção de uma sociedade justa e pacífica.

¹ Oficina desenvolvida no 6º Congresso Nacional das Escolas Franciscanas, Santa Maria, RS, 2015.

² Professor Adjunto do Curso de Filosofia e Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática – Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, RS.



SÃO FRANCISCO: “MESTRE DE VIDA INTEGRAL”

O fundador da Ordem franciscana, São Francisco de Assis, na perspectiva de Zavalloni (1999), é apresentado como “Mestre de vida integral”. Isso porque, em sua vida, testemunhou gestos de amor, cortesia, respeito, gratidão e bondade que atestam essa sensibilidade como formador e educador. A sua grande preocupação sempre foi praticar o que haveria de ensinar por palavras. Virtudes como a cortesia, a misericórdia, o amor a Deus e a todas as pessoas, indistintamente, fazem parte da estrutura constitutiva do carisma franciscano.

Segundo Merino (1999), Francisco não fez opção preferencial por uma classe, mas pela pessoa humana e, também, reencontrou a dignidade original do mundo criado. Nesse viés, o homem habita dentro da natureza e esta habita na interioridade humana. Francisco nutria um relacionamento amoroso com a natureza e dava a todas as criaturas, por mais desprezíveis, o doce nome de irmãs, pois sabia muito bem que todas tinham como ele a mesma origem.

A partir do carisma franciscano, a atividade do estudo recebe uma orientação própria. Francisco entendia e orientava que a ciência não deveria ser procurada com desprezo pela virtude. Contudo, o Santo de Assis não era, por princípio, contrário aos estudos da ciência, mas lhe agradava o fato de ver os irmãos não estudarem unicamente para saber como falar, e sim para pôr em prática aquilo que tiverem aprendido e, depois de terem posto em prática, ensinar aos outros o que devem fazer.





Na visão de Francisco, os estudiosos da teologia (que ministram as santíssimas palavras divinas devem ser honrados e venerados como a quem nos ministra espírito e vida) devem ter o discernimento de que a ciência teológica não é meramente teórica e especulativa, mas tende necessariamente à ação. Ciência e vida virtuosa são inseparáveis. A ciência não deve ser buscada somente para aprender a falar e a argumentar, mas, sobretudo, em vista da sua própria santificação. Isto é, para aprender a agir e a melhor amar e viver. O educador, na visão franciscana, não é um mero reproduzidor de informações recebidas, senão aquele que se esforça para possuir e praticar as virtudes. Portanto, ser um educador, na perspectiva franciscana, implica não só o domínio e a atribuição da primazia ao conteúdo, mas envolve também o espírito, maneira de ver as coisas, de vivê-las, de assumi-las e de equacionar os grandes conflitos. A grandeza e a universalidade da lição, legada por Francisco, cativam qualquer pessoa, em qualquer época, pelo seu jeito de ser: pobre, serviçal, gratuito, fraterno e menor.

O PERFIL DO EDUCADOR FRANCISCANO

Ao tomar como referência a leitura de São Boaventura (1983), é possível identificar alguns traços que caracterizam o personagem da atividade educativa: o educador franciscano. Enquanto o paradigma disjuntivo valorizava em demasia a capacidade do professor, enquanto reproduzidor de conteúdos, a preocupação franciscana acerca do professor, ou melhor, do mestre, recai sobre aquilo que ele é. Ou seja, o que quali-





fica o educador franciscano é a prática das virtudes. Quem se incumba do ofício de tornar bons a outros, primeiro deverá ter aprendido esta ciência da bondade, exercitando-a em si mesmo e, pela frequente prática, deverá tê-la convertido em hábito.

Na concepção pedagógica franciscana, um dos fatores preponderantes no processo de formação do educador é o de trilhar o caminho da virtude, pois, somente assim, poderá incitar seus discípulos a buscarem uma vida virtuosa e a combaterem os vícios. Dentre as virtudes pedagógicas franciscanas, destacam-se a prática de humildade ou de caridade fraterna e o exercício de sobriedade, de paciência, de silêncio, de obediência, de pureza e de simplicidade. Pois, à medida que progride a virtude, mais retrocede o vício contrário.

A aprendizagem das virtudes, segundo Boaventura (1983), aproxima-se da concepção aristotélica de virtude, uma vez que a virtude não é um dado inato, mas um valor a ser apreendido mediante sua prática. Seguindo essa linha de pensamento, não basta saber o que é o bem, mas se faz necessário traduzi-lo na prática por meio de obras, assim como quem estuda medicina e, praticando-a, logo nela se exerce, porquanto o desempenho de algum exercício imprime ao entendimento uma perícia bem mais perfeita do que o mero estudo teórico.

Portanto, a filosofia franciscana realça a importância da vida virtuosa dos mestres, valoriza o caráter, as habilidades comportamentais do professor. O docente não pode ser apenas um profissional da informação, mas um mestre de vida, que promove o desenvolvimento de todas as potencialidades da alma humana; deve ser um mestre que desperta o homem





para uma consciência mais global, abrangente, que une e integra, levando-o a pensar e agir em benefício de todos. A pessoa nasce para descobrir o que significa a vida e o que fazer para viver em liberdade, se autorrealizar, ser feliz em harmonia com os outros e com tudo que a cerca. Esse é o grande propósito enquanto seres humanos.

EDUCAÇÃO PARA A LIBERDADE, SOLIDÃO E VIDA EM COMUNHÃO

A autêntica educação, na perspectiva franciscana, é aquela que conduz o ser humano à liberdade. Não, porém, a liberdade entendida como o “fazer aquilo que se quer”, ou poder escolher arbitrariamente entre duas ou mais possibilidades. Na ótica franciscana, liberdade tem a ver com o poder de autodeterminação da vontade em qualquer circunstância. O ser humano não é livre para escolher onde nascer, mas em qualquer circunstância de sua vida pode determinar-se a fazer o bem, a ser bom e virtuoso. Se a liberdade dependesse de circunstâncias exteriores, não poderíamos ser livres. Em uma palavra, segundo Merino (2000), o poder de autodeterminação da vontade está ao alcance de todos.

A vontade determina a si mesma, sobretudo na esfera da ética. Mesmo influenciado pelo meio em que vive, o homem tem a possibilidade de determinar seu próprio comportamento por meio da reta razão e da vontade. A vontade pode, até mesmo, rebelar-se contra a razão, porém, o bom agir implica necessariamente vontade e intelecto.





A partir dessas inferências, constata-se que a educação franciscana propõe-se a educar para uma liberdade que está intimamente associada a uma perspectiva ética. Educar para a liberdade é auxiliar o educando a se tornar pessoa, a aprender a determinar-se a si próprio e, assim, atualizar as potencialidades. Educar para a liberdade exige a adequação da vontade à reta razão, segundo ela o ser humano liberta-se à medida que vive virtuosamente.

Na civilização contemporânea, na leitura de Merino (2000, p. 81), o ser humano sente-se “desafiado pela solidão e pela vida em comunhão”. Muitas pessoas sentem-se sozinhas mesmo “acotovelando-se” nas ruas. O paradigma epistemológico cartesiano, que impera hoje, está muito mais voltado ao exterior do que para o interior do ser humano e às questões que dizem respeito ao sentido de sua vida no mundo. O pensamento franciscano caracteriza-se pela valorização da singularidade única e irrepetível de cada ser humano. Entretanto, ao valorizar a singularidade de cada pessoa, não nega a existência de uma essência ou natureza comum a todos os indivíduos, logo nos permite falar de humanidade. A radical singularidade de cada ser humano é irreduzível à essência comum. O que cada um é essencialmente nenhum outro é, e nem pode ser. Outro termo empregado para designar esse “lugar” totalmente singular da existência humana é solidão última. A solidão última designa a mais radical instância em que o homem pode se encontrar: é o recôndito da interioridade humana em que o indivíduo tem de se determinar a si mesmo e se responsabilizar por sua própria existência.





Nem mesmo o próprio Deus interfere na vida do homem, em sua mais radical solidão. Isso quer dizer que, em última instância, o peso da tarefa de existir recai sobre os ombros de cada um: ninguém pode viver, sofrer, amar ou morrer no lugar de outra pessoa. O modo como existimos é, portanto, uma decisão “solitária”, mas com profundas implicações comunitárias. A solidão, à qual se fez referência anteriormente, não tem nada a ver com isolamento que se opõe à comunhão. A solidão é condição de possibilidade para a solidariedade. Portanto, à medida que a alma humana mergulha no mistério de si mesma, encontra-se consigo, com os outros e com Deus. No nível da mais profunda solidão, o outro surge como diferente e não como reduplicação de mim mesmo. Na solidão última, o homem se reconhece como “relação, como abertura, comunicação e solidariedade” (MERINO, 2000, p. 89).

Na solidão mais profunda, a pessoa humana experimenta e vive o mistério de cada homem, de todos os homens, e com eles se relaciona e se comunica. Por isso se afirma que o verdadeiramente solitário é solidário, de modo que a solidão é solidariedade. O eu, em sua profunda solidão, é sempre solidariedade de um tu, de um nós. A estrutura íntima de um homem tem fases de estratificação. Só chegando à última fase da arqueologia existencial, o homem se encontra e se reconhece como ele mesmo, como autoafirmação: relação, abertura, comunicação e solidariedade.

Portanto, na perspectiva franciscana, há um acentuado sobre a necessidade de viver segundo princípios éticos e religiosos em sua proposta de educação, assim pretende responder





às reais necessidades do homem de então e dos tempos atuais. Ao valorizar a singularidade de cada pessoa, não apregoa um egoísmo ou um individualismo, mas que cada indivíduo tem uma contribuição intransferível à sociedade. Cada um é responsável para que no mundo haja mais paz, amor, justiça, respeito à alteridade e compaixão. O mundo será melhor e mais feliz à medida que cada ser singular um for mais virtuoso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A visão fragmentária cartesiana do fenômeno humano e do mundo precisa ser ultrapassada por uma visão sistêmica e complexa. Cabe à educação a tarefa de não só interconectar saberes, mas de pensar o ser humano em sua totalidade e no conjunto das relações que o constituem. Requer-se uma educação que priorize o desenvolvimento das potencialidades da alma humana e promova a comunhão, o respeito pela alteridade e a diversidade cultural. Na perspectiva franciscana, a educação não se restringe à informação e/ou à transmissão de conteúdos, mas indica o processo de construção contínua e integral da identidade de cada ser humano em relação a todos os seres do universo e ao Criador. Porém, não se subestima o esforço de aquisição e de reprodução de conteúdos, mas enfatiza-se que a educação visa ao desenvolvimento das potencialidades da alma humana a fim de torná-la virtuosa e feliz.

A proposta franciscana de educação se fundamenta na conquista da Sabedoria. O sábio não é aquele portador de vastos conhecimentos, mas é aquele que constrói a sua vida à





base de princípios éticos. Por isso, entre teoria e prática, conhecimento e amor, a preferência recai sempre na práxis do amor. Nesse viés, a ciência não é um fim, nem se busca para aprender a falar e a argumentar, mas em vista do aprender a agir, amar e viver. Enfim, na visão franciscana, o magistério de um educador é válido quando educa o ser humano para a ciência, afetividade, espiritualidade, criticidade e respeito para consigo mesmo, o outro e a natureza e, sobretudo, quando testemunha uma vida integral: virtuosa e feliz.

REFERÊNCIAS

BOAVENTURA, S. **Obras escolhidas**. Tradução de Luis A. de Boni, Jerônimo Jerkovic e Saturnino Schneider. Petrópolis: Vozes, 1983.

MERINO, J. A. **Humanismo franciscano**. São Paulo: Loyola, 1999.

MERINO, J. A. **Filosofia da vida**: visão franciscana. Braga: Editorial Franciscana, 2000.

MERINO, J. A; FRESNEDA, F. M. **Manual de Filosofia Franciscana**. Petrópolis: Vozes, 2006.

ZAVALLONI, R. **Pedagogia franciscana**: desenvolvimentos e perspectivas. Petrópolis: Vozes, 1999.





O ADMIRÁVEL MUNDO DA NANOCIÊNCIA¹

Solange Binotto Fagan²

INTRODUÇÃO

Nanociências é a ciência que envolve o conhecimento das propriedades e potencialidades de materiais que apresentam em sua estrutura, pelo menos uma dimensão em uma escala que corresponde a um bilionésimo do metro, denominada “nano”. Conseqüentemente, a nanotecnologia é a aplicação tecnológica destes nanomateriais em diferentes áreas do conhecimento.

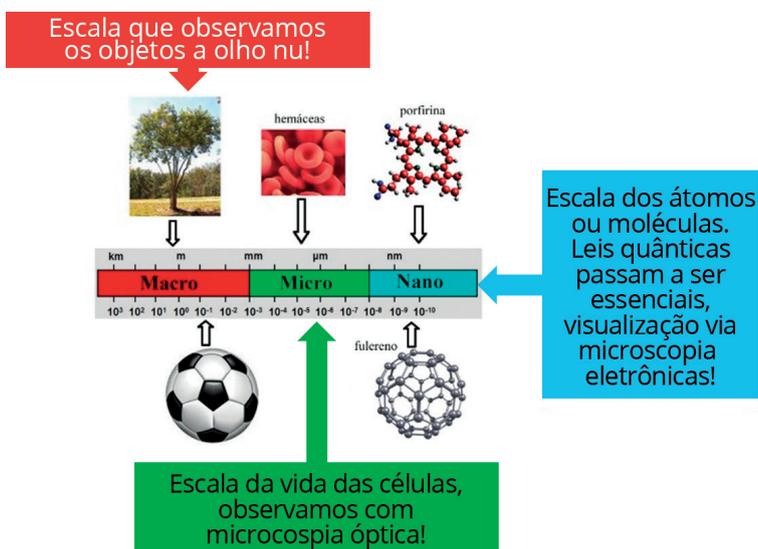
O desenvolvimento da Nanociência e da Nanotecnologia (N&N) decorre do desenvolvimento, nos anos de 1980, de microscópios eletrônicos para visualização de fenômenos em escala atômica e também do aprimoramento de técnicas químicas e físicas de produção de materiais (TOMA, 2009). Essas técnicas tornaram possível o design de novos materiais e também a visualização de estruturas químicas existentes na natureza. Esse conhecimento tem proporcionado possibilidades de aplicações em diversas áreas do conhecimento a partir de nanomateriais como nanopartículas poliméricas, nanotubos de carbono, grafeno, nanopartículas metálicas, nanossomas, entre inúmeros outros exemplos (RODUNER, 2006; SOUZA FILHO; FAGAN, 2011).

¹ Oficina desenvolvida no 6º Congresso Nacional das Escolas Franciscanas, Santa Maria, RS, 2015.

² Professora do Programa de Pós-graduação em Nanociências, Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, RS.

Na natureza, a forma como observamos os objetos depende da dimensionalidade em que estão inseridos. Na figura 1, podemos observar um exemplo de estruturas macrométricas, como a bola de futebol ou uma árvore, micrométricas, como hemácias, e nanométricas como moléculas de fulerenos e porfirinas.

Figura 1: Escalas macro, micro e nanométrica, respectivos exemplos e propriedades.



Na escala macrométrica, os objetos podem ser visualizados e manipulados a olho nu, sem aparato técnico, ou seja, esta é a escala em que vivemos e nos relacionamos. Quando partimos para a escala micrométrica (entre milímetros e milhares de nanômetros), é necessário o uso de microscópios ópticos



para observar e manipular as propriedades desses materiais. Já os nanomateriais estão incluídos em uma escala de dimensões com até uma centena de nanômetros e só podem ser visualizados por meio de microscopias eletrônicas. Nesta escala, fica evidente o comportamento quântico da matéria para entender as propriedades dos nanomateriais.

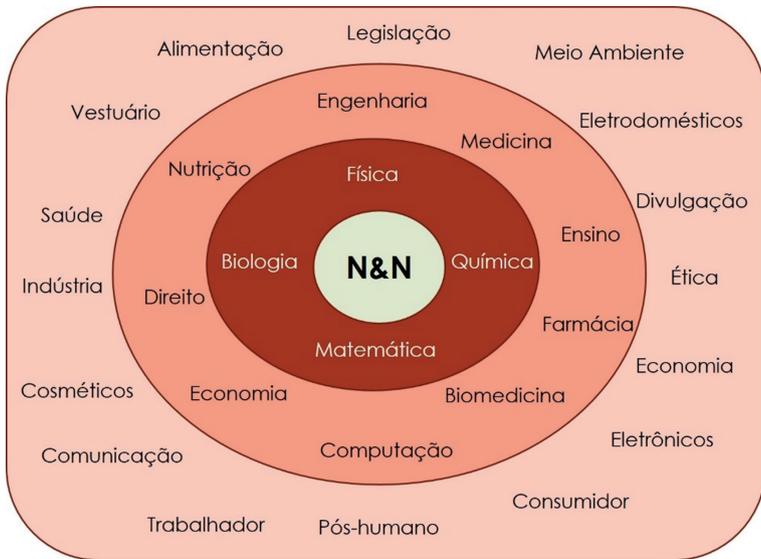
As propriedades e o uso que se faz dos produtos da N&N a tornam uma área interdisciplinar, vinculando diferentes áreas do conhecimento. Essa constatação foi feita por Ellwanger, Mota e Fagan (2014),

Nanociência estuda o comportamento da matéria na escala de poucos átomos ou moléculas onde a física, química e biologia convergem para uma mesma ciência, que a partir deste momento se autodenomina interdisciplinar.

Na figura 2, mostra-se a interlocução das diferentes áreas com N&N. Podemos observar que a física, a química, a biologia e a matemática são áreas fundamentais para entender o comportamento dos nanomateriais. Consequentemente, as áreas da saúde, engenharias e outras associadas à legislação e economia se beneficiam do conhecimento gerado e podem desenvolver produtos ou processos que podem impactar em todas as áreas como meio ambiente, ensino, vestuário, indústria, comunicação, etc. (FAGAN; ZANELLA, 2011).



Figura 2: Relação entre a N&N e as diferentes áreas do conhecimento e impactos na sociedade.



Desta forma, podemos verificar então que a Nanociência e a Nanotecnologia têm um potencial imenso de provocar mudanças a qualquer âmbito do desenvolvimento científico e tecnológico, de forma que a pesquisa e a inovação impulsionarão essa área promissora. A importância da Nanociência foi destacada fortemente na entrega do prêmio Nobel de 2010, quando foram laureados os físicos Andre Geim e Konstantin Novoselov (2005) por terem observado propriedades particulares na estrutura de carbono chamada grafeno que está levando a produção de dispositivos eletrônicos transparentes, por exemplo. Da mesma maneira, no prêmio Nobel de 2007, concedido a Albert Fert e Peter Gruenberg (1989) por desenvolverem a tec-





nologia que levou à radical miniaturização de discos rígidos a partir das propriedades magnéticas em nanomateriais. Ambos os trabalhos encaminham uma nova gama de possibilidades antes impossíveis nestes horizontes tecnológicos.

Atualmente, observam-se diversos produtos no mercado com insumos nanotecnológicos, dos quais podemos destacar nanocosméticos, filtros solares, medicamentos com nanopartículas para veicular fármacos para tratamento e diagnóstico de doenças, nanosensores, suplementos alimentares, pinturas com tintas hidrofóbicas e autolimpantes, embalagens inteligentes e até comestíveis, equipamentos eletrônicos, entre outros. Entretanto, essa nanotecnologia que está a nosso dispor é ainda incremental. Sabe-se que a nanotecnologia a qual irá mudar a forma como nós vivemos e nos relacionamos, em uma perspectiva de pós-humano, ainda está por vir e muitos esforços em termos de pesquisa, inovação e debates éticos ainda são necessários.

Por outro lado, é fundamental que este debate sobre o admirável mundo nanométrico atinja os ambientes escolares para que sejam formados cidadãos cientes do avanço científico e tecnológico em que estamos inseridos, assim como possam ter opinião sobre os riscos e benefícios que esta área pode trazer para a vida das pessoas (ELLWANGER et al., 2012). Um debate ético e sociológico é fundamental, já que a inserção desta nova tecnologia vai mudar desde a forma de comunicação, assim como os empregos, algumas áreas de trabalho irão desaparecer, outras irão aparecer, assim como vivemos em outras inovações tecnológicas, como a computação.





REFERÊNCIAS

ELLWANGER, A. L. et al. O Ensino de Nanociências por meio de objetos de aprendizagem. **RENOTE – Revista Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre, v. 10, p. 1-10, 2012.

ELLWANGER, A. L.; MOTA, R.; FAGAN, S. B. Abordagem de Nanociência no Ensino Médio. **Vidya**, Santa Maria, RS, v. 34, n. 1, p. 85-98, jan./jun., 2014. Disponível em: <<http://periodicos.unifra.br/index.php/VIDYA/article/view/19/207>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

FAGAN, S. B.; ZANELLA, I. Nanotecnologia: a escala nanométrica e a interdisciplinaridade. In: ENGELMANN, W. (Org.). **Nanotecnologias: um desafio para o século XXI**. São Leopoldo, RS: Casa Leiria, v. 1, p. 131-140, 2010.

GRUNBERG, P. et al. Enhanced magnetoresistance in layered magnetic structures with antiferromagnetic interlayered exchange. **Phys. Rev. B**, v. 39, n. 7, p. 4828-4830, mar. 1989.

NOVOSELOV, K. S. et al. Two-dimensional atomic crystals. *American Proc. Natl. Acad. Sci. U. S. A.*, 102, 10451, 2005.

RODUNER, E. Size matters: Why nanomaterials are different. **Chemical Society Reviews**, v. 35, n. 7, p. 583-592, 2006.





SOUZA FILHO, A. G.; FAGAN, S. B. Nanomaterials Properties. In: ANDRADE, M.; BERGMANN, C. (Org.). **Nanostructured Materials for Engineering Applications**. Berlin: Springer – Verlag, v. 1, p. 5-22, 2011.

TOMA, E. H. **O Mundo nanométrico**: a dimensão do novo século. 2. ed. São Paulo: Oficina de Textos, 2009.



TRABALHOS APRESENTADOS





A CONTEXTUALIZAÇÃO DO ENSINO DE QUÍMICA POR MEIO DE ATIVIDADES EXPERIMENTAIS

Giovanna Stefanello Silva

Colégio Franciscano Sant'Anna

giovannastefanello@gmail.com

INTRODUÇÃO: A proposta de ensino do Colégio Franciscano Sant'Anna pressupõe que seus educadores desenvolvam diferentes metodologias em sala de aula, na tentativa de promover a aprendizagem dos estudantes com ações reflexivas, solidárias e significativas (MORO; DÓRIA; ROHDE, 2010). O principal objetivo é destacar o papel do professor como mediador no processo de ensino e aprendizagem, enquanto o estudante seja protagonista na busca de seu próprio saber. No ensino de Ciências, o protagonismo dos estudantes com relação à compreensão do mundo macroscópico a partir do microscópico é cada vez mais exigido, de forma que é muito importante para o entendimento de fatos e fenômenos cotidianos (SILVA, 2013). Dessa forma, em específico no ensino de Química, é necessário que os conceitos desenvolvidos em sala de aula sejam acompanhados, muitas vezes, de atividades experimentais, a fim de possibilitar ao estudante uma maior capacidade de abstração. A experimentação no ensino de Química é empregada para favorecer a exploração de conceitos e promover sua interpretação com base nos conceitos prévios que os estudantes apresentam. Ou seja, à medida que a atividade é desenvolvida,



e os conceitos são abordados, as noções iniciais dos estudantes são transformadas e enriquecidas, isso resulta na construção do conhecimento científico. Com base nesses pressupostos, por meio deste trabalho, objetivou-se o desenvolvimento de diferentes atividades experimentais, na tentativa de auxiliar os estudantes na construção, visualização e aplicação de diferentes conhecimentos químicos, referentes à primeira série do Ensino Médio do Colégio Franciscano Sant'Anna, com fatos de seu cotidiano. **METODOLOGIA:** O trabalho foi desenvolvido com três turmas da primeira série do Ensino Médio do Colégio Franciscano Sant'Anna, totalizando oitenta e nove alunos, durante os períodos de Química (cinquenta minutos/aula) no Laboratório de Ciências da escola. As atividades experimentais foram desenvolvidas durante o ano letivo de 2014 e estavam baseadas nos três momentos pedagógicos descritos por Delizoicov e Angotti (1990), ou seja, problematização inicial, organização do conhecimento e aplicação do conhecimento. Essa metodologia de ensino tem como objetivo provocar os estudantes a sentir a necessidade de buscar respostas às questões lançadas sobre determinado conceito, sempre relacionadas ao seu cotidiano. Essa busca pelas respostas é desenvolvida no segundo momento, no qual os conceitos químicos necessários para a compreensão de fenômenos e comportamentos são abordados. Já no terceiro momento, a abordagem sistemática dos conhecimentos vistos nas etapas anteriores ocorre através da demonstração ou desenvolvimento de atividades experimentais, realizadas tanto pelo professor quanto pelos alunos, respectivamente. As atividades abordaram diferentes conceitos químicos como:





separação de misturas, modelo atômico de Bohr, polaridade das moléculas, forças intermoleculares, reações de oxirredução, entre outros aspectos. Além disso, os estudantes recebiam roteiros sobre os passos a serem desenvolvidos, ou eram instigados a criarem seus próprios roteiros, por meio de esquemas, desenhos e textos, na tentativa de melhor compreender o experimento desenvolvido. **RESULTADOS:** Valorizar as situações cotidianas dos alunos é permitir que eles desenvolvam uma nova perspectiva, a de observar sua realidade, compreendê-la e sentir necessidade de modificá-la, conforme destacado pelos PCNEM (BRASIL, 2006). Partindo dessa premissa, as atividades experimentais desenvolvidas no laboratório possibilitaram aos estudantes interpretar fatos presentes em suas vidas, bem como o surgimento de novas dúvidas, relacionadas a outros aspectos de seu cotidiano. Durante as aulas, os estudantes eram sempre provocados a discutir possíveis causas, explicações e resultados para os experimentos realizados, na tentativa de instigar a curiosidade e discussão entre os colegas. Uma das atividades desenvolvidas teve como objetivo “desvendar” o conteúdo das *lightsticks*, também chamadas de pulseiras neon, utilizadas em festas. O protagonismo dos estudantes nessa atividade foi muito importante, já que eles puderam confrontar seus conhecimentos prévios sobre esse adereço e os conceitos químicos envolvidos, de modo que analisaram e manusearam diretamente a pulseira. Outra atividade desenvolvida no Laboratório de Química teve como objetivo relacionar os conceitos envolvendo ligações químicas com a condução de eletricidade, a partir da análise de compostos químicos trazi-





dos pelos próprios alunos. As informações geradas através da realização das atividades experimentais acompanharam os estudantes ao longo do ano letivo, já que os inúmeros exercícios e questões de avaliações resolvidas por eles continham aspectos diretamente relacionados às aulas práticas do laboratório, sempre destacando fatos do cotidiano. Desta forma, foi possível observar que os estudantes, inúmeras vezes, conseguiram relacionar os questionamentos, aos quais foram submetidos, aos fatos observados durante as aulas. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A utilização de estratégias no ensino de Química contribui de maneira significativa para o processo de ensino e aprendizagem, principalmente quando possibilita a transição dos estudantes nos três níveis de representação: macroscópico, microscópico e simbólico. Esse processo deve ser feito pelo professor que é o responsável por mediar espaços para que os estudantes externalizem suas compreensões, a fim de proporcionar dessa forma a verificação da explosão de ideias e a identificação da aquisição de novos conhecimentos. O trabalho desenvolvido na escola demonstrou que a abordagem dos conceitos químicos, realizados de maneira contextualizada, contribuiu de maneira significativa para a aprendizagem dos estudantes, tanto em aspectos relacionados a desafios das aulas de Química quanto a acontecimentos do cotidiano.

Palavras-chave: Ensino de Química. Atividades experimentais. Contextualização.





REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Básico. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio: Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias. Orientações Curriculares para o Ensino Médio. v. 2.** Brasília, 2006.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A. A. **Metodologia do Ensino de Ciências.** São Paulo: Cortez, 1990.

MORO, V.; DÓRIA, A. L.; RODHE, H. M. (Org.). **Projeto Político-Pedagógico 2011 a 2014 – Colégio Franciscano Sant’Anna.** Santa Maria, RS, 2010.

SILVA, G. S. **A abordagem do modelo atômico de Bohr através de atividades experimentais e de modelagem.** 2013. 216 p. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.





A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DO SER HUMANO

Salete Processo de Andrades Dotta
Valderesa Moro

Colégio Franciscano Sant'Anna
sse@colegiosantanna.com.br

INTRODUÇÃO: Vivemos em um mundo de mudanças aceleradas, em que as informações chegam quase que imediatamente, as pessoas multiplicam suas atividades diárias, gerando falta de tempo, o que influencia diretamente no convívio familiar. A interação familiar é determinante para a formação do ser humano, pois é com a família que aprendemos o carinho mútuo, o respeito, os princípios e valores que nos tornam cidadãos íntegros. A vida familiar é nossa primeira escola de aprendizado emocional. Nesse caldeirão íntimo, aprendemos como nos sentir em relação a nós mesmos e como os outros vão reagir a nossos sentimentos (GOLEMAN, 1996). Ao considerarmos tal contexto, propomos ao sexto ano do Ensino Fundamental do Colégio Franciscano Sant'Anna um trabalho de resgate ao clã familiar, com o objetivo de valorizar a família como centro de nossa vida; conhecer o passado para reconhecer a identidade pessoal e aprofundar o mandamento da juventude franciscana: "Ame e respeite sua família e seus amigos". A Família é a base da sociedade, porém, hoje, há uma mudança estrutural da família, o velho modelo familiar pai, mãe e filhos, no qual o



comando era centrado no pai ou na mãe, já não é único. Outras formas familiares estão aparecendo, as famílias estão diversificadas. Existem famílias formadas somente por pai e filho, mãe e filho, avós e netos e também por casais homoafetivos. A escola deve estar atenta a tais mudanças, bem como considerar a possibilidade de acolher a diversidade da estrutura familiar atual e trabalhar com esse novo universo. Com as mudanças sociais e políticas, as mães se voltam ao mercado de trabalho, sendo uma das transformações mais significativas na vida doméstica e que resulta em mudanças na dinâmica familiar. A crescente participação do sexo feminino na força de trabalho, em consequência das dificuldades enfrentadas pelas famílias, cria outras necessidades (ROMANELLI, 2005). Porém todas essas mudanças de conceito não diminuem a responsabilidade da família no desenvolvimento integral do ser humano. Ao contrário, acredita-se que todas estas adversidades criam seres mais tolerantes, respeitosos e afetuosos. Na família, dá-se o processo de humanização do ser humano. Um ambiente familiar estável e carinhoso colabora proficuamente para um bom desenvolvimento da criança, seja na escola, em casa, seja com os amigos. A falta de um contato mais próximo e afetuosos gera as condutas caóticas e desordenadas, que se refletem em casa e, por consequência, na escola em termos de indisciplina e de baixo rendimento escolar (MALDONADO,1997). Por acreditarmos que conhecer os seus antepassados, entender a formação da sua família, compreender o porquê de algumas escolhas, sejam elas profissionais ou pessoais, contribuem na aprendizagem e no respeito às diferenças. Entender





que todos têm uma história, feliz ou não, pode ajudar a tornarem-se quem são. Diante disso, neste trabalho, pretende-se resgatar as histórias de cada um, que são importantes para o desenvolvimento do ser humano. **METODOLOGIA:** Em sala de aula, houve a sensibilização do tema, com ambiente acolhedor com a canção: É bom ter a minha família, autoria de Padre Antônio Maria, para que os alunos entendessem qual a verdadeira intenção do trabalho. Após, foi realizada a leitura do texto: “A família hoje”, de autoria da professora Salete Dotta, com fundamentação bíblica, e experiência de vivência pessoal e leituras sobre o tema. Os alunos, organizados em grupos, realizaram o aprofundamento do texto, confrontando-o com a experiência familiar de cada um. Depois, elaboraram questões embasadas no texto lido, que desafiaram a vivência pessoal de cada um em sua própria família. Nesse momento, houve entrosamento entre os grupos, considerando que as questões deveriam ser respondidas por alunos de outros grupos. A seguir, os alunos receberam orientações práticas dos passos da realização da pesquisa sobre a família de cada um, para descobrir suas raízes. A pesquisa envolveu a participação da família, seja referente às que estão presentes no dia a dia da criança, seja das que estão longe, residindo em outras cidades, estados e países. Foram tios, avós, irmãos mais velhos, enfim, houve envolvimento de muitas pessoas. No desenvolvimento do trabalho, fez-se o resgate dos 10 mandamentos da juventude franciscana. Em duplas os alunos construíram os dez mandamentos para a PAZ na família, tendo como base o mandamento “Ame e respeite sua família e seus amigos”. Em seguida, aconteceu um





seminário sobre o resultado dos mandamentos construídos por cada dupla, escritos em um pergaminho, utilizando para isso os recursos tecnológicos da informática. Foi construído um ímã de geladeira com os mandamentos da paz na família. **RESULTADOS:** A proposta agregou a incorporação de valores como a importância de se ter na família respeito, convivência harmoniosa, reconhecimento do amor e dedicação dos pais pelos filhos, bem como atitudes de gratidão, expressando aos pais seu reconhecimento pelo cuidado e proteção da família. A partir dos dados pesquisados, os alunos criaram cartazes comparativos do passado e do presente, nos quais expressaram conclusões pessoais, nos seguintes aspectos: família, etnia, casamento, profissão, número de filhos, religião, escolaridade, adolescência e mulheres. Cada aluno apresentou aos colegas parte da pesquisa elaborada por eles. De livre escolha, optaram por explicar sobre a conversa com os avós, tabela dos dados sobre a árvore genealógica que envolvia escolaridade, profissão, número de filhos, estado civil, religião, etnia e país de origem; fatos marcantes envolvendo a família no passado. Perceberam que algumas coisas mudaram, como: grande número de filhos no passado, famílias menores hoje; as mulheres na maioria não trabalhavam fora, hoje é o contrário, ainda afirmam que as mulheres têm mais direitos, “podendo até escolher com quem casar”. Os adolescentes estão mais rebeldes, não obedecem como antes. Outro aspecto interessante foi quanto à religião. Nas suas conclusões, os alunos compreenderam que antigamente as famílias frequentavam mais a igreja e hoje não, e o verdadeiro sentido das datas religiosas não é lembrado. Quanto à etnia,





concluíram que no passado as pessoas de raças diferentes não podiam se casar, usar o mesmo ônibus, o preconceito era grande. Hoje as pessoas são mais tolerantes e sábias, entendem que todos são seres humanos e todos têm direitos. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Na conclusão do trabalho, os alunos expressaram a importância da família, independente de como ela se constitui. Nota-se que todos têm uma história, uma caminhada, ninguém está sozinho, uma vez que a família é a base para o adulto no qual esta criança transformar-se-á. A importância do trabalho não se deu somente pelas conclusões realizadas pelos alunos, mas também pelo tempo que a pesquisa envolveu todos os membros da família, fazendo com que histórias nunca antes contadas pudessem ser ouvidas. Encerramos transcrevendo a conclusão de uma aluna, que afirma: “após a leitura do texto ‘A família de hoje’, constato que realmente vivemos em um mundo em que as mudanças ocorrem de forma acelerada, sem tempo de refletir, dialogar e resgatar os valores passados de geração a geração [...]. Percebo também que a elaboração deste trabalho envolveu meus avós, que procuraram os registros, se empenharam em reproduzir fotos 3x4, se emocionaram ao contar fatos sobre a vida deles e dos pais deles, demonstrando que os sentimentos estão presentes quando a história vem à tona. [...] todas as pessoas têm uma história de vida e a minha está aqui com várias etnias, com diferentes níveis de escolaridade, duas religiões diferentes e dois países diferentes. Assim, devemos compreender e respeitar as diferenças, sermos dóceis e ter atitudes de colaboração com quem vivemos” (E. K., 6º ano).

Palavras-chave: Família. Respeito. Ser humano.





REFERÊNCIAS

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

MALDONADO, M. T. **Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir**. São Paulo: Saraiva, 1997.

ROMANELLI, G. Autoridade e poder na família. In: CARVALHO, M. C. B. A. **Família contemporânea em debate**. São Paulo: Cortez, 2005.





A INTEGRALIDADE DOS SABERES NA INCLUSÃO

Thereza Cristina de Araújo Moreira

Cristiane Cavalcante Vasconcelos Souza

Escola Franciscana Nossa Senhora de Fátima

INTRODUÇÃO: O respeito à diversidade começa por considerar a diferença como parte da realidade humana e perpassa o aprendizado de superação dos preconceitos, discriminações e intolerâncias contra aqueles que destoam do prescrito como norma social (BALLONE, 2005). A discussão sobre adaptação curricular baseia-se a realidade vivenciada nas salas de aula, com maior incidência nos últimos anos. Esta realidade social gera preocupação e insegurança aos pais no que se refere à adaptação do aluno na instituição e ao atendimento pedagógico dos profissionais de educação. Reconhecer a diferença é reconhecer as pessoas e grupos como diferentes entre si, que possuem direitos correlatos. A convivência na sociedade depende da aceitação da ideia de compor uma totalidade social heterogênea, na qual não poderá ocorrer à exclusão de nenhum elemento da totalidade, logo os conflitos de interesses e os valores precisam ser negociados e as diferenças respeitadas. A proposta pedagógica da Escola Franciscana Nossa Senhora de Fátima tem como objetivo conscientizar profissionais da área de educação da importância da adaptação curricular ser uma forte ferramenta pedagógica para o desempenho profissional e a qualificação do processo de ensino e aprendizagem dos alu-



nos com Necessidades Educacionais Especiais. Entende-se que a inclusão social das crianças portadoras de necessidades educacionais especiais precisa acontecer desde os primeiros anos de vida. Isso implica uma nova postura da escola, que propõe, no projeto político pedagógico, no currículo, na metodologia de ensino, na avaliação e nas atitudes dos educandos e dos educadores, ações que favoreçam a integração social. A Educação Inclusiva, entendida sob a dimensão curricular, significa que o aluno portador de necessidades especiais deve fazer parte da classe regular, aprendendo as mesmas coisas que os outros – mesmo que de modos diferentes – cabendo ao professor fazer as necessárias adaptações (UNESCO, 1994). Essa proposta difere das práticas tradicionais da Educação “Especial” que, ao enfatizar o déficit do aluno, acarretam a construção de um currículo empobrecido, desvinculado da realidade afetivo-social do aluno e da sua idade cronológica, com planejamento difuso e um sistema de avaliação precário e indefinido. Falar sobre inclusão hoje é muito comum, mas é preciso que haja mais ações do que meros discursos; é necessária uma mudança de pensamento da sociedade em relação a esse problema; as escolas precisam mudar sua postura. Não resta dúvida de que para o professor atuar efetivamente em uma perspectiva inclusiva ele deve ser, antes de tudo, um pesquisador, de modo a planejar sistematicamente, coletar dados, analisar, refletir e transformar a sua prática. Se essa postura é fundamental em qualquer situação de ensino-aprendizagem, mais ainda nos projetos de Educação Inclusiva, nos quais há carência de experiências sistemáticas, avaliadas e divulgadas, que nos permitam sair do esquema em





que cada um trabalha na base do ensaio-e-erro, ainda tão comum na maioria de nossos projetos educativos. Em relação aos educadores, a maior conquista na inclusão está em conseguir garantir a todos o direito à educação. “A filosofia da inclusão, por sua vez, precisa ser interpretada, divulgada e planejada corretamente, a fim de produzir resultados adequados. Nesse viés, campanha de esclarecimento sobre a educação inclusiva, levada a efeito pelos setores público e privados junto à sociedade, muito contribuirá para torná-la realidade” (SCHWARTZMAN, 2001, p. 262). O aluno que estamos avaliando pode ter características de comportamento e de aprendizagem diferentes das quais o professor está acostumado a lidar, o que vai lhe requerer atenção especial, mas isto não significa que a sua estrutura mental e a qualidade da sua aprendizagem sejam necessariamente deficitárias, em relação aos outros alunos. Significa, sim, que temos de definir critérios claros e específicos para esta avaliação, e não que tenhamos de praticá-la de maneira paternalista. É importante avaliar também as condições reais de inclusão que são oferecidas aos alunos, já que esta é meta do trabalho desenvolvido. É necessário ter coragem de ousar no que diz respeito à avaliação, rompendo com práticas tradicionalmente utilizadas, e criar adaptações, da mesma forma que foi proposto em relação ao currículo em geral. Foi ressaltado que não é apenas o aluno que precisa ser avaliado, mas o próprio currículo – e a instituição e os atores que o implementam, o contexto educacional, incluindo as políticas e o entorno comunitário e familiar que o compõe. Qualquer sujeito, independente do seu comprometimento corporal, orgânico, cultural ou psicológico, rela-





ciona-se e elabora aprendizagem, pois é um ser social, que estabelece relações vinculares durante toda a sua existência. Nos dias de hoje, fica cada vez mais evidente que se faz necessário considerar o aspecto orgânico como importante na avaliação do problema de aprendizagem, no entanto, é também indispensável que os aspectos cognitivos e afetivos sejam ponderados na elaboração do diagnóstico, como também no tratamento indicado. Além desses fatores, não se pode deixar de levar em consideração os níveis econômicos e culturais em que o grupo familiar da criança se encontra, bem como o tipo de escola que frequenta, uma vez que, se forem bem entendidas e encaminhadas as dificuldades de aprendizagem, as crianças/alunos podem ter assegurada uma relação mais harmônica, coerente e saudável com o conhecimento. Cabe ao adulto resolver os problemas, quer nos aspectos político-educacionais, quer nos aspectos científico-pedagógicos. Só considerando esses aspectos em uma visão dialética se poderá, no futuro, reduzir o número de crianças que tendem para o insucesso na vida. Concluindo, é indispensável registrar que equipes multidisciplinares, compostas por médicos, pedagogos, psicopedagogos, psicólogos, professores e demais profissionais envolvidos, cada vez mais, se colocam a serviço dos casos de problemas de aprendizagem, de modo a colaborar para que as crianças e os adolescentes encaminhados possam desfrutar plenamente de sua cidadania. **METODOLOGIA:** A metodologia do processo educativo franciscano se embasa na legislação vigente relacionada ao processo de inclusão. Trata-se do estudo e compreensão da História da Educação Especial, suas ações pedagógicas e





estratégicas para a aprendizagem dos alunos com ou sem necessidades educacionais especiais, previstas na Lei de Diretrizes e Bases, LDB. A adaptação curricular da escola se constitui de um plano de ação adequado para a execução dos objetivos e atividades específicas. Seleciona conteúdos relevantes quanto à possibilidade de ensinar em um determinado espaço educativo, quando e o que ensinar, como e quando avaliar. A concepção de adaptação curricular inclui os aspectos básicos, que envolvem fundamentos filosóficos e sociopolíticos da educação, até os marcos teóricos e referenciais técnicos e tecnológicos que a concretizam na sala de aula. Reflete, também, as experiências em termos de conhecimento que será proporcionado aos alunos. Visões sobre o currículo: Visão tradicional: é pautada em procedimentos, técnicas e métodos preocupados com a transmissão de “conhecimentos sistematizados e com a sua fixação por meio de atividades meramente mecânicas por parte do professor e do aluno” (BRASIL, 2000). Os conteúdos são selecionados de forma acrítica, sem uma contextualização com a realidade e, na maioria das vezes, desprovidos de sentido para os alunos, concebidos como meros receptores do conhecimento. Neste, o conteúdo está submetido ao método, reduzido a técnicas, recursos e procedimentos didáticos. Visão crítica: é compreendida na sua amplitude cultural e histórica, de forma que os alunos e professores são sujeitos interativos, orientados por princípios e metas, intencionalmente voltados à dialética do saber. As relações entre conteúdo e método constituem uma unidade de entrelaçamento da função educativa e da participação social. O conteúdo são os conhecimentos e os valores como





fio condutor da ação pedagógica em uma atividade objetiva de relevância social e humana, norteadas pela estrutura particular de cada disciplina ou área de conhecimento, visando captar os processos psicológicos pelos quais alunos e professores se apropriam dos saberes. O professor assume o papel de mediador dessa relação, em que a interação e a intervenção constante possibilitam o avanço do aluno no seu processo de desenvolvimento e de conhecimento do mundo, garantindo, assim, uma participação social e plena. Currículos inclusivos são baseados em uma visão de aprendizagem como algo que acontece quando os alunos estão envolvidos ativamente em compreender suas experiências. São constituídos de forma flexível para permitir não somente adaptações, mas também modificações para atender às necessidades individuais dos alunos e aos estilos de trabalho próprios de cada professor. **ADAPTAÇÃO CURRICULAR:** Pode-se observar durante o processo que as respostas educativas necessitam ser dadas de forma a beneficiar os alunos e, dentre estes, os que apresentam necessidades educacionais especiais quanto o acesso ao currículo com participação integral, efetiva e bem-sucedida em uma programação escolar tão comum quanto possível. A construção de uma escola inclusiva exige esforço e colaboração de todos, diante disso, para se atingir o objetivo de equidade nos resultados da educação, é necessária uma mudança fundamental nas nossas definições de equidade educativa. É fundamental reconsiderarmos a forma como olhamos para as diferenças entre alunos, o modo como consideramos os objetivos da educação básica e secundária e o processo que adaptamos na organização da escola.





Quando se pensa em adaptação de objetivos, estes se referem aos ajustes que o professor faz na ação pedagógica constante de seu plano de ensino de forma a adequá-los às características e condições do aluno com necessidades educacionais especiais. O professor prioriza determinados objetivos/habilidades/competência para atender às necessidades educacionais do aluno, estabelecendo estratégias pedagógicas em uma escala de prioridade, a partir da análise do conhecimento construído, para o desenvolvimento da aprendizagem ser significativa ao aluno. As adaptações de conteúdos acontecem das seguintes formas: Priorização de áreas ou unidades de conteúdos; Reformulação da sequência de conteúdos; Aplicação da interdisciplinaridade durante as aulas; Eliminação de conteúdos secundários, acompanhando as adaptações propostas para os objetivos educacionais e modificação do nível de complexidade das atividades. Adequar o método de ensino às necessidades de cada aluno é um procedimento fundamental na atuação do professor, pois o ensino ocorrerá se o professor atender as modalidades de aprendizagem de cada aluno. Faz parte da tarefa de ensinar buscar as estratégias que melhor respondam às características e às necessidades peculiares de cada aluno. Assim, o professor elimina componentes da cadeia que constitui a atividade, como dar nova sequência à tarefa, dividindo a cadeia em passos menores, com menor dificuldade entre um e outro. Outra maneira de adequação no método de ensino encontra-se representada pela adaptação de materiais utilizados. São diversos os recursos e materiais vantajosos para atender às necessidades especiais permanentes ou temporárias. O docente faz





modificações na seleção de materiais previstos em função dos resultados que esteja observando no processo de aprendizagem do aluno. O ajuste de suas ações pedagógicas tem continuamente de estar atrelado ao processo de aprendizagem do aluno. Outra categoria de acomodação que desenvolvemos atende às necessidades educacionais especiais de alunos. A Adaptação do processo de avaliação altera as técnicas e os instrumentos utilizados. Alguns exemplos desses ajustes: utilização de diferentes métodos de avaliação, adaptando-os aos diferentes estilos e possibilidades de expressão dos alunos. A adaptação na temporalidade do processo de ensino e aprendizagem, tanto adicionando, como diminuindo o tempo previsto para o trato de determinados objetivos e os consequentes conteúdos. O educador organiza o tempo das atividades propostas, levando-se em conta o tipo de necessidade educacional que o aluno apresenta. Consideramos as características individuais dos alunos, as áreas prioritárias a serem apoiadas de forma mais eficiente para responder às necessidades do aluno, em quais situações o apoio deve ser disponibilizado, e como proceder em relação a isso, quais profissionais participarão, bem como quais as funções e responsabilidades que caberão a cada um. Classificam-se em: 1) Adaptações de Grande Porte: são as adaptações significativas. Dão-se nas seguintes modalidades: organizativas, objetivos de ensino, conteúdo, avaliação, método de ensino, temporalidade. A escola regular precisa promover as modificações que forem necessárias para atender às necessidades de seus alunos. As adaptações de grande porte dividem-se em: a) Adaptações de objetivos: a possibilidade de eliminar





objetivos ou de introduzir objetivos específicos, complementares e/ou alternativos, como forma de favorecer aos alunos com deficiência a convivência regular com seus pares, beneficiando-se das possibilidades educacionais disponíveis. b) Adaptações de conteúdo: as outras formas de adaptações curriculares de grande porte, determinadas pelas adaptações dos objetivos já realizados previamente. c) Adaptações do método de ensino e da organização didática: a adoção de métodos bastante específicos de ensino. d) Adaptações do sistema de avaliação: a introdução de critérios específicos de avaliação e a eliminação de critérios gerais, a adaptação de critérios regulares de avaliação e a modificação dos critérios de promoção, os quais devem ser retomados em novo processo de ensinar, não tendo como função principal classificar o “melhor” ou “pior” da sala. e) Adaptações de temporalidade: os ajustes no tempo de permanência do aluno em uma determinada série/ciclo, sem que exista prejuízo quanto à sua idade/série. 2) Adaptações de Pequeno Porte: não são adaptações significativas. Também podem ser efetivadas nas mesmas modalidades, mas de responsabilidade direta do professor regente. Dizem respeito às ações sob a responsabilidade do professor nos componentes curriculares desenvolvidos em sala de aula, sem que para isso necessitem de decisões ou autorização de instâncias superiores, enquanto tal procedimento fizer parte da sua área de competência. As adaptações de pequeno porte dividem-se em: a) Adaptações de objetivos: estas se referem a ajustes os quais o professor deve fazer nos objetivos pedagógicos que constam no seu plano de ensino, de forma a adequá-los às características e condições



dos alunos com necessidades educacionais especiais. b) Adaptações de conteúdo: os tipos de adaptações de conteúdo podem ser: priorização de tipos de conteúdos, priorização de áreas ou unidades de conteúdos, reformulação da sequência ou, ainda, eliminação de conteúdos secundários, acompanhando as adaptações propostas para os objetivos educacionais. c) Adaptações do método de ensino e da organização didática: procurar as estratégias que melhor respondam às características individuais de cada aluno faz parte do ato de ensinar. d) Adaptações do sistema de avaliação: para atender às necessidades especiais dos alunos, são necessárias adaptações no processo de avaliação, modificando técnicas ou os instrumentos utilizados. e) Adaptações de temporalidade: o professor pode organizar o tempo das atividades, dependendo da necessidade especial de cada aluno. 3) Modalidades de apoio: são recursos e estratégias que promovem o interesse e as capacidades, bem como oportunidades de acesso a bens e serviços, informações e relações no ambiente em que vive. **ALUNOS**

ATENDIDOS NA INSTITUIÇÃO: b) Deficiência visual: cegueira e visão reduzida; c) Deficiência física; d) Deficiência mental/intelectual; e) Deficiência múltipla; f) Altas habilidades/superdotação: notável desempenho e elevada potencialidade em qualquer dos seguintes aspectos isolados ou combinados; g) Transtornos globais de desenvolvimento: alterações qualitativas nas interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório restrito de interesses e atividades, estereotipado e repetitivo, que dificulta o acompanhamento das atividades curriculares; h) DPAC – Distúrbio no Processo Auditivo Central; g) TEA – Trans-





torno do Espectro Autismo; h) Dislexia; i) Transtorno Bipolar; j) Síndrome de DOWN. **CONCLUSÃO:** Pensar em políticas públicas é pensar em sistemas educacionais inclusivos, tendo a escola como espaço fundamental na valorização da diversidade e da cidadania. Tal cidadania é construída na instituição mediante a realização de currículos abertos e flexíveis, que não traduzam o interesse de determinados grupos, ou seja, que não estejam imersos em relações sociais de poder, tornando-se um espaço disputado, contestado ou conflitivo, pois todos os aspectos das políticas ou práticas curriculares podem favorecer ou dificultar a atenção à diversidade. O currículo é uma construção social, ligada a um momento histórico. A sua compreensão como um território político, que esteja intrinsecamente comprometido com a heterogeneidade e as diferenças culturais que compõem a realidade educacional, sugere uma visão renovada e ampliada de currículo, de forma a ter uma ligação estreita com o conhecimento e com a cultura, enfatizando-o como prática cultural e de significação para alunos com ou sem necessidades educacionais especiais. Visa oportunizar aos alunos idênticas possibilidades e direitos, de modo que efetiva não apenas a igualdade de oportunidades, mas também oferece a equidade de condições. A ideia é que a adaptação curricular seja uma prerrogativa para a celebração das diferenças em sala de aula, a fim de contrariar a visão tradicional de que todos os alunos aprendem da mesma forma e no mesmo ritmo.

Palavras-chave: Ensino. Escola. Inclusão.



REFERÊNCIAS

BALLONE, G. J. **Distúrbio de déficit de atenção por hiperatividade**. Disponível em: <www.psiqweb.med.br>. Acesso em: 07 abr. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Projeto Escola Viva**. v. 5 e 6, Brasília: MEC, 2000.

SCHWARTZMAN, J. S. **Transtorno de déficit de atenção**. São Paulo: Mackenzie, 2001.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: CORDE, 1994.





ÁLBUM DE MEMÓRIAS: INCENTIVO À PRODUÇÃO TEXTUAL

Fernanda Rijo Duarte

Colégio Franciscano Sant'Anna

fer.portugues@gmail.com

INTRODUÇÃO: A infância e os valores cultivados pelas crianças no tempo atual têm sido experiências diferentes e significativas, pois o meio eletrônico e as possibilidades de conexões estabelecem novas formas de relações. O impacto das novas tecnologias digitais na modernidade está apenas no início de todas as transformações que estão por vir, mas já mostrou com força suficiente que tem enorme poder, tanto para construir, como para modificar. Assim, considerando tal contexto, a pedagogia franciscana propõe a formação integral em que os valores éticos e morais incidem sobre a personalidade do educando. “Nessa compreensão, o projeto pedagógico e as metodologias de ensino e aprendizagem requerem um processo reflexivo tanto institucional quanto docente, no qual a fundamentação teórica se alicerça em princípios e valores, que dão consistência aos conteúdos de ensino, procedimentos metodológicos e inter-relações pedagógicas” (MORO; FERNANDES; ROHDE, 2014, p. 41). Para tanto, o educando é instigado a aprender, a desenvolver a criatividade e a imaginação, a interagir e a refletir sobre a realidade. Nesse aspecto, Almeida (2012) afirma que a Neurociência mostra que o desenvolvimento do cérebro decorre da integração entre o corpo e o meio social. O educador precisa



potencializar essa interação por parte das crianças, uma vez que a emoção interfere no processo de retenção da informação. Com isso, surge a necessidade de resgatar nos alunos, aqui, em especial, do quarto ano do Ensino Fundamental do Colégio Franciscano Sant'Anna, os valores da infância, o cuidado com o outro, as brincadeiras e a produção textual a partir dessas experiências, que é objetivo principal do trabalho. Lima (2010) reforça que cada brincadeira mobiliza o cérebro da criança segundo os componentes de movimento, oralidade, ritmo, rima e sequência. Cada brincadeira promove o desenvolvimento de movimentos determinados do corpo, de sonorizações e linhas melódicas. A criança precisa realizar brincadeiras de roda, cantadas ou declamadas, parlendas e quadrinhas que desenvolvem a percepção sonora e/ou visual, pois oferecem riqueza de experiências e oportunidades para a criança e atuam, também, no desenvolvimento da imaginação. Lima ainda aborda que histórias, contos, lendas e fábulas têm um papel importante na formação da criança e no desenvolvimento da memória e imaginação. Eles atuam na formação da estrutura da narrativa e na memória, que proporciona muitos subsídios para desenvolvimento e aprendizagens posteriores, dentre as quais destacamos a apropriação da escrita e a atividade criativa da mente humana. Muitas histórias foram perpetuadas ao longo das gerações por meio de personagens – bonecos. Assim, a proposta de trabalho de criação dos bonecos e a “convivência” diária com os alunos do 4º ano do Ensino Fundamental do Colégio Franciscano Sant'Anna possibilita estimular a imaginação, a criatividade, a fantasia, a interação, a responsabilidade e o comprometi-





mento com o “outro”. Além de incentivar a produzir novas histórias infantis. **METODOLOGIA:** O trabalho foi iniciado, no ano de 2013, para incentivar a produção textual dos alunos do 4º ano do Ensino Fundamental do Colégio Franciscano Sant’Anna. Foram utilizados bonecos de pano que eram apresentados aos alunos apenas como “esqueletos”, pois não tinham nada mais do que olhos, boca e nariz. A partir dessa apresentação, a turma foi organizada em dois grupos, um de meninos e outro de meninas. Cada grupo recebeu um boneco e um caderno para ser o Álbum de Memórias desses “novos amigos”, como eram chamados. Os alunos então iniciaram a escolha do nome, idade e gostos de cada boneco, construindo a identidade. Em seguida, os bonecos começaram a visitar um por um dos alunos que os levavam para casa e os presenteavam colocando cabelos, dando ou confeccionando roupas, sapatos, acessórios e tudo mais que a criatividade permitisse. Com isso, era como se cada boneco criasse vida, pois participavam de todos os momentos em sala de aula. Tinham lugar marcado na sala, material escolar, “liam” livros na biblioteca, participavam da oração e até das torcidas nos jogos de integração. No Álbum de Memórias, cada aluno fazia o registro da visita do boneco em sua casa, destacando as atividades mais interessantes que realizaram, registrando o presente que foi dado ao amigo e, muitas vezes, colando fotos dessa visita. **RESULTADOS:** O Álbum de Memórias foi uma proposta pedagógica desenvolvida em 2013 e 2014 nas turmas do 4º ano do Ensino Fundamental do Colégio Franciscano Sant’Anna, Santa Maria – RS. Por meio dessa proposta, os educandos tiveram a possibilidade de estimular e desenvolver a criatividade, a





imaginação e a fantasia, bem como resgataram valores de infância e as brincadeiras com bonecos e fizeram registros por meio de produções textuais. Alguns alunos destacam a experiência pedagógica: “eu gostei bastante da parte de preencher o seu nome, sua cor favorita e seu estilo de música. Também gostei da parte de levá-lo para casa, dar roupas, brincar com ele e escrever no diário de memórias. Foi o trabalho mais legal que tivemos” (J. B., 2014). “A atividade com os bonecos foi muito divertida, principalmente porque tínhamos de escrever no diário tudo o que fazíamos com eles, então o diário ficou cheio de relatos e memórias de todos os tipos” (M. F., 2013). As famílias também compreenderam a proposta pedagógica e assumiram junto à escola a parceria com o trabalho dos bonecos: “esta ideia dos bonecos dados às crianças foi genial. Deu-nos o compromisso de fazer com que eles se tornassem parte da nossa família e que as crianças os incluíssem na rotina da casa. [...] Notamos a ansiedade com que as crianças ou até mesmo a família esperava por sua visita, participando de passeios, almoços em família, cinemas, trabalhos da escola [...]. As crianças cuidavam dos bonecos como se fossem amigos que tivessem vida. Elas liam os diários, o que incentivava a leitura, pois gostavam de saber o que os bonecos faziam durante a semana. Enfim, foi uma experiência importante em nossas vidas” (Mãe da M. E. V).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A proposta pedagógica do Álbum de Memórias possibilitou perceber o quão significativo foi o envolvimento das crianças com os bonecos, uma vez que trabalharam-se a responsabilidade e o compromisso em “cuidar” bem desses pequenos. Aliado à questão emocional,





a construção do conhecimento foi um processo prazeroso e divertido, visto que resgatou a ludicidade das aulas do 4º ano do Ensino Fundamental do Colégio Franciscano Sant'Anna. O avanço nas produções textuais, o cuidado com o outro e a valorização da simplicidade também foram percebidos como resultado da atividade. Os alunos, em diversos momentos, deixaram de lado as brincadeiras eletrônicas e os jogos individuais pelo prazer de brincar de boneca e criar junto dos colegas um mundo de faz de conta. Assim, uma mãe concluiu: “a atividade realizada com os alunos do 4º ano foi bem criativa, pois despertou nas crianças a importância do cuidado que devemos ter com o outro, com os nossos amigos [...]. O trabalho ficou mais interessante no momento em que os alunos precisavam registrar num caderno tudo o que aconteceu durante a visita do boneco de pano. Foi uma ótima ideia para os alunos exercitarem a produção textual”.

Palavras-chave: Infância. Valores. Cuidado. Criatividade. Produção.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. R. de. Neurociência: como ela ajuda a entender a aprendizagem. **Nova Escola**, n. 253, jun./jul., 2012. Disponível em: <<http://www.revistaescola.abril.com.br/.../neurociencia-como-ela-ajuda-entender-aprendizagem>>. Acesso em: 5 mar. 2015.



LIMA, E. S. Entrevista de Elvira Souza Lima para a jornalista Paula Caires. **Revista Projetos Escolares Educação Infantil**. Online Editora, 2010. Disponível em: <<http://elvirasouzalima.blogspot.com.br/2010/10/entrevista-de-elvira-souza-lima-para.html>>. Acesso em: 8 mar. 2015.

MORO, V.; FERNANDES, M.; RODHE, H. M. (Org.). **Projeto Político-Pedagógico – 2014 a 2017 – SCALIFRA-ZN**. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2014.





ANIMAIS EM EXTINÇÃO

Janaína Paula Hauenstein

Mirian da Silva

Nilza Fátima Gambini Viana

Marisa Elaine Teixeira Rodrigues

Colégio Franciscano Santíssima Trindade
fundamenta1@colegiosantissima.com.br

INTRODUÇÃO: A escola é um espaço privilegiado para a aprendizagem. Nela, somam-se experiências, conhecimentos e sentimentos. Quem dá colorido, vida e significado ao conhecimento são os alunos e educadores, por meio da relação que estabelecem entre si, a escola e a comunidade e do objetivo que se prioriza diante do trabalho. Evidenciar a necessidade básica dos seres vivos em relação ao meio ambiente, características e preservação tem uma abordagem histórica e uma perspectiva de uma falsa visão de que o mundo em que o ser humano vive sempre esteve pronto. Ele está em constante mudança e cabe às pessoas refletir sobre até que ponto pode ir a interferência dos processos naturais. Dentro da temática da preservação ambiental dos animais, procurou-se valorizar a vida em sua diversidade e a preservação dos ambientes. Os animais despertam grande interesse nas crianças, assim como enfatiza Shimamoto (2008, p. 78): “o aluno que está presente em nossa sala de aula já detém um conhecimento vasto sobre os seres vivos e não vivos, seja oriundo de suas experiências de vida, seja pelos ensinamentos já transmitidos pela escola”. Desde pe-



quenas, elas gostam de observá-los, saber seus nomes e como vivem, por isso, essa curiosidade em relação à diversidade do mundo vivo é a primeira motivação para trabalhos com seres vivos. Com base no conteúdo do ano, as professoras iniciaram o conhecimento sobre os animais no Laboratório de Ciências.

METODOLOGIA: A metodologia para esse tema foi abordada a partir de uma pesquisa na aula de informática, por meio da qual os alunos realizaram uma investigação dos animais em risco de extinção (nome do animal, característica, razão da extinção e imagem do animal). A partir disso, eles escolheram um animal de sua preferência, para fazer uma apresentação oral aos colegas. Dentre as informações, citou-se que as causas da extinção foram a destruição do habitat, o tráfico de animais e o descarte inconsequente do lixo no ambiente, pois se percebeu que essas atitudes estão prejudicando a vida no planeta. Após, fizeram um painel com as informações obtidas e expostas no pátio de entrada do colégio. Para valorizar o trabalho realizado, foi disposto, com os painéis, um caderno de registro de presença. Foram convidados os familiares, amigos e a comunidade escolar para a apreciação da exposição, totalizando, no período de dois dias, 536 visitantes. Para abranger o cuidado com o meio ambiente e suas consequências, as professoras apresentaram uma proposta de reutilizar os pratos de papelão descartados no intervalo, a fim de transformá-los em base para a confecção de máscaras dos animais em extinção pesquisados. Esta atitude contribuiu para a problemática do lixo e o seu descarte na natureza, procurando enfatizar a importância de reduzir e reutilizar os materiais que são descartados, de forma a tornar o ser hu-





mano agente transformador dos materiais do próprio ambiente. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** O trabalho em grupo pode favorecer uma aprendizagem tão necessária que é a capacidade de conviver e produzir em conjunto com outros (GONÇALVES; GALIAZZI, 2006, p. 248). A confecção das máscaras dos animais foi realizada em proposta à Caminhada Franciscana pela Paz, conscientizando a comunidade cruz-altense sobre a necessidade de destacar e valorizar a vida dos animais e, conseqüentemente, a humana. Com o envolvimento dos alunos, pais e professoras, decidiu-se confeccionar uma camiseta com o *slogan* “2º ano na luta contra a extinção dos animais”, que foi usada durante a caminhada pelos pais, alunos e professores. Diante das atividades realizadas no período, observou-se que a integração entre a vida, o cuidado, a família e a escola depende de nós para a construção de um ambiente saudável e de convivência pacífica. Com isso, professoras, alunos e familiares viveram uma experiência riquíssima no contexto escolar, no desenvolvimento do pensamento diante de uma postura crítica e atuante em relação ao meio em que se vive, aplicando os conhecimentos como uma devolução dos resultados com a comunidade, durante a Caminhada Franciscana.

Palavras-chave: Conhecimento. Preservação. Escola.



REFERÊNCIAS

GONÇALVES, F. P.; GALIAZZI, M. do C. A natureza das atividades experimentais no ensino de ciências. In: MORAES, R.; MANCUSO, R. (Org.). **Educação em ciências: produção de currículos e formação de professores**. 2. ed. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2006. (Coleção educação em ciências).

SHIMAMOTO, D. F. **Para nós, professores e professoras de Ciências**. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2008.





ARTE NO MATERNAL I: PRÁTICAS DE PINTURA

Carina Melo Beltrão Forquim

Daiane Kurz

Colégio Franciscano Santíssima Trindade
ed.infantil@colegiosantissima.com.br

INTRODUÇÃO: As atividades de pintura trazem inúmeras contribuições para o desenvolvimento infantil; são aprendizagens que, como muitas outras, precisam ser incentivadas, orientadas e oferecidas desde cedo, também no ambiente escolar, principalmente na educação infantil. As atividades em artes plásticas, que envolvem os mais diferentes tipos de materiais, de acordo com Brasil (1998, p. 93), indicam às crianças as possibilidades de transformação, de reutilização e de construção de novos elementos, formas, texturas etc. Quando a criança empunha e utiliza o material que lhe é disponibilizado, seja um lápis, uma caneta, seja um pincel, ela constata com satisfação que seu gesto deixa uma marca. Greig (2004, p. 21) explica que a palavra “marca” corresponde bem a este período de rabis-cos primitivos: marcas contato e marcas penetração. Sabendo que, “ao final do seu primeiro ano de vida, a criança já é capaz de, ocasionalmente, manter ritmos regulares e produzir seus primeiros traços gráficos, considerados muito mais como movimentos do que como representações” (BRASIL, 1998, p. 91), as duas turmas do Maternal I, compostas, ao todo, por 22 alunos com idades que variam de 1 ano e 6 meses a 2 anos e 2 meses, participaram, desde o início do ano letivo, de diversas



práticas de pintura. Mas o período de 14 a 18 de outubro de 2014 foi especialmente dedicado à realização das atividades do projeto **Arte no Maternal I: práticas de pintura**, que consistiu na realização de diferentes atividades envolvendo as artes plásticas, com a finalidade de oportunizar à criança a descoberta e a exploração de um mundo cheio de cores, formas, texturas, expressões, sentimentos e imaginação, além do desenvolvimento da motricidade fina, a partir de pequenos movimentos com os membros superiores, especialmente com os dedos e as mãos, da ampliação de percepções e possibilidades de exploração gráfica e da integração por meio da arte. **METODOLOGIA:** A metodologia utilizada para a realização das atividades consistiu na exploração de diferentes espaços/ambientes e priorizou a integração entre as duas turmas, quando cada aluno pôde explorar os diferentes materiais oferecidos e experimentar técnicas variadas que envolveram a livre expressão nas suas produções gráficas. Fizeram parte do projeto quatro atividades de pintura: A) Arte com mingau: utilizando farinha de trigo, corante alimentício e água, as professoras fizeram, com antecedência, um mingau, que foi dividido em pequenas porções de diferentes cores; após esfriar, foram utilizadas para pintura em folha A4 com rolo. B) Técnica da tinta no saco plástico: utilizando uma colher, as professoras colocaram tintas de diferentes cores em um mesmo saco plástico (tipo abre e fecha) que, depois de vedado, foi entregue às crianças, que manusearam e exploraram a mistura de cores sem contato direto com a tinta. C) Pintura com os dedos utilizando giz líquido: para fazer o giz líquido, as professoras ferveram amido de milho, água e corante alimentí-





cio de modo que, depois de frios, foram colocados em potes de plástico com bico, divididos por cores. Os alunos utilizaram os próprios potes e os dedos para deixar marcas cheias de cores e movimentos no papel. D) Pintura com gelatina: as próprias crianças participaram do feitiço da gelatina, que foi dividida em duas partes: uma parte, em estado semilíquido, foi utilizada para pintura com pincel em folha *“lumipaper”* e a outra parte, após adquirir maior consistência, foi utilizada para degustação.

RESULTADOS: Na avaliação de cada atividade, percebeu-se que as crianças apresentaram reações distintas no manuseio dos materiais: algumas se lambuzaram logo nos primeiros instantes de contato; outras já conseguiram se concentrar e agir de acordo com as orientações dadas, assim exploraram organizadamente os materiais e ferramentas; outras ainda demoraram mais tempo para se familiarizar com as propostas. Pedagogicamente, observam-se, em todas as produções, rabiscos circulares e rabiscos vai e vem, ligados ao mero prazer do gesto e do seu traço de forma que resultam em manchas de diversas colorações justapostas ao acaso, típicos da faixa etária. Percebeu-se, sobretudo, que todos interagiram de forma alegre, ativa e prazerosa; dessa forma, os resultados foram positivos, pois a proposta fez, intencionalmente, desta prática um espaço aberto à espontaneidade da criança. As atividades de pintura integraram o grupo e diversificaram suas ações na experimentação de materiais, do espaço e do próprio corpo com um espírito lúdico. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conclui-se, com o desenvolvimento deste projeto, que é extremamente importante levar para o cotidiano escolar, especialmente na educação





infantil, o que é significativo para criança. Neste contexto, observa-se que as práticas de pintura proporcionaram, conforme os objetivos propostos, a expressão de atitudes essenciais para o indivíduo, como a emoção, a sensibilidade e a criatividade. Na integração das turmas e na experimentação com os diferentes tipos de materiais que são a base da produção artística, as crianças exteriorizaram seus sentimentos, deixando marcas e impressões através de rabiscos que começaram a ganhar mais formas a partir de cada atividade realizada. Resta concluir que toda atividade, que oportunize os rabiscos primitivos de uma criança, são atos que sujam, mas que também socializam e aprimoram movimentos importantes para a evolução do desenho infantil. O nascimento da arte e da escrita começa com os primeiros rabiscos, o que reforça, para finalizar, a importância da realização deste projeto.

Palavras-chave: Infância. Integração. Rabiscos. Arte.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 3. v.

GREIG, P. **A criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita**. Porto Alegre: Artmed, 2004.





ARTE SACRA – REPRESENTAÇÕES DO DIVINO

Adriana Santos

Greice Rita Kvietinski Machado

Colégio Franciscano Espírito Santo

ssecfes@hotmail.com

INTRODUÇÃO: O projeto Arte Sacra foi realizado com alunos do 4º ano do Colégio Franciscano Espírito Santo (CFES), tendo início nos primeiros meses de 2014, com o objetivo de proporcionar aos alunos o conhecimento da arte presente em igrejas e imagens sacras. Este trabalho foi motivado pelo interesse dos alunos em pesquisar sobre castelos medievais, tendo em vista as séries e jogos de computador, bem como por estarem, em sua maioria, cursando a catequese, surgindo assim muitas curiosidades relacionadas a datas comemorativas religiosas como a de Corpus Christi e a Páscoa. A arte religiosa é um reflexo da essência humana, um processo interno do artista, sua imagem do amor divino. Ela é, assim, subordinada à religião institucional. A arte sacra está, portanto, impregnada dessas características, mas se diferencia por ser imanente ao culto sagrado. Sua intenção é despertar nos fiéis emoções puras e singelas, revelar-lhes a visão do Paraíso ainda na Terra, um lampejo da perfeição. Mas estas obras, distintas das cristãs em geral, não devem chocar os frequentadores das Igrejas nas quais estão expostas, nem ferir suscetibilidades, muito menos criar controvérsias ou questionar dogmas e conceitos religiosos. Seus fins são estritamente pragmáticos (SANTANA, 2013). O primeiro contato foi realizado den-



tro da escola, já que por ser uma instituição baseada em valores cristãos, o colégio possui além da capela, um grande acervo de imagens religiosas que, até então, não era tão valorizado pelos alunos. O projeto expandiu-se rompendo os limites da escola através da realização de um passeio orientado por algumas das igrejas mais significativas de Bagé. Além disso, após assistirem a vários vídeos sobre a arte sacra em diversas cidades brasileiras, os alunos enviaram perguntas ao arquiteto especialista em arte patrimonial, Lucas Volpatto, as quais foram respondidas através de vídeo. Muitas técnicas e recursos foram utilizados no decorrer do projeto com excelentes resultados. **METODOLOGIA:** Este projeto foi desenvolvido de maneira sociointeracionista, visando à troca de experiências entre os alunos, a participação e elaboração de trabalhos artísticos em grupos e individuais, bem como em atividades lúdicas nas diferentes linguagens artísticas, a fim de promover uma atitude de busca pessoal ou coletiva, estimular os sentidos, as emoções, as percepções, a imaginação, a sensibilidade, a criatividade e a reflexão ao realizar, apreciar e fruir produções em artes. O papel dos professores foi o de exercer uma coerente mediação entre o aprendiz e a aprendizagem, promovendo intervenções constantes para desenvolvimento e avanço das hipóteses levantadas pelos alunos. As atividades representaram um desafio que estimulou os alunos a vencerem etapas em seu desenvolvimento do conhecimento. O ambiente da sala de aula serviu como um espaço onde o aluno se sentiu livre para pensar e agir, acertando e errando sem receber ensinamentos prontos e estereotipados. As atividades pedagógicas foram propostas pelos professores partindo de





situações reais, que envolveram os alunos a participarem do processo ensino e aprendizagem de forma ativa e significativa.

RESULTADOS: Após todas as experiências, os alunos elaboraram trabalhos com poemas e desenhos de observação das imagens sacras. O projeto culminou com a apresentação dos trabalhos, por meio de uma exposição intitulada “Sarau nas Galerias – Arte Sacra em Poesia, Artes Visuais e Canção”, na qual os alunos apresentaram aos seus familiares os trabalhos produzidos no decorrer do ano letivo, de forma que concluíram esse processo educativo com plenitude e utilizaram a arte como veículo de comunicação para a transmissão da mensagem de fé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A partir do principal objetivo já previamente mencionado, observamos que os alunos conseguiram diferenciar Arte Sacra de Arte Devocional, identificando os estilos das obras que passavam muitas vezes despercebidas, que estão presentes em nosso cotidiano social, principalmente dentro de nossa própria instituição educacional. A alegria no desenvolvimento das atividades e a exuberância da mostra artística elaborada como ponto de culminância dentro do sarau é outra característica que nos faz ter a certeza de que todos os objetivos foram alcançados.

Palavras-chave: Arte. Espiritualidade. Expressão. Fé.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Tradução da CNBB. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SANTANA, A. L. **Arte Sacra**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/artes/arte-sacra/>>. Acesso em: 11 mar. 2015.





AS PÉROLAS DE MADRE MADALENA DAMEN

Arlene Oliveira dos Santos Lopes de Carvalho

Colégio Franciscano Nossa Senhora do Carmo

arlenecofracarmo@outlook.com

As pérolas de Madre Madalena Damen é um projeto fundamentado no trabalho que Madre Madalena desenvolvia com as jovens na Holanda, no século XVIII, desenvolvido na disciplina de Ensino Religioso e contemplado com a interdisciplinaridade geral da matriz curricular do Ensino Fundamental séries finais. Na temática do 6º congresso nacional das escolas franciscanas, elaborado de acordo com a temática “A integralidade dos saberes na Educação Franciscana”, esse trabalho propõe uma expectativa de continuidade dentro da instituição de ensino, Colégio Franciscano Nossa Senhora do Carmo, Guaíra – PR. A princípio, desenvolvido para a clientela feminina, alunas que estão frequentando o 6º ano do Ensino Fundamental, séries finais, neste estabelecimento de ensino. Este projeto oportuniza reflexões e conhecimentos, desenvolvendo dois grandes desafios contemporâneos, na escolarização: a sustentabilidade do professor atual e a filtragem dos saberes através de aptidões gerais. O primeiro desafio consiste na ideia de que o professor é o protagonista de sua estabilidade profissional. A revisão de seus fazeres reflete na constante atualização de saberes que enfocam a realidade atual da sociedade e das expectativas de aprendizagem na comunidade escolar na qual está inserido. É preciso ter um segmento linear sequencial a uma educação



de qualidade, para tanto o ensino presente, adaptado às novas tecnologias, deve estar enraizado à história, bem como às perspectivas de novos saberes futuros. “Interessa-me compreender de que modo o passado está inscrito na nossa experiência atual e de que modo o futuro se insinua já na história presente” (KOSELLECK, 1990 apud NOVOA, 2009, p. 1). Dessa forma, este projeto contempla a visão de trabalho, missão, valores e princípios da educação franciscana incorporando em si os novos modelos de ensino e aprendizagem, sem perder o foco filosófico e as finalidades dessa rede de ensino, a fim de se buscarem a inovação e a aquisição de novos saberes resgatando valores essenciais. Propõem-se, semanalmente em duração de 20 minutos, estudos e reflexões sobre Madre Madalena Damen e sobre Francisco de Assis, em uma visão de trabalho, não voltado a uma religião apenas, mas também por um cuidado constante com o outro (humanos, animais, natureza e mundo). E outros 40 minutos distribuídos em acolhidas e atividades diversas, como: Arte visual, manifestação de culturas populares, Artes cênicas, Tratamento da informação e Qualidade de vida (bordados, pinturas, artesanato em geral, cuidados com o corpo, higiene pessoal, atitudes, nutrição, prevenção, etiqueta, sexualidade, respeito à dignidade humana, valorização da mulher, música, dança, teatro entre outros). Com o objetivo de melhor atender as meninas, para reforçar a aproximação de uma adolescência e juventude saudável, dinamizadas à base de trabalhos voluntários, mídias e apoio das famílias e da instituição, propõe-se a prática segundo o livro *A cabeça bem feita*: “Quanto mais desenvolvida é a inteligência geral, maior é a capacidade de tratar temas es-





peciais” (MORIN, 2003). O autor ainda destaca a importância de uma educação para a vida: o objetivo da educação não é transmitir conhecimentos mais numerosos ao aluno, mas o de criar nele um estado interior e profundo, uma espécie de polaridade de espírito que o oriente em um sentido definitivo, não apenas durante a infância, mas também por toda a vida (MORIN, 2003). Com essa reflexão, enfatiza-se o segundo desafio: a filtragem dos saberes a partir de aptidões gerais. Assim, ter uma cabeça bem feita não é ter uma cabeça cheia de conhecimentos desorganizados, acumulados por tantos saberes, porém que não estão expostos a um princípio de seleção. Ter “a cabeça bem feita” é ter conhecimentos que ofereçam aptidões para tratar de diversas situações no cotidiano e das adversas que possam surgir. A satisfação na realização desse trabalho vem do apoio da comunidade escolar, inclusive das famílias, uma vez que, em uma reunião com os pais dos 6º anos, obteve-se a aprovação unânime do projeto. A primeira aula prática aconteceu, no dia 03 de abril de 2015, às 16h30min, com duração de uma hora. Ao concluir este trabalho, buscou-se a inspiração na pessoa de Madre Madalena Damen, que acreditava fielmente na providência Divina de nosso Senhor. Por estar proposto a um período indeterminado, poderá sofrer algumas alterações caso seja necessário. Como a escola é aberta para a comunidade e o país é laico, será respeitada a presença de outras crenças, todavia não perderemos a inspiração e intercessão de São Francisco Junto a Jesus, que olha por nós, a fim de que a exemplo do mestre nossos ensinamentos sejam produtivos. Paz e Bem.





Palavras-chave: Valores. Aprendizagem. Madre Madalena Damen. Sustentabilidade.

REFERÊNCIAS

MORIN, E. **A cabeça-bem-feita**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NÓVOA, A. **Professores:** imagens do futuro presente. Lisboa: EDUCA, 2009. Disponível em: <http://www.ete pb.com.br/arq_news/2012texto_professores_imagens_do_futuro_presente.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2015.





AS POSSIBILIDADES NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA

Tamires Pereira Duarte Goulart

Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida – CFNSA

tamirespdgoulart@gmail.com

INTRODUÇÃO: A Língua Inglesa, disciplina obrigatória no ensino básico regular, traz grandes contribuições para o crescimento cultural dos alunos. Por meio dela, o aluno é levado a vivenciar experiências novas e curiosas, de tal modo que é convidado a conhecer e incorporar em sua prática uma língua, a qual não é a sua. Tal fato convida o educando, conforme aponta Morin (2003), ao estímulo à crítica e à curiosidade em revolver problemas fundamentais de nossa condição humana. Ainda, levando em consideração o que Morin (2003) cita como um desafio para a organização dos saberes, o desafio cultural, o qual diz respeito à compreensão da cultura da humanidade e à visão de mundo que os educandos devem ter para constituírem “uma cabeça bem feita”. O presente trabalho tem como objetivos gerais: a) despertar o interesse dos alunos para a aquisição de uma língua estrangeira¹; b) desenvolver, de forma lúdica, as quatro habilidades essenciais na aquisição de uma LE (*listen, speak, read, write*); c) estimular o crescimento pessoal e cultural dos alunos, dentro de um contexto global, no qual somos interligados pelos avanços tecnológicos. Nóvoa (2009) destaca em sua obra que

¹ O termo língua estrangeira também é compreendido pela literatura da área, como segunda língua. Ambos os termos podem receber as respectivas siglas: língua estrangeira (LE); segunda língua (L2). Neste trabalho, apresentaremos o uso de LE em alguns contextos.



a primeira condição da cidadania é a aprendizagem, afinal, por meio desta alcançaremos uma escola verdadeiramente cidadã, na qual os alunos possuem conhecimento e cultura. Isso mostra que, em um mundo moderno e tecnológico, como o que vivemos atualmente, a busca de saberes, que geram a cidadania, necessita também do conhecimento das línguas estrangeiras modernas, devido ao fato de o dia a dia estar cercado de informações e aspectos sociais vindos de outra língua. Esta proposta de trabalho apresenta possibilidades no processo de ensino-aprendizagem da Língua Inglesa, desenvolvida em turmas do Ensino Fundamental do Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida, da cidade de Canguçu, RS. **METODOLOGIA:** Tendo em vista que as possibilidades no ensino da Língua Inglesa são múltiplas, neste trabalho, destacar-se-ão três diferentes momentos, os quais se mostraram de extrema relevância para o crescimento e desenvolvimento dos educandos na aquisição da língua inglesa. As atividades foram propostas a duas turmas do Ensino Fundamental. Com a turma de oitava série, realizou-se o uso dos recursos musicais, com o projeto: *The music around the world*, a fim de instigar o aluno a disponibilizar-se a conhecer um novo mundo de vocabulário. A turma constituiu-se de 38 alunos na faixa etária de 12 a 14 anos de idade, do ano de 2014. Os alunos foram divididos em grupos de quatro. Cada grupo escolheu uma música internacional, de origem americana, de seu gosto, tendo como tarefas primárias: pesquisar o significado do vocabulário da letra musical; a biografia do cantor (a) e compositor (a); a história de criação da música. Em uma etapa subsequente, os grupos realizaram uma apresentação em PowerPoint,





na qual descreveram os tópicos pesquisados, além de exibirem à turma um videoclipe da música e aplicarem uma atividade com os colegas a partir da letra, que se relacionasse com algum dos conteúdos, da disciplina de inglês, já estudados até o momento. Na turma de 7º ano, composta por 26 alunos, na faixa etária de 12 a 16 anos de idade, foi aplicado um projeto intitulado *Facebook, Life and English*. Nesse trabalho, os alunos foram divididos em duplas, pesquisaram na rede social *Facebook* postagens escritas em língua inglesa. Em um primeiro momento, os alunos buscaram o significado dos *posts*. Logo, realizamos uma releitura desse material, dando vida própria às postagens. Cada dupla buscou na internet uma imagem que lhe chamasse atenção por estar relacionada com suas vidas. Em seguida, elaboraram uma frase em português e estudaram, em sala de aula, com a professora, a melhor maneira de tradução para a frase ou mensagem. Dando término à atividade, os alunos utilizaram o recurso tecnológico do PowerPoint para escrever o *slogan* ou a mensagem em inglês na imagem, sendo que imprimiram seus trabalhos e apresentaram à turma oralmente, treinando, dessa forma, a pronúncia da língua estrangeira. Ainda, nessa mesma turma, realizamos o projeto: *Meet the English of my city*. Novamente em grupos, os alunos foram convidados a saírem às ruas da cidade de Canguçu, observar e pesquisar os nomes de estabelecimentos comerciais escritos em língua inglesa. Posteriormente, os alunos apresentaram em *slides* os nomes encontrados e a possível tradução, além de comentarem se a escrita foi feita de maneira adequada com a gramática do inglês. **RESULTADOS:** A partir das propostas apresentadas anteriormente, perce-





beu-se que os alunos adquiriram entusiasmo e vontade em aprender a língua inglesa. As aulas ficaram mais dinâmicas e mais produtivas, pois partiram do conhecimento de mundo que os alunos trazem em sua bagagem. As três possibilidades de ensino-aprendizagem aumentaram significativamente as habilidades de ouvir, pronunciar e compreender uma LE. O trabalho com o gênero musical atraiu fortemente os alunos, que enriqueceram seus vocabulários, além de terem a oportunidade de refletirem sobre a letra das músicas, as quais escutam frequentemente. O projeto com as releituras de *posts* do *Facebook* foi extremamente relevante, sendo que a turma conseguiu responder com êxito os objetivos propostos, superando as expectativas da professora. Foram autônomos, escritores, poetas... Demonstraram ampla capacidade de escrever e traduzir para o inglês, além de exibirem uma pronúncia correta e fluente das frases e mensagens elaboradas. O trabalho *Meet the English of my city* trouxe aos alunos um conhecimento cultural, linguístico, reflexivo, bem como permitiu que a turma conhecesse melhor sua própria cidade, como também entender que, muitas vezes, as pessoas optam por nomes estrangeiros para seus estabelecimentos comerciais, porém não sabem o que significam. Muitos alunos se surpreenderam com usos inadequados das palavras inglesas, que, em sua grande maioria, são provenientes da cultura e influência americanas. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Os projetos aqui apresentados são apenas algumas das possibilidades de ensino-aprendizagem da Língua Inglesa. O professor não deve ensinar apenas baseado em livros didáticos. Cada vez mais, faz-se necessário inovar, criar e, principalmente,





buscar o conhecimento a partir da realidade dos alunos. Tendo em vista que os objetivos gerais das propostas de trabalho focalizaram: a) despertar o interesse dos alunos para a aquisição de uma língua estrangeira; b) desenvolver, de forma lúdica, as quatro habilidades essenciais na aquisição de uma LE (*listen, speak, read, write*); c) estimular o crescimento pessoal e cultural dos alunos, dentro de um contexto global, por meio do qual somos interligados pelos avanços tecnológicos, podemos considerar que atingimos com sucesso nossas principais finalidades. Na avaliação das atividades, evidenciamos que os alunos, em sua grande maioria, desenvolveram a oralidade, a pronúncia, a escrita, a compreensão da língua estrangeira. E, especialmente, refletiram sobre aspectos culturais e sociais, partindo de suas realidades, afinal, a música e o *Facebook* são recursos do uso diário dos alunos. Concluímos, dessa forma, que buscar novas possibilidades para o ensino de uma língua estrangeira é uma ferramenta essencial, que desperta a aprendizagem dos alunos, assim como estimula o ato de gostar de aprender.

Palavras-chave: Língua Estrangeira. Ensino. Aprendizagem. Tecnologias.

REFERÊNCIAS

MORIN, E. **A cabeça bem feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NÓVOA, A. **Professores:** Imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.





BRINCANDO COM A CIÊNCIA

Letícia Finster Melo

Victor de Oliveira

Fernando Luis Fank

Colégio Franciscano Santíssima Trindade
ensinomedio@colegiosantissima.com.br

INTRODUÇÃO: No contexto atual do Ensino de Física e de Química no Ensino Médio, percebe-se a predominância de uma metodologia tradicionalista, por meio da qual o professor repassa seus conhecimentos aos estudantes geralmente a partir de aulas teóricas e baseadas em exemplos. Nesse modelo, as aulas são centradas no professor que define os conteúdos os quais serão repassados aos estudantes, assim como a organização do processo de ensino-aprendizagem (SANTOS, 2011). No entanto, a literatura atual tem apontado para uma mudança no perfil do público-alvo do Ensino Médio, os adolescentes, desta forma uma aula puramente tradicional parece não mais satisfazer seus anseios. Tal mudança pode ser explicada pelo bombardeio de informações diárias a que eles são submetidos e pelos vários meios de comunicação populares nos dias de hoje, como a televisão, a internet e as redes sociais que disseminam grande quantidade de informações quase que instantaneamente. Tendo em vista essa realidade, tomou-se como desafio montar um projeto construtivista em que os estudantes fossem sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem, e os professores, os mediadores desse processo, orientando-os a



buscar e gerar seus próprios conhecimentos. Pensou-se, então, em um projeto que aliasse e relacionasse a teoria vista durante as aulas com as práticas experimentais da Física e da Química. Surgiu, assim, o “Brincando com a Ciência”. **METODOLOGIA:** Para a implementação desse projeto na escola, usou-se como referencial teórico-metodológico a teoria da aprendizagem de Ausubel (1982), que propõe a valorização dos conhecimentos prévios dos alunos, neles ancorando novos paradigmas e sua evolução, para assim tornar a aprendizagem menos cansativa e mais prazerosa, eficaz e potencialmente significativa. Considerou-se também o que Bacon (2006) coloca sobre a importância da observação e da experiência para comprovar teses e opiniões afirmadas. A aprendizagem significativa envolve a aquisição de novos significados e, na concepção de Ausubel, para que ela aconteça em relação a um determinado assunto são necessárias três condições: o material instrucional com conteúdo estruturado de forma lógica; a existência na estrutura cognitiva do aprendiz de conhecimento organizado e relacionável com o novo conteúdo; e a vontade e disposição do aprendiz de relacionar o novo conhecimento com aquele já existente. Este projeto foi aplicado na primeira série do Ensino Médio e envolveu também as crianças da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Teve como objetivos aliar teoria e prática de forma interdisciplinar, proporcionar ao estudante práticas experimentais, desenvolver a criatividade do estudante na confecção de experimentos, auxiliar na compreensão dos conceitos e teorias discutidos em aula, proporcionar a interação entre os estudantes da primeira série do Ensino Médio e dos Anos





Iniciais do Ensino Fundamental e estimular o gosto pelo estudo da ciência. Quanto a metodologia, no primeiro trimestre, os professores apresentaram a ideia aos alunos, a qual foi muito bem aceita. Os alunos são muito receptivos e gostam de atividades diferenciadas. Os estudantes foram divididos em grupos e pesquisaram sobre diferentes temas relacionados à Física e à Química. Após a pesquisa, cada grupo escolheu uma prática experimental e elaborou um relatório. O resultado do relatório foi apresentado aos professores envolvidos na atividade. Durante o segundo trimestre, confeccionaram materiais concretos, com o acompanhamento dos professores, para apresentar os trabalhos às crianças da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Essa apresentação aconteceu na forma de mostra de trabalhos no pátio do Colégio em uma aula durante o turno da tarde, no segundo trimestre escolar. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Foi uma experiência muito interessante, pois as crianças tiveram a oportunidade de interagir com os experimentos apresentados. Os alunos foram avaliados, levando em consideração a pesquisa e o relatório, bem como a confecção dos materiais concretos e a apresentação para as crianças. A atividade foi avaliada quantitativamente em 10 pontos: parte da nota, pela elaboração do relatório e outra parte, pela apresentação aos estudantes do ensino fundamental. A atividade aconteceu de forma muito satisfatória. O envolvimento dos alunos foi total. Foi possível perceber que houve bastante dedicação na pesquisa e na confecção dos materiais para os experimentos. As crianças gostaram muito e participaram de forma alegre e descontraída. Professoras e Coordenadoras da





Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental também avaliaram como muito positiva a experiência realizada. A literatura aponta que a experimentação pode auxiliar em um entendimento melhor dos conceitos por parte dos aprendizes e potencializar o que foi aprendido em sala de aula.

Palavras-chave: Pesquisa. Experimentação. Aprendizagem.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa:** a teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes, 1982.

BACON, R. **Obras Escolhidas.** Carta a Clemente IV, a ciência experimental, os segredos da arte e da natureza. Tradução de Jan Reegen, Luis De Boni e Orlando Bernardi. Porto Alegre: EDIPUC-RS; Bragança Paulista: EDUSF, 2006.

SANTOS, W. S. Organização Curricular Baseada em Competência na Educação Médica. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 1, p. 86-92, jan./mar. 2011.





CARTAS PARA DEUS: EDUCANDO PARA OS VALORES E PRINCÍPIOS FRANCISCANOS

Luciane de Oliveira Morales

Escola de Ensino Fundamental São Francisco de Assis

INTRODUÇÃO: O trabalho com diferentes gêneros textuais constitui uma abertura e uma inserção do leitor em um universo de inúmeras possibilidades de comunicação. Além disso, colabora na ampliação do vocabulário e no desenvolvimento da criticidade. Por essas razões, reconhecer a intenção de um texto é um grande passo na formação de um cidadão socialmente ativo. O referido trabalho tem como principais objetivos levar os alunos a refletirem a respeito das diferenças e a repensarem o individualismo, resgatando a fé e a solidariedade, bem como conhecerem as características do gênero textual carta. A partir do filme *Cartas para Deus* – o qual apresenta a história de um menino com câncer que por meio de cartas escritas para Deus contagia todas as pessoas à volta com sua fé – foi feita uma reflexão sobre solidariedade, respeito ao próximo, compaixão e, sobretudo, o poder da fé. O passo seguinte foi o trabalho sobre o gênero textual carta. Os alunos observaram e aprenderam sobre as características próprias do gênero: partes obrigatórias, diferenças entre carta formal e pessoal e então, a partir disso, produziram suas próprias cartas para Deus. Os discentes foram orientados a “abrirem o coração”, ou seja, poderiam escrever o que tivessem vontade, como se estivessem fazendo uma oração, pois o sigilo seria garantido por meio da digitação das cartas



(para que ninguém reconhecesse a letra) e os nomes retirados, tornando os textos anônimos, o que resguardaria a intimidade dos autores. Depois de digitadas as cartas, transformadas em anônimas e devidamente impressas, os alunos preencheram os envelopes. Na disciplina de Arte, selos personalizados foram confeccionados, o que facilitaria a identificação dos envelopes pelos autores e somente por eles. **RESULTADOS:** Os alunos se “entregaram” à atividade e os resultados esperados foram alcançados, uma vez que a solidariedade e a fé foram demonstradas por meio das cartas em forma de orações escritas por eles. Dessa forma, ratifica-se este pensamento “A finalidade de nossa escola é ensinar a repensar o pensamento, a ‘dessaber’ o sabido e a duvidar de sua própria dúvida; esta é a única maneira de começar a acreditar em alguma coisa”, de Juan de Mairena, citado por Morin (2003, p. 21). **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Houve uma reflexão acerca do respeito ao individualismo e às diferenças, com claro resgate da fé e da noção de solidariedade, além da aprendizagem das características do gênero textual carta.

Palavras-chave: Solidariedade. Criticidade. Produção Textual. Arte.

REFERÊNCIA

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.





COM O OLHAR PARA A CAPELA, CORAÇÃO DO COLÉGIO FRANCISCANO SANTÍSSIMA TRINDADE

Carla Cinara Valandro Guilhermano

Colégio Franciscano Santíssima Trindade
fundamental1@colegiosantissima.com.br

INTRODUÇÃO: O desenhar, como prática humana, reflete a aquisição do conhecimento e o entendimento de mundo através dos registros gráficos de objetos e fatos contextualizados, é perfeitamente acessível ao entendimento de todas as pessoas, assim como a escrita e a leitura. Segundo Hernandez (2000), em seu comentário sobre cultura visual, o ensino de Artes na escola contribui para que os indivíduos fixem as representações sobre si mesmos, sobre o mundo e sobre seu modo de pensar. A importância primordial da cultura visual é mediar o processo de como olhamos e como nos olhamos, e contribuir para a produção de mundos. O desenho é a primeira representação gráfica utilizada pelo homem. Desenhar é um ato inteligente de representação que põe forma e sentido ao pensamento e como correlacioná-lo com o conteúdo que foi assimilado. No contexto da aprendizagem, é uma ferramenta expressiva essencial da criança em desenvolvimento, na interpretação e leitura de mundo, bem como a sistematização dos conteúdos nas diferentes áreas do conhecimento. O desenho de observação suscita, por regra, grande interesse no aluno, constituindo um meio de ligação dos vários processos de percepção, análise e criativi-



dade os quais fazem parte dos requisitos da linguagem visual. No campo do desenvolvimento do desenho, a estruturação das ideias gráficas, na prática do desenho de observação, torna-se possível quando a criança é capaz de relacionar ao grafismo. Dessa forma, aprender a desenhar é algo mais que aprender a habilidade em si mesma, ou apenas representar o que se vê; abrange a forma como se vê e os sentimentos que podem ser expressos. Esse é um ato de liberdade, necessário para que as crianças cresçam desenhando e não percam o incentivo à criatividade. A atividade *Com o olhar na capela, coração do Colégio Franciscano Santíssima Trindade*, que consiste na prática do desenho no ambiente escolar, foi desenvolvida no ano de 2014, com alunos do 5º ano do Colégio Franciscano Santíssima Trindade, na faixa etária entre 10 e 11 anos, no período entre os meses de junho e julho, no componente curricular de Artes, sob a coordenação da professora Carla Guilhermano. No que se refere ao compromisso com o planejamento curricular, a atividade objetivou oportunizar aos alunos uma leitura do espaço escolar, bem como a filosofia franciscana, utilizando-se, para isso, o desenho de observação e a produção textual como forma de expressão. Norteou a atividade o conhecimento teórico da prática do desenho e a experimentação deste nos espaços de convivência no colégio, bem como o conhecimento sobre a técnica do vitral. É importante salientar que, em 2014, o Colégio completou seu centenário e um dos recursos a ser utilizado no decorrer da atividade foi a revista do centenário, distribuída às famílias da comunidade escolar. **METODOLOGIA:** A metodologia para a realização das etapas da atividade permitiu que os





alunos tivessem acesso ao espaço de sala de aula, sala de artes e capela do colégio, que foi o tema central e motivacional para as produções, bem como a troca de conhecimento sobre este novo olhar ao contexto educacional. Fizeram parte das etapas desta atividade: a) Leitura do texto sobre a capela existente na revista dos 100 anos do colégio, escrito por Anete Mulinari, sinalizando a importância do acervo de vitrais desse espaço. b) Aula teórica sobre os vitrais, dentro do contexto histórico e artístico da humanidade, deu ênfase ao vitral como técnica desenvolvida pelo homem desde a antiguidade, de forma que veio a ter mais importância e funcionalidade no período medieval, quando foi usado para resolver os problemas de iluminação nas igrejas desse tempo, usando-se enormes janelas; destacou, ainda, a valorização do patrimônio centenário do colégio em um resgate histórico e artístico. c) Desenho de observação dos vitrais existentes na capela do colégio, focando na reprodução das ideias centrais da ilustração escolhida de forma individual e na interação da interpretação dada a partir do olhar dos alunos. d) Produção textual a partir da leitura e observação desse espaço escolar. e) Escolha de desenhos em duplas para serem reproduzidos em tamanho maior. f) Desenvolvimento de técnica diferenciada do desenho que oportunizou aos alunos a viabilização de um efeito vitrificado aos desenhos produzidos. g) Exposição realizada no espaço próximo à capela no dia da missa do 5º ano, realizada dentro do cronograma anual do colégio; essa etapa se realizou fora do período da atividade, mas teve grande valor na culminância do resultado das produções. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Em uma avaliação pedagógica, os traba-





lhos produzidos na atividade surpreenderam devido aos resultados alcançados pelos alunos que ainda estão em construção de suas habilidades técnicas do desenho. Da mesma forma, foi possível perceber que, na maioria do tempo, os alunos sentiram-se seguros e desafiados a trabalhar suas habilidades de observação, procurando estabelecer veracidade e legitimidade às suas produções, bem como interagiram com espaço e tempo dentro da história da arte e o fazer artístico do homem. Embora o processo tenha se estendido por cerca de 10 aulas, foi satisfatório visualizar o resultado dos trabalhos expostos pela escola e perceber o entusiasmo dos alunos diante da valorização de suas produções que refletem a visão de preservação e conservação deste espaço comum da escola, a Capela do Colégio.

Palavras-chave: Arte. Desenho. Patrimônio.

REFERÊNCIAS

HERNANDEZ, F. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Tradução Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

REVISTA DOS 100 ANOS DO COLÉGIO FRANCISCANO SANTÍSSIMA TRINDADE: 100 anos ensinando valores para toda a vida. Santa Maria: Editora Unifra, 2014.





CONFES – CONGRESSO FRANCISCANO DO COLÉGIO ESPÍRITO SANTO

Silvana Nova de Sousa

Professora do Ensino Médio
Colégio Franciscano Espírito Santo
ssecfes@hotmail.com

INTRODUÇÃO: O projeto “CONFES” (Congresso Franciscano do Colégio Espírito Santo) consiste na realização de pesquisas de caráter científico e extraclasse, que envolvem alunos e professores dos três anos do Ensino Médio. Todos os alunos do Ensino Médio realizam pesquisas que abordam assuntos referentes ao tema gerador. Conforme a resolução nº 2, de 30 de janeiro de 2012, a qual define diretrizes curriculares nacionais para o Ensino Médio, os projetos político-pedagógicos das escolas devem, entre outros, “a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores” (BRASIL, 2012, p. 1). Ainda a mesma resolução prevê que cada unidade escolar deve definir outros componentes curriculares em seus projetos político-pedagógicos, como forma de disciplinas ou outro formato (projetos), sendo desenvolvidos de forma transversal e integradora, incluindo no currículo do Ensino Médio ações que garantam, entre outros: I – a) a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; b) o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura;



c) a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania; II – adotar metodologias de ensino e de avaliação de aprendizagem que estimulem a iniciativa dos estudantes; III – organizar os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação de tal forma que ao final do Ensino Médio o estudante demonstre: domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna (BRASIL, 2012, p. 4). O projeto é realizado com o objetivo de proporcionar aos alunos, ainda na educação básica, o contato com a pesquisa científica e o fazer acadêmico. Além disso, busca estimular o contato dos alunos com a sociedade que os rodeia, a fim de possibilitar, através da pesquisa, a interação direta com as diversas áreas do conhecimento, despertando, assim, a formação da consciência dos seus deveres e direitos enquanto cidadãos autônomos e ativos; motivar o educando a buscar os seus objetivos, seja na continuidade dos seus estudos, seja no mundo do trabalho. Diante do exposto, neste projeto, permite-se aos alunos, como menciona Hoffmann (2009), a oportunidade de manifestar suas ideias por meio de debates dos assuntos por eles escolhidos. **METODOLOGIA:** O projeto é desenvolvido pelos alunos do Colégio Franciscano Espírito Santo – CFES com o auxílio dos professores de todas as áreas do conhecimento que ministram aulas no Ensino Médio. Cada turma se organiza em grupos de, no máximo, 7 integrantes e propõe um assunto, para ser desenvolvido na forma de mostra de iniciação científica, que contempla o tema gerador, de modo que cada turma conta com dois ou mais professores orientadores. A pesquisa tem início em abril de cada ano letivo.





Os alunos realizam a elaboração de um projeto de pesquisa com aplicação de pesquisas de campo e bibliográficas, com o auxílio de professores que atuam como orientadores das pesquisas. O projeto culmina na realização de uma mostra de iniciação científica no ginásio da escola, durante o terceiro trimestre, por meio da apresentação das pesquisas realizadas, em forma de pôster. Os pôsteres são avaliados por uma banca de professores de universidades locais – a exemplo dos congressos acadêmicos. Além disso, todos os grupos entregam um artigo científico, contendo toda a pesquisa, à banca avaliadora dos trabalhos.

RESULTADOS: Este projeto além de ser um instrumento que beneficia o processo ensino-aprendizagem, pois envolve interesse e comprometimento dos alunos para com o andamento da pesquisa, também proporciona o desenvolvimento de várias habilidades, dentre elas: o contato com trabalhos científicos, os quais serão comuns na universidade; a oralidade, já que além de estimular a escrita, a partir da produção do artigo científico, também apresentam seus trabalhos para uma banca, para qual expõem seus conhecimentos. O projeto também apresenta temas importantes, que são levantados e discutidos não apenas em sala de aula, como também em outros ambientes educativos, sendo assim muito enriquecedor para o desenvolvimento dos educandos. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A partir dos objetivos mencionados anteriormente, é possível perceber que o fazer científico proposto pelo projeto é alcançado no momento em que os alunos desenvolvem com primor o que é solicitado pelos seus professores/orientadores. É importante salientar que após a realização do primeiro congresso, a escola recebeu





o convite para participar, anualmente, da Semana Acadêmica de uma Universidade local. Ressalta-se também que os artigos científicos são inscritos em eventos como Mostra Científica Junior.

Palavras-chave: Pesquisa científica. Escrita. Oralidade. Autonomia. Interdisciplinaridade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 2, de 30 de janeiro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Ministério da Educação. Câmara de Educação Básica. Brasília, DF, 31 jan. 2012, Seção 1, p. 20.

HOFFMANN, J. M. L. **A avaliação mediadora:** uma prática em construção da pré-escola à universidade. 29. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.





DE HOLANDA A DOURADOS (MS)

Eliane Maria Amaro

Rosângela Rodrigues Teixeira

Escola Franciscana Imaculada Conceição

rosangelaic@hotmail.com

INTRODUÇÃO: Ao celebrarmos os 60 anos da Escola Franciscana Imaculada Conceição, no município de Dourados – MS, e conhecermos a história da Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, o assunto levou-nos a viajar no tempo e não ficar indiferente a belíssima história de Catarina Damen, a Madre Madalena, que, desde o início dos anos de 1825, trabalhou em Heythusen, na Holanda, a fim de expandir o seu trabalho aos necessitados de sua comunidade. “A moça era muito boa pessoa. Vira pela primeira vez a luz do mundo em Laak, perto de Stevenswerth, em 19 de novembro, Anno domini de 1787. Qual silenciosa violeta, ela floresceu no jardim terrestre de Deus, não altamente considerado aos olhos do povo, já que parecia tão pobre e ignorante, mas tanto mais respeitada aos olhos do seu criador, a quem ela agradou por sua confiança silenciosa em Deus, sua profunda humildade e o grande amor em seu coração” (HOSTER; BLÜTENGÄRTLEIN, 2001, p. 17). Inspirados nessa vivência e amor, os professores do quarto ano do Ensino Fundamental, junto da coordenação pedagógica, elaboraram, no ano de 2015, o Projeto: “De Holanda a Dourados”. Os trabalhos serão realizados nas mais variadas áreas do conhecimento. O objetivo deste trabalho é resgatar a história e



a trajetória do trabalho iniciado por Madre Madalena e disseminado no mundo pelas Irmãs Franciscanas, conhecer o país onde tudo começou, explorar as variadas áreas do conhecimento e proporcionar maior interação entre professores e alunos por meio de dinâmica interativa e integradora. Acreditamos que a vida dessa “jardineira” não pode ficar reservada aos livros, essa obra encantadora precisa e deve ser melhor conhecida e disseminada. Sendo assim, nada melhor do que atribuir às crianças essa missão de propagar o carisma franciscano no nosso cotidiano. **METODOLOGIA:** O ponto de partida para a realização deste projeto foi em comemoração aos 60 anos da Escola Franciscana Imaculada Conceição no município de Dourados – MS. Assim como Madre Madalena, as “jardineiras”, vamos assim chamar as primeiras Irmãs Franciscanas que, aqui, chegaram a pedido do Bispo, também vieram para plantar no coração das crianças e da comunidade douradense a semente de PAZ e BEM. Neste processo comemorativo dos 60 anos de história da escola, chegamos à origem da congregação, então começamos a viagem no tempo. Primeiramente, a coordenação reuniu as professoras para planejar o projeto, que tomou a seguinte trajetória: iniciaremos na Holanda, local onde tudo começou, assunto que a geografia e a história se encarregarão de resgatar, atravessar-se-ão mares e oceanos, uma vez que a matemática contabilizará tais informações; estudar-se-á a vida por meio da ciência; descobrir-se-á o idioma na disciplina de língua inglesa. Cultura, culinária, costumes e devoção serão estudados com maestria em ciências sociais e em educação religiosa, logo tudo ficará registrado e eternizado por meio





da literatura, da língua portuguesa e da arte. Aos alunos será oportunizado o contato com os mais variados gêneros textuais impressos e digitalizados, os quais possibilitarão ampliar seus conhecimentos, partilhar emoções e descobertas sobre a vida e obra dessa magnífica mulher, conhecida carinhosamente como Madre Madalena. O uso de recursos midiáticos, técnicas artísticas, bibliotecas, mapas, cozinha experimental e laboratórios serão bem dinamizados no período de execução do projeto, que acontecerá nos meses de março e abril. Como culminância, haverá uma exposição dos trabalhos desenvolvidos ao longo do projeto à comunidade educativa. Neste intuito, ressalta-se a importância da interdisciplinaridade no desenvolvimento dos projetos de ensino. **RESULTADOS PARCIAIS:** Com o desenvolvimento deste projeto, que está em andamento, podemos observar que a dinâmica das aulas e a interação entre a equipe mudaram. Observa-se um maior envolvimento, busca e satisfação pelo trabalho realizado pelas crianças e equipe de professores. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conforme diz o princípio de Pascal, “como todas as coisas são causadas e causadoras, ajudadas e ajudantes, mediatas e imediatas, e todas são sustentadas por um elo natural e imperceptível, que liga as mais distantes e as mais diferentes, considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, tanto quanto conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes” (PASCAL apud MORIN, 2003, p. 88). A cada dia é um passo que damos com o projeto nos quartos anos do Ensino Fundamental, de forma que tal experiência aumenta nossos saberes e integralidade. Saboreamos da vida e obra de Madre Madalena, conhecemos melhor a história





de nossa instituição e preenchemos melhor nossas vidas com conhecimentos e vivências. Percebe-se que o Jardimzinho de São Francisco continua brotando e florescendo no dia a dia das escolas da Rede Franciscana da SCALIFRA-ZN.

Palavras-chave: História. Memória. Integralidade. Prática escolar.

REFERÊNCIAS

HOSTER, L.; BLÜTENGÄRTLEIN, S. F. **O jardimzinho de flores de São Francisco**. Tradução Benícia Flesch. Porto Alegre, RS: Província do Sagrado Coração de Jesus, 2001.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.





ENTRE A ARTISTA E A EDUCADORA: NOVOS ESPAÇOS EDUCATIVOS

Catiuscia Bordin Dotto

Colégio Franciscano Sant'Anna

sse@colegiosantanna.com.br

INTRODUÇÃO: Este trabalho se constitui de reflexões acerca de experiências no campo das artes e também no Ensino da Arte. Possibilita aos alunos e a educadora experimentarem novas sensações e desafios que permitem aprimorar a performance e ressignificar as ações. Desta maneira, geram-se novas práticas pedagógicas no trabalho em Arte/Educação, assim como uma postura de acesso democrático à produção artística dentro dos projetos culturais na comunidade. Portanto, o objetivo, neste texto, é permear pela experiência em arte proposta em sala de aula, a partir dos atravessamentos entre a artista e a educadora. Segundo Moro, Dória e Rohde (2010, p. 9), “o educador professa uma compreensão do mundo e da pessoa, sendo mediador comprometido com a filosofia da instituição. Busca junto, ao educando, a construção de novas formas de ensinar e aprender, superando a fragmentação do conhecimento em um intenso vínculo com o cotidiano. Desenvolve o trabalho pedagógico de forma contextualizada, dinâmica e transdisciplinar”. Nesta perspectiva de oportunizar novos espaços de ensino, os quais possibilitem a aprendizagem a partir da experiência, relatamos duas atividades propostas para as turmas de segunda série do Ensino Médio do Colégio Franciscano Sant'Anna,



no ano de 2014. **METODOLOGIA:** O trabalho proposto foi organizado em três etapas: primeiramente, os alunos tomaram conhecimento dos aspectos teóricos do conteúdo a ser abordado, em sala de aula; logo, esses aspectos teóricos geraram uma primeira experimentação prática por parte dos alunos e, por fim, a experiência fora da sala no espaço da cidade. Uma das propostas foi realizada a partir do estudo sobre a Arte Antiga e Medieval, explorando a arquitetura. Pesquisas foram realizadas pelos alunos e organizadas com a turma em forma de seminários, junto das aulas expositivas, calcadas em exposições e análises de imagens. Os alunos produziram maquetes que apresentavam os elementos arquitetônicos característicos de cada período e/ou civilização. Para finalizar, a proposta foi percorrer um trajeto onde se encontravam prédios arquitetônicos antigos de Santa Maria, na Av. Rio Branco e na Praça Saldanha Marinho. Aqui, outro conteúdo foi inserido em uma ligação com o conteúdo anterior: a arquitetura de nossa cidade, percebida e analisada, além de considerarmos os aspectos históricos de cada prédio. Nessa caminhada, os alunos reconheceram os elementos arquitetônicos que apresentavam influências da arquitetura na antiguidade. A segunda proposta consistiu na visita à exposição do acervo do Museu de Arte Contemporânea de Porto Alegre e no Museu de Arte de Santa Maria. Essa atividade culminou no fato de que os alunos, a partir do contato com a variedade de obras expostas, revisitaram, por meio da discussão, diversos assuntos trabalhados em sala de aula. Com esta ação, possibilitou-se um contato direto com a produção artística em Artes Visuais e não apenas com reproduções delas em sala





de aula. **RESULTADOS:** Essas duas atividades oportunizaram novos olhares a partir da experiência. O olhar sensível direcionado ao contexto em que vivemos, ao conhecer a nossa história e o nosso patrimônio. Na sociedade em que estamos inseridos, na qual as formas de comunicação estão nos modificando culturalmente, a informação disponível é amplamente acessível. Porém, conforme Morin (2003, p. 16), “o conhecimento só é conhecimento enquanto organização, relacionado com as informações e inserido no contexto destas”, assim, a experiência de ver, de estar em contato, faz com que a informação se concretize em construção de conhecimento, pois a experiência torna a ação significativa. Sobre esses olhares, que as propostas relatadas provocaram, também devemos estar atentos ao fato de que muitos dos alunos nunca haviam entrado no Museu de Arte de Santa Maria (MASM). Essa distância entre a arte e as pessoas é relevante. Promover esse encontro e cultivar este hábito é pertinente ao componente curricular das Artes, como explica o aluno A: *Como todo museu, pensei que o MASM guardasse coisas antigas, de outra época e contexto. Achei que seria difícil interpretar as obras e que elas seriam, de certa forma, estranhas [...]. Me surpreendi muito, pois as pinturas e esculturas são tão atuais [...]. Adorei o espaço e as obras e senti vontade de ver mais [...]. Esta foi uma experiência gratificante [...].* Nos fragmentos de fala dos alunos, percebemos o estranhamento inicial desse encontro com o espaço artístico. A visita mediada pelo educador proporciona uma aprendizagem no campo da arte que parte da experiência. Provoca novas reflexões e percepções nos educandos e instiga sua curiosidade pela arte, como o aluno C: *A visita*





ao Museu de Arte de Santa Maria foi bem diferente [...]. Já havia visitado o lugar, mas ao certo não tinha uma interpretação, apenas olhares aos quadros. E dessa segunda vez que fui, pude ter vários olhares com interpretações diferentes de acordo com as obras que ali estavam. O aluno D nos evidencia como o trabalho em sala de aula se completa com a experiência de estar no Museu, tornando o objeto de estudo algo concreto e presente: *A visita ao Museu de Arte foi bastante interessante, [...] vi que no contexto atual a arte está inserida no cotidiano, ela admite diversas interpretações, tem movimento, podemos analisar por outros sentidos [...]. A arte está muito além do artista e da obra, a arte envolve o observador e suas observações.* **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Essas propostas pedagógicas permitiram ampliar alguns conceitos preestabelecidos sobre arte e, especialmente sobre a produção contemporânea, bem como o espaço do Museu. Da mesma forma, se caracteriza um pertencimento do aluno ao que lhe está sendo exposto, a partir da contextualização do assunto, como aconteceu na visita à arquitetura de Santa Maria. Atuar como artista leva questões da arte para a sala de aula, e da sala de aula para os espaços da arte. Proporcionar essas vivências deve ser uma constante dentro do Ensino da Arte. Nas ações descritas, a aprendizagem em arte se define a partir da própria experimentação por parte do aluno; pois vivencia e é apresentado ao contexto. O aluno é inserido em novos espaços ou os revisita, inaugurando um novo olhar. Esse é um dos papéis fundamentais da arte na escola: inserir o aluno nos espaços artísticos, no meio de produção e apresentação, contextualizando o que lhe é ensinado, a fim de sensibilizar o seu olhar, para que esteja atento ao seu entorno.





Ação esta é facilitada quando o educador atua como profissional no campo o qual ensina. Como vou propor a experiência se eu não a experimentei? Estamos falando de propostas que levam ao hábito de consumo cultural, as quais propõem novas percepções a partir da sensibilidade e que pensam o educador como um mediador no processo de descoberta. Segundo Morin (2003, p. 47), “o objetivo da educação não é o de transmitir conhecimentos sempre mais numerosos ao aluno, mas o de criar nele um estado interior e profundo, uma espécie de polaridade de espírito que o oriente em um sentido definido, não apenas durante a infância, mas por toda a sua vida”. É oferecer ao aluno a possibilidade de que tenha autonomia na busca do seu conhecimento, orientá-lo a perceber o seu entorno e questionar-se sobre ele.

Palavras-chave: Ensino das artes. Educador-artista. Lugares de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

MORIN, E. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORO, V.; DÓRIA, A. L.; ROHDE, H. (Org.). **Projeto Político-Pedagógico 2011 a 2014 Colégio Franciscano Sant’Anna.** Santa Maria, RS, 2010.





ESCOLA: EXERCÍCIOS DE CIDADANIA

Eliézer dos Santos Oliveira

Escola São Francisco de Assis

esantoliveir@gmail.com

INTRODUÇÃO: Neste projeto, visa-se tratar concretamente da temática social da Campanha da Fraternidade (CF) 2015 com os oitavos anos da Escola São Francisco de Assis, Pelotas, RS. Para tanto, nele se aborda a política como serviço ao bem comum: “Eu vim para servir”, lema da CF 2015 (CNBB, 2015). A política é um direito e um dever de todas as pessoas preocupadas com os rumos da sociedade, sobretudo daquelas que assumem a mística do Irmão Universal, São Francisco de Assis, padroeiro da Escola. Partindo da importância da política e da cidadania, exaltadas pelo Texto Base da CF 2015, desenvolvemos, com os oitavos anos, esse projeto de eleições, para a escolha democrática dos líderes de turmas. Com essa atividade, visamos despertar nos jovens estudantes a importância da política estudantil; fomentar o surgimento de lideranças positivas no meio juvenil; suscitar nas coletividades das turmas o compromisso pela escolha, acompanhamento, fiscalização e participação nos mandatos de seus representantes, no intuito de aprofundar a escolha das lideranças para além de uma mera eleição. Tal projeto se justifica pela própria atual realidade política em que vive o país, desejoso de mais participação; pela identidade da escola franciscana que se preocupa com a formação integral do ser humano (SCALIFRA-ZN, s/d, p. 14-15); pelo anseio de



educadores e educandos em realizar esse projeto. Morin (2003, p. 65) afirma que a educação deve contribuir para que a pessoa mesma se autoforme como humana e cidadã. Acreditamos que, nesse projeto, os próprios estudantes irão, a partir das condições oferecidas pela escola, se autoformarem mutuamente. No Documento 85 da CNBB (2007), dedicado à juventude, afirma-se que os/as jovens querem participar da vida social e política e não encontram espaço para isso (n. 39); eles têm direito à formação integral (n. 97) e esta deve partir da prática significativa, tendo a formação teórica como ponto de chegada (n. 146). Pensamos que esse projeto tenha, em si, todas as condições necessárias para o exercício do protagonismo juvenil, que, antes de tudo, será prático e, posteriormente, teorizado pelos diversos saberes. “Não queremos com isso pensar que a escola, por si mesma, seja a instituição capaz de regenerar, salvar ou reparar a sociedade” (NÓVOA, 2009, p. 50-51). Para este autor, “a representação política dos(as) estudantes não se coloca num ‘transbordamento’ da missão da escola” (p. 55), mas se refere sim a algo que lhe diz respeito, algo que lhe é específico, visto que é somente em uma instituição de ensino que o jovem poderá vivenciar a política estudantil. “Alguém seria capaz de escrever que a escola não tem qualquer responsabilidade na formação de cidadãos activos (sic!), conscientes dos seus direitos e dos direitos dos outros?” (NÓVOA, 2009, p. 61). Por isso, não vemos como a proposta de “retraimento” (do “transbordamento”) elaborada por Nóvoa poderia negar a importância deste trabalho de formação cidadã. Nosso projeto quer reafirmar que a Escola também é o lugar onde os educandos devem realizar





exercícios de cidadania, e não apenas exercícios dos conteúdos de cada componente curricular. E, nesse exercício cidadão, todos os conhecimentos podem ser integrados. **METODOLOGIA:** Basicamente, a metodologia será construída a partir da dinâmica do grupo, valorizando o protagonismo dos educandos. Em linhas gerais, eis os seus passos: 1) O projeto nasceu da semana pedagógica realizada no início do ano letivo de 2015 como fruto das reflexões sobre a Campanha da Fraternidade 2015; 2) O componente curricular “Ensino Religioso” ficou designado como o principal responsável pelo projeto, integrando, na medida das necessidades, os outros componentes curriculares; 3) O projeto foi apresentado aos educandos e educandas que concordaram e se dispuseram a fazer parte dele; 4) As turmas (181, 182, 183) debateram o perfil de líder do qual cada uma delas precisava. A missão do líder foi apresentada pelo professor e debatida pelas turmas. Também se trabalhou sobre democracia direta, representativa e participativa; funções dos poderes executivos e legislativos em suas diversas instâncias; o sistema eleitoral brasileiro; etc. 5) Foram construídos, de forma auto-organizativa (sem a interferência do professor) partidos políticos (com nome, número, sigla, símbolo, programa) que lançaram seus pré-candidatos. Alguns buscaram alianças com outros partidos e outros não; 6) Os educandos e educandas que não quiseram compor partidos políticos foram designados para compor a Justiça Eleitoral, sendo responsáveis pela confecção das leis eleitorais, fiscalização do pleito, julgamento das denúncias e aplicação das sanções. Estes também farão as pesquisas eleitorais e comporão a mesa no dia da eleição;





7) O SOE ficou responsável pelo parecer “ficha limpa”, condição necessária para que a candidatura de alguém indicada pelo partido fosse aceita. Com isso, todas as lideranças negativas foram afastadas do pleito e a partir disso se pôde trabalhar a “Lei Ficha Limpa”; 8) A campanha política ocorre segundo as regras estipuladas, cuidando para não poluir o ambiente, quer pelo desperdício de papel, quer pelo exagero de cartazes e afins; 9) Os textos (discursos) estão sendo escritos; os horários eleitorais gratuitos estão sendo gravados; os debates entre os(as) candidatos(as) estão sendo agendados; os comícios organizados; o material de campanha (bótons, bandeiras, cartazes, santinhos...) está sendo confeccionado; etc. 10) A data das eleições está marcada para o dia 4 de maio de 2015, e dia 12 de maio, caso haja 2º turno em alguma turma. Para não haver segundo turno o primeiro colocado deverá ter mais da metade dos votos válidos. 11) Depois das eleições, o processo todo será refletido e elaborado teoricamente, vinculando-o com a CF 2015 e a realidade sociopolítica do país. **RESULTADOS PARCIAIS:** Parcialmente houve grande interesse dos educandos e educandas em se envolverem em um pleito eleitoral efetivo e diretamente vinculado às suas vidas. Houve sensibilização, mobilização e interesse em debater, em um clima político-democrático, a Escola, de modo que não há como trabalhar a democracia sem se deixar democratizar. Também, já foi possível identificar, no processo eleitoral escolar, preocupações políticas semelhantes àquelas presentes no sistema político brasileiro: compra de votos, punição à corrupção passiva e ativa, alianças pragmáticas que visam apenas à conquista e à manutenção no poder, etc.





Enfim, por nos encontrarmos em um momento mais ativo do que reflexivo, o projeto oferece os elementos que poderão, em um futuro próximo, ser refletidos e aprofundados de forma teórica. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Por se encontrar em andamento e por ser caracterizado pelo protagonismo dos(as) estudantes, não há como prever os desdobramentos e as novidades que poderão surgir dele. Isso faz com que a nossa principal consideração final seja a atitude da inconclusão, própria da abertura franciscana.

Palavras-chave: Cidadania. Política estudantil. Liderança. Eleições. Campanha da Fraternidade 2015.

REFERÊNCIAS

CNBB. **Evangelização da juventude:** desafios e perspectivas pastorais. Documento 85. São Paulo: Paulinas, 2007.

CNBB. Texto Base da Campanha da Fraternidade 2015: **Fraternidade e Sociedade. Eu vim para servir.** Brasília: Edições CNBB, 2015.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NÓVOA, A. **Professores: imagens do futuro presente.** Lisboa: EDUCA, 2009.

SCALIFRA-ZN. **Plano de médio prazo 2013-2014.** Santa Maria: Editora Unifra, s/d.



ESFABIO – PROJETO DE SUSTENTABILIDADE

Andrei Thomaz Oss-Emer

Juliano Gonçalves

Raquel Weissheimer

Escola de Ensino Fundamental São Francisco de Assis

INTRODUÇÃO: Dentre os projetos educacionais planejados para desenvolvimento no ano letivo de 2015, a proposta pedagógica denominada ESFABIO visa propiciar à comunidade da Escola de Ensino Fundamental São Francisco de Assis (ESFA) um instrumento construtor de saberes, a fim de motivar estudos, reflexões e ações econômicas, ambientais e sociais sustentáveis, capazes de promover a mudança de atitudes através de ações internas e externas à instituição educativa. Essa proposta contempla o pensamento franciscano e a epistemologia de educação adotada pela Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis (SCALIFRA-ZN). O neologismo *sustentabilidade*, como palavra de expressivo apelo contemporâneo, possui conceito correlato à temática do desenvolvimento sustentável. O passo inicial para pensar o desenvolvimento sustentável ocorreu com a realização da Conferência de Estocolmo, realizada em 1972. Em um breve histórico, o termo sustentabilidade foi proferido no chamado Relatório Brudtland, documento formalmente conhecido por *Nosso Futuro Comum*, emitido em 1987 pela Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (1991). Essa comissão foi criada pela Organização das Nações Unidas (ONU), no ano de 1984, sendo presidida por



Gro Harlem Brudtland, então primeira-ministra da Noruega. Somente no ano de 1992, com a realização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro, o desenvolvimento sustentável conquistou notoriedade na política ambiental mundial com a difusão de distintas interpretações. O Relatório Brudtland propunha que o desenvolvimento econômico estivesse integrado à questão ambiental, conceituando desenvolvimento sustentável *como aquela que satisfaz às necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazer as suas próprias necessidades*. O termo desenvolvimento sustentável tornou-se referência em responsabilidade ambiental, substituindo a palavra composta, eco desenvolvimento. Etimologicamente o vocábulo “sustentável” provém do latim *sustentare*, que significa *sustentar, defender, favorecer, apoiar, conservar e cuidar*. Com o transcorrer do tempo, novos estudos foram realizados e a temática da sustentabilidade ampliou sua área de abrangência. O projeto ESFABIO está embasado inicialmente na espiritualidade franciscana da “Integridade da Criação”, na qual se propõe a vivência de uma Fraternidade Universal de respeito e cuidado para com a “Mãe e Irmã Terra, que nos sustenta e governa, e produz variados frutos com coloridas flores e ervas”, conforme o *Poverello* de Assis (Francisco de Assis, 1224). Assim como Francisco de Assis, optou-se, nesse projeto, em tratar do cuidado com a natureza como Mãe e Irmã, não somente aquela que sustenta, mas também aquela que, acima de tudo, merece amor e cuidado. Cabe ressaltar que os problemas ecológicos não são fáceis de serem pensados, devido à ampla complexida-





de em um âmbito socioeconômico. Trabalhar-se-á o contexto da sustentabilidade, segundo o que Morin (2003) define como um problema global essencial não parcelável, caracterizado como um desafio da globalidade, que ele mesmo justifica como sendo também um desafio de complexidade. **METODOLOGIA:** Para efeito dessa proposta pedagógica, ao viabilizar a estruturação de estudos, reflexões e ações sustentáveis, este projeto em desenvolvimento possui três áreas limítrofes de atuação, dimensionadas a partir dos três princípios básicos inerentes à sustentabilidade: econômica, ambiental e social. Torna-se relevante ressaltar que existem determinadas linhas de pensamento que estabelecem outros princípios além desses enunciados. O ESFABIO propõe prioritariamente que cada segmento da instituição escolar, como Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, contemple um princípio da sustentabilidade, a fim de se elaborarem reflexões, estudos e ações efetivas que propiciem a equidade econômica, a conservação dos recursos naturais e do ambiente, bem como o desenvolvimento social. A priorização acima referida tem por intuito orientar e não limitar o desenvolvimento de atividades que possuam a sustentabilidade como temática de trabalho. O referido projeto possui previsão de desenvolvimento entre fevereiro e novembro de 2015. Os trinta dias iniciais foram destinados à concepção da proposta pedagógica, ocorrendo a realização de estudos de qualificação, de reuniões estruturantes e da construção compartilhada. Além dessas ações, serão construídas atividades ao longo do período de execução do ESFABIO, que culminará com a realização da Feira de Iniciação Científica (FIC), realizada anualmen-





te na Escola São Francisco de Assis. **RESULTADOS:** O ESFABIO encontra-se hoje em período de desenvolvimento, observando o período de aplicação do projeto. Constitui-se em uma proposta desafiadora à contemporaneidade, apresentando como resultados parciais e iniciais o despertar coletivo para a necessidade de reflexão diante da possibilidade do desenvolvimento de ações econômicas, ambientais e sociais sustentáveis no que se refere à cultura instituída do consumista. Em síntese, ratifica-se a postura de que o desenvolvimento sustentável busca melhorar a qualidade de vida de todos os habitantes, utilizando de modo racional os recursos naturais. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Dessa forma, o ESFABIO observa a crítica de Morin (2003) à fragmentação do conhecimento presente na obra *A Cabeça Bem Feita*, o que viabiliza constituir o projeto em uma proposta pedagógica com enfoque transdisciplinar, contextualizadora e reorganizadora. Assim, essa ação educativa também será capaz de colaborar para formar cidadãos planetários, solidários e éticos, com maior preparo para enfrentar os desafios existentes inerentes às diversas vertentes da sustentabilidade.

Palavras-chave: Sustentabilidade. Ambiental. Econômica. Social.

REFERÊNCIAS

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso Futuro Comum**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.





NA ARTE, A SUCATA ABRE UM MUNDO DE POSSIBILIDADES

Gabriani Silveira Mota

Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida
gabrianism@gmail.com

INTRODUÇÃO: Reciclar materiais é uma tarefa que se faz necessária a todos nós, devido aos benefícios observados que este procedimento traz para o planeta Terra. Diante disso, tem-se a grande importância do processo de reaproveitamento, que além de preservar o meio ambiente, também gera muitos empregos e opções de trabalho nas cidades. É grande o número de pessoas que trabalham neste setor, garantindo renda para manter suas famílias. Cooperativas de catadores de papel e alumínio já é realidade nos centros urbanos brasileiros. Segundo Nóvoa (2009), é preciso trabalhar no que se refere à diversificação dos modelos e das práticas de formação, instituindo novas relações dos professores com o saber pedagógico e científico. A formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico. Pensando neste cenário, a professora de Arte do Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida lançou a proposta de trabalho com os alunos da 1ª série do Curso Normal, tal proposta visa criar obras de arte a partir de materiais que seriam destinados ao lixo, trazendo para sala de aula situações reais, a partir da apresentação de um documentário para mostrar que é possível reinventar, mesmo em situações impossíveis.



Conforme Morin (2003), é preciso ajudar as mentes adolescentes a se movimentar na noosfera (mundo vivo, virtual e imaterial, constituído de informações, representações, conceitos, ideias, mitos que gozam de uma relativa autonomia e, ao mesmo tempo, são dependentes de nossas mentes e de nossa cultura) e ajudá-las a instaurar o convívio com suas ideias... Por meio dos estudos de Edgar Morin, pretendeu-se proporcionar aos adolescentes a reflexão sobre a realidade na qual se encontra o mundo onde vivemos e a situação social de várias pessoas que sobrevivem do que colocamos no lixo, pensando, a partir das reflexões teóricas, qual o papel de cada um no mundo no qual está inserido, levando os futuros professores a despertarem a consciência de sustentabilidade, criatividade e a valorização da Arte por parte dos alunos. Segundo Fernandes (2011), para Ausubel, o conhecimento significativo é quando uma nova ideia se relaciona aos conhecimentos prévios do indivíduo. Motivado por uma situação que faça sentido, proposta pelo professor, o aluno amplia, avalia, atualiza e reconfigura a informação anterior, transformando-a em nova. Se pensarmos nos benefícios a longo prazo dessas práticas educativas nas comunidades, poderemos entender como o papel da educação através da arte é importante na sociedade, na busca da construção do conhecimento significativo, de modo que o aluno poderá a partir da prática construir um novo olhar, um novo conhecimento com significado e valor social. **METODOLOGIA:** Como lançamento da proposta, os alunos assistiram ao documentário *Lixo Extraordinário*, que acompanha o trabalho do artista plástico Vik Muniz, em um dos maiores aterros sanitários do mundo: O Jar-





dim Gramacho, na periferia do Rio de Janeiro. A partir da visualização, realizaram uma reflexão sobre a realidade apresentada, também pesquisaram na *internet* sugestão de obras que podem ser criadas com sucatas. Foram mostrados vários trabalhos a fim de incentivar os alunos em suas próprias produções. Importante destacar que, neste primeiro momento, foram realizadas apenas releituras de obras existentes, exercitando os alunos para compreenderem o processo de construção da obra. Em seguida, foi proposto aos alunos que produzissem trabalhos artísticos a partir de materiais reaproveitáveis e recicláveis. Foi indicado o uso do papel paraná, compondo um painel com os materiais separados antecipadamente pelos alunos. **RESULTADOS:** Os trabalhos foram expostos na galeria de entrada do colégio onde toda a comunidade pôde ter acesso, bem como conhecer as obras produzidas e entender que a arte pode estar nos mais simples atos e materiais, logo se despertou um olhar diferente para o uso dos materiais reaproveitáveis. Os alunos tornaram-se mais conscientes em suas atitudes de reutilização de materiais e desenvolveram uma visão de valorização aos trabalhos produzidos e respeito à criação de cada colega. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Hoje, vemos professores de arte, que possibilitam experiências transversais de apresentação com arte e pela arte, sem a pretensão de formar artistas ao público, mas sim de atingir um futuro sustentável, no qual os indivíduos sejam mais criativos, mais críticos e mais solidários, bem como pequenas populações possam cultivar as suas diferenças culturais, compreender, valorizar e praticar antigas produções artísticas, criar empregos, gerar turismo cultural e estabilidade social.





Desta forma, por meio deste trabalho, conseguiu-se mobilizar os alunos para uma visão social que mudou a forma de pensar de cada um, mostrando que cada indivíduo pode ser artista e produzir obras de arte a partir de pequenos gestos.

Palavras-chave: Materiais reaproveitáveis. Obras de Arte. Lixo extraordinário.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, E. David Ausubel e a aprendizagem significativa.

Nova Escola, n. 248, dez. 2011. Disponível em: <<http://revista-escola.abril.com.br/formacao/david-ausubel-aprendizagem-significativa-662262.shtml>>. Acesso em: 1 dez. 2014.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita:** Repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NÓVOA, A. **Professores:** Imagens do Futuro Presente. 4. ed. Lisboa: EDUCA, 2009.





NA TELA DA VIDA FRANCISCANA, OS SABERES SE ENTRELAÇAM

Marisângela Stock Soares Rauber

Maria Ana Klein

Colégio Franciscano Santa Rosa de Lima

maklein14@hotmail.com

INTRODUÇÃO: Neste texto, visa-se partilhar o trabalho realizado no Colégio Franciscano Santa Rosa de Lima, com alunos do 5º ao 8º ano do Ensino Fundamental. Por meio deste projeto, que teve início em 2014, busca-se compreender como a escola interfere na vida pessoal do aluno e como os saberes compartilhados na escola são internalizados na vida diária. Sendo assim, os professores das diversas áreas do conhecimento foram desafiados a perceber nos alunos o impacto da formação prática e reflexiva para a integralidade dos saberes na vida cotidiana. Os objetivos estabelecidos foram: refletir sobre a importância da escola franciscana na vida de cada cidadão; compreender a influência do professor franciscano na vida dos alunos e ex-alunos; integrar na vida os saberes aprendidos na escola; estabelecer conexões a partir de sua realidade e sua história com as diversas áreas do conhecimento. Isso porque se compreende a escola como um espaço social no qual o aluno amplia seu processo de socialização e de interação com o mundo. Nóvoa (2009) reforça essa visão da escola quando diz: “É preciso instaurar a escola como sociedade, como lugar do trabalho conjunto, como lugar do diálogo e da comunicação, como espaço de segurança, como uma sociedade na qual as crianças prefiguram e praticam uma vida futura” (p. 67).



Esse ensaio da vida social, na escola, certamente recebe influência da filosofia de trabalho adotado no projeto político pedagógico de cada instituição escolar. Assim, as aprendizagens adquiridas pelo aluno na escola são saberes que se somam a outros saberes e vão se inscrevendo em sua trajetória pessoal. Portanto, a escola tem a missão de educar para a vida. Nóvoa (2009) chegou a dizer que o brasileiro ainda não está capacitado para escolher seus governantes, por causa de sua precária vocação política e da absoluta falta de escolaridade. Morin (2003) nos lembra de que o objetivo da educação não é o de transmitir conhecimentos sempre mais numerosos ao aluno, mas o de criar nele um estado interior e profundo, uma espécie de polaridade de espírito que o oriente em um sentido definido, não apenas durante a infância, mas também por toda a vida, como contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar cidadão. Assim, conclui-se que aquilo que se vivencia e se aprende na escola afeta a vida pessoal do aluno e determina grande parte das atitudes que esse pratica na convivência social. Logo, essas são as reflexões que encorajaram a criação deste projeto, que visa constatar o quanto cada educador consegue registrar na tela da vida do aluno que o cerca na escola. **METODOLOGIA:** O desenvolvimento do presente trabalho aconteceu em várias etapas. Inicialmente, no intuito de uma autoanálise, foi feita uma pesquisa com ex-alunos do colégio. Através do depoimento coletado desses ex-alunos, se estudariam quais dos ensinamentos aprendidos na escola que esses alunos aplicam em sua vida diária, fora do ambiente escolar. Entrevistaram-se





vários ex-alunos e todos frisaram a importante contribuição do colégio em sua vida pessoal e profissional. O depoimento escolhido para essa análise foi de uma ex-aluna identificada por C. M. Em seu relato, ela destaca que seu envolvimento no Colégio Liminha, como líder de turma, presidente do grêmio e integrante do time de handebol, contribuiu para desenvolver o espírito de liderança e confiança. Acredita que o que é hoje seja resultado do que vivenciou dentro do colégio. Posteriormente, a atenção voltou-se aos alunos em curso, com os quais os professores passaram a estudar o livro *Francisco Conta sua vida* para refletir mais profundamente a vida de São Francisco de Assis e a filosofia franciscana. Na sequência, os professores das diversas áreas receberam a missão de motivar seus alunos a refletirem e registrarem os saberes aprendidos na escola em uma conta do *Facebook*. Nessa página, cada aluno pôde compartilhar quais os valores franciscanos têm sido integrados em sua vida. E para nortear os trabalhos, os alunos receberam algumas questões, como: Consultando o Google Franciscano o que encontrei? O que quero salvar na minha vida? Quais são as postagens que gostaria de fazer? O que vou compartilhar? Dentre os depoimentos registrados pelos alunos, escolheu-se o de um estudante de 6º ano, que assim se expressou: *Eu acho esse colégio muito bom. Os professores são muito legais. São amigos da gente, podemos contar sempre com eles. Aqui no colégio a gente aprende muitos valores, como respeitar os outros e a viver a paz e fazer o bem. Tudo isso aprendo aqui e com certeza vou levar comigo para toda a minha vida.* **RESULTADOS:** Foi possível observar que as diversas áreas do conhecimento conseguem desenvol-





ver um trabalho conjunto. Os alunos mostram-se muito motivados quando podem, ou quando são convidados a partilhar dos saberes simples que aplicam em suas vidas. Por outro lado, percebe-se que ainda há um longo caminho a percorrer para que todos os professores aprendam a valorizar e integralizar os saberes que os alunos trazem consigo para o espaço escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: Neste trabalho, ressalta-se a certeza de que a escola tem grande influência na vida dos alunos. A filosofia franciscana é cativante e atual. Percebe-se que as atitudes ensinam e marcam mais do que palavras. Os alunos trazem em si bons ideais de vida, logo é importante que a escola os oriente e os motive para que não se deixem enganar pela ideologia da sociedade consumista e egoísta.

Palavras-chave: Escola. Saberes. Integração. Vida.

REFERÊNCIAS

MORIN, E. **A cabeça bem feita:** Repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NÓVOA, A. **Professores imagens do futuro.** Lisboa: EDUCA, 2009.





NÃO PINTE O 7, PINTE 60

Cristine Medeiros

Escola Franciscana Imaculada Conceição

cristine@escolaimaculada.com.br

INTRODUÇÃO: Há muito tempo, os douradenses elegeram a calçada do entorno da Escola Franciscana Imaculada Conceição (EIC) como referência de espaço público para o exercício de atividades físicas. O espaço é reconhecidamente ponto de encontro para caminhadas, grupos de corridas e para apreciadores de patins. Nishikawa (1984) aponta a importância da realização de projetos urbanísticos, que atuem sobre a estrutura física, permitindo que cidadãos exerçam sobre o espaço público suas respectivas apropriações, de forma mais adequada e segura. Surge, então, a ideia de, para marcar os 60 anos da EIC (comemorados em 01 de março de 2015) e os 80 anos de Dourados – MS (comemorados em 20 de dezembro), realizar atividades envolvendo colaboradores, famílias, alunos e funcionários para colocar arte nos espaços das entradas da escola e nos muros da Olinda Pires, completando o visual humanizado no entorno da EIC. A ação também é uma forma de plantar a semente do espírito franciscano por meio da “inspiração”, que a arte traz ao ambiente. De acordo com Hoster (1862, p. 14), a fragrância das flores plantadas por Francisco “atraiu grande número de irmãos menores e de irmãs menores que das flores hauriram consolação espiritual e acharam muita edificação e que, por sua vez, logo cultivaram tais florezinhas em seus próprios corações”. A ideia é, por meio da arte, evitar a pichação dos muros da escola. A arte urbana, para Ferreira (2011), pode ser definida como



“uma arte contemporânea, de cunho popular, que é feita em espaços externos da cidade, sobre o mobiliário urbano, sejam eles paredes, muros, placas e todo tipo de aparato de sinalização”. No espaço do entorno da EIC, foram utilizadas técnicas de Graffiti, segundo Stickland (2002), “palavras, desenhos, expressões ou garatujas rabiscados em muros e paredes”, que traduzem “a verdadeira arte das ruas”, pintura mural e pintura livre. A pintura mural foi realizada por acadêmicos do curso de Arquitetura; a pintura livre, por acadêmicos do curso de Artes, alunos e famílias da Educação Infantil, Ensino Fundamental e do Ensino Médio e por artistas plásticos e o graffiti, pela artista plástica Marilena Grolli. Segundo Morin (2003), “o enfraquecimento de uma percepção global leva ao enfraquecimento do senso de responsabilidade – cada um tende a ser responsável apenas por sua tarefa especializada –, bem como ao enfraquecimento da solidariedade – ninguém mais preserva seu elo orgânico com a cidade e seus concidadãos”. Baseados nessa premissa, chamamos membros da academia, artistas plásticos, alunos, funcionários e famílias para dividirem essa experiência, para aceitarem o desafio cívico proposto pelo autor. **METODOLOGIA:** O projeto foi pensado para ser desenvolvido por meio da contribuição solidária da comunidade e assim aconteceu. A adesão dos acadêmicos de Arquitetura e Artes Plásticas trouxe o conhecimento e a aptidão técnicos; a presença dos artistas plásticos referendou o espaço como “a maior galeria de artes a céu aberto do MS”, tornando possível o compartilhamento de sua arte com uma enorme gama de pessoas que não seriam alcançadas por meio de exposições em galerias fechadas;





a presença da família refirmou a ligação delas com a Escola e com o compromisso de preservar o espaço como memória afetiva e o apoio dos patrocinadores, que tornou viável um grande projeto sem custos para a escola. As famílias foram chamadas por meio de bilhetes e agendaram turnos de participação na pintura, os acadêmicos também se revezaram em diferentes horários e, durante os dias 29 e 30 de novembro de 2014, o projeto se desenrolou. Na semana que antecedeu o evento, foi criado um *teaser* na *fan page* da escola, tendo como *slogan* o nome do projeto. A equipe de apoio atendeu no período das 8h às 17h em cada dia, sem intervalo de almoço. Houve, também, enorme movimentação nas redes sociais, de forma que proporcionou aos participantes combinarem grupos por proximidade e chamando a atenção para o evento. E Deus proveu para que material, clima e presença acontecessem da melhor forma possível. **RESULTADOS:** Ao todo, foram pintados 55 painéis, totalizando quase 500m² de área coberta com arte. No dia 1º de março de 2015, dia do Jubileu de Diamante da EIC, foi realizada a cerimônia de entrega dos muros ao município, representado pelo secretário de Cultura, Carlos Fábio Selhorst dos Santos. Todos os custos foram cobertos pelas cotas de patrocínio que totalizaram R\$ 6 mil em dinheiro, mais a permuta do documentário que registrou o projeto. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Segundo Morin (2003), “a educação deve contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar cidadão”. O projeto teve, também, esse viés de despertar a cidadania, o pertencimento em relação à escola e ao espaço que a circunda e, desta forma,





atingiu seu objetivo. Nos depoimentos do documentário, é possível perceber todos esses elementos sendo expressos pelos participantes. Eles se sentiram, sim, parte desse todo.

Palavras-chave: Arte. Participação. Cidadania.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, M. A. Arte urbana no Brasil: expressões da diversidade contemporânea. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 8., 2011, Guarapuava, PR. **Anais...** Guarapuava, PR: Unicentro, 2011, p. 1-10.

HOSTER, L. S. F. B.; BLÜTENGÄRTLEIN. **O jardimzinho de flores de São Francisco.** Tradução Benícia Flesch. Porto Alegre: Província do Sagrado Coração de Jesus, 2001.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NISHIKAWA, A. **O espaço da rua articulado ao entorno habitacional em São Paulo.** 1984. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

STICKLAND, C. **Arte comentada:** da pré-história ao pós-moderno. Tradução Angela Lobo de Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.





O MAIOR MINIFÚNDIO DA AMÉRICA LATINA: O PRIMEIRO AMOR DA EDUCAÇÃO ACONTECE ENTRE DESAFIOS E MAESTRIAS

Ana Paula Casarin Pereira

Irmã Cecília Ivone Rigo

Maria Helena Fonseca Rodrigues

Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida

cfnsa@supersul.com.br

INTRODUÇÃO: Nos 80 anos de nosso colégio, temos muito a comemorar. A melhor forma de fazer isso é divulgando o que temos de melhor, e não poderia ser diferente, a nossa “Menina dos Olhos” é o Curso Normal. Queremos com muita alegria divulgar todas as potencialidades que o curso apresenta. Não só estimulando o cognitivo, mas também incentivando o crescimento individual de cada aluno. Envolvendo as famílias, a comunidade e as escolas municipais e estaduais por meio da divulgação do prazer de ensinar e aprender com competência, compromisso e conhecimento. Acreditamos que só a partir da educação teremos um lugar melhor para viver e conviver e nossas normalistas se empenham ao máximo na concretização desse ideal. Imbuídos desse ideal maior, queremos divulgar nossas Práticas de Ensino, que são realizadas junto ao Colégio Aparecida e demais segmentos da comunidade canguçuense. Acompanhamos Escolas Municipais de Educação Infantil, Lar de Passagem, Lar dos Idosos, Cursos de Agricultura Familiar, de valorização da Mulher, da Criança e do Adolescente. Realizamos anualmen-



te em parceria com a EMATER o Curso de Técnicas Agrícolas, tendo em vista a realidade minifundiária de nosso município. O objetivo central da Prática de Ensino é, portanto, desenvolver um progresso em direção da autonomia profissional do futuro docente. Para isso diversas atividades são previstas: acompanhamento da ação docente e do planejamento, orientação do recreio, atividades extraescolares, contação de histórias, ajuda na realização de tarefas escolares, espiritualidade e valorização integral do ser humano entre outras. **METODOLOGIA:** As atividades pedagógicas foram desenvolvidas por meio de reflexões, discussões e atividades que possibilitaram a articulação teórico-prática, a fim de privilegiar o diálogo e o respeito mútuo, para que o aluno reflita sobre as competências básicas para o exercício da futura docência, tendo como referencial os Quatro Pilares da Educação; Valorizando os Pressupostos Teórico-metodológicos da observação como núcleo articulador da formação do professor. Quando pensamos a extensão de Canguçu, que é um dos municípios com maior número de propriedades rurais, com reduzida extensão territorial, percebemos a riqueza que isso nos traz. Assim, podemos aliar a extensão da área, a pluralidade cultural, os diferentes saberes e o grande número de escolas com o nosso anseio de multiplicar a educação de qualidade, visto que a maioria de nossos alunos são oriundos da Zona Rural. Nesse contexto, fazemos estas parcerias com a intenção maior de unir a prática à ação pedagógica e espalhar a inspiração de São Francisco de Assis e Madre Madalena, pois acreditamos que o educador de verdade tem “gente” por dentro. Inspirados nas palavras de Nóvoa (2009) sobre a impor-





tância do compromisso social em que afirma: “educar é conseguir que a criança ultrapasse as fronteiras que, tantas vezes, lhe foram traçadas como destino pelo nascimento, pela família ou pela sociedade”. **RESULTADOS:** Acreditamos que quando o aluno normalista se envolve diretamente com a criança, algo de mágico acontece, a partir dessa interação a aprendizagem se realiza e a formação do futuro educador sai do papel, da teoria e se concretiza na prática da reflexão-ação-transformação. O ganho é enorme, pois além dele conhecer e desenvolver suas potencialidades também contribui no aperfeiçoamento e crescimento de seu município. Além de aprender a organização da prática docente no cotidiano da sala de aula, também proporciona uma autoavaliação do aluno-educador; pesquisa de campo – realização do diagnóstico da escola/campo/estágio; contato com profissionais experientes; a elaboração do relatório final, na preparação de aulas expositivas dialogadas, exposições de painéis integrados, dinâmicas de grupos; reflexão por meio de trabalhos em grupos, tendo como base as referências bibliográficas indicadas para estudantes do Curso Normal; participação de Oficinas Didáticas, a fim de motivar debates com os relatos de experiências e confecção de materiais didáticos. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Essas ações são praticadas todo o ano. A comunidade sabe que pode contar conosco, valoriza e precisa muito do nosso acompanhamento. Então, acertamos parcerias, projetos e monitorias. O nosso retorno tem sido imediato, uma vez que contamos com um aluno normalista melhor preparado, envolvido na comunidade em que está inserido e que pode comprovar na prática os conteúdos de sala de aula, tirando





suas dúvidas, formando seus próprios conceitos, sendo protagonista de sua Formação Pedagógica. Assim, comprovamos que o Curso Normal está mais atuante que nunca e é indissociável de uma sociedade que quer crescer, atualizar-se na educação e nas potencialidades e competências de futuros educadores os quais acreditam que: “O Primeiro Amor da Educação” irá transformar o ensino brasileiro, soltar as velhas amarras e encantar a vida dos pequenos nos gestos de carinho, de olhar sincero, de vocação e trabalho. Porque, só assim teremos profissionais imbuídos de experiências construtivas e humanizadoras na busca incessante de um mundo onde o conhecimento é levado a sério e o cuidado com a integralidade dos educandos é uma busca constante para a felicidade. Então, terminaremos com a máxima de que queremos excelentes professores para os nossos filhos, mas não queremos que nossos filhos sejam excelentes professores. A hora é agora! Vamos resgatar o valor do educador na sociedade de hoje, por meio da formação de cidadãos preparados para a necessidade de um mundo cheio de pessoas fraternas, solidárias e cristãs. Reafirmamos nossa convicção de que no percurso formativo o Curso Normal é “O Primeiro Amor da Educação” e, segundo Monlevade (2009), “querer o superior sem a mediação do Normal, é uma temeridade e, implantar cursos normais de qualidade, é uma pequena revolução, daquelas que o Mestre Paulo Freire considerava imprescindíveis!”.

Palavras-chave: Curso Normal. Formação. Integração. Reflexão-Ação-Prática.





REFERÊNCIAS

MONLEVADE, J. A. C. Normal de Nível Médio: atual e prioritário, até quando? **Portal da ANDIFES**. Brasília, 2009. Disponível em: <<http://www.andifes.org.br/?p=13608>>. Acesso em: 9 mar. 2015.

NÓVOA, António. **Professores**: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.





PROJETO BERÇÁRIO: ANJOS DA PAZ E DO BEM

Lia Rachel

Escola Franciscana Nossa Senhora de Fátima

INTRODUÇÃO: No projeto do Berçário, almeja-se a execução inovada e criativa de estímulos, que possibilitam o desenvolvimento integral dos alunos. A partir da observação das necessidades de cada faixa etária, incluímos o ato de brincar na construção da inteligência e do equilíbrio emocional, a fim de contribuir para a afirmação pessoal e integração social da criança. Cada estímulo preconiza um eixo do desenvolvimento infantil de modo a permitir que se estabeleçam e se ampliem cada vez mais as relações sociais, utilizando as linguagens: corporal, musical, plástica, oral, escrita e espiritual ajustada às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas ideias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo mais sua capacidade expressiva. Os projetos permitem maior integração família e escola e fortalecem a relação segura entre pais e filhos, principalmente nos aspectos relacionados ao desenvolvimento infantil. Para assegurar o Ensino Religioso como parte integrante na formação básica dos bebês, foi criado o *Projeto Anjo da Paz e do Bem*, que consiste na escolha quinzenal de uma família que deverá, criativamente, enviar uma mensagem de otimismo, de superação, fé, amor, dedicação e esperança aos pais e/ou equipe do Berçário. Neste projeto, objetiva-se assegurar o Ensino Religioso como



parte integrante da formação básica dos bebês baseada na filosofia franciscana para um desenvolvimento pleno dos alunos nos aspectos psicossociais, cognitivos, motores, emocionais e espirituais. **METODOLOGIA:** A equipe de professoras e coordenação, avaliando as situações que envolvem as crianças, famílias e a escola, as quais são taxadas de situações delicadas, uma vez que podem repercutir de forma negativa no desenvolvimento integral da criança, afetando a parceria família e escola, escolheu desenvolver este projeto para trabalhar com os pais. Escolhemos então, em cada turma do berçário, pais que são destinados a enviar uma mensagem criativa de otimismo, de superação, fé, amor, dedicação e esperança aos demais pais e/ou equipe do Berçário. Em um momento de celebração, os pais escolhidos comparecem à escola, participam da acolhida e há a entrega de uma caixa do Anjo, que contém: o Tau – símbolo da fé, da simplicidade e do amor franciscano, um caderno em que os pais registrarão essa experiência, um anjinho e um colete que a criança usará, na escola nesse período, ao longo do projeto. A mensagem e a foto da família enviada pelos pais são anexadas no mural do berçário para que os outros pais possam visualizar e se emocionar com o projeto. **AValiação:** A avaliação será realizada de forma sistemática e contínua ao longo de todo o processo de aprendizagem. Inicialmente, avaliamos todas as crianças, as diferenças individuais e as possibilidades de aprendizagem, planejando a prática, selecionando as estratégias pedagógicas e definindo as habilidades com melhor adequação.





Palavras-chave: Desenvolvimento infantil. Pais e filhos. Ensino Religioso.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FONAPER. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso**. Florianópolis: Ave-Maria, 1997.





PROJETO OLHARES: O MERCADO DE TRABALHO

Claudecira Bottoli

Célia de Fátima Rosa da Veiga

Colégio Franciscano Sant' Anna

INTRODUÇÃO: As etapas finais do processo do Ensino Médio impõem ao adolescente a necessidade de fazer a escolha profissional. Sabe-se que, diariamente, a pessoa toma decisões no âmbito pessoal, escolar, profissional (CAMARGO, 2006), logo cabe tanto à família quanto à escola oferecer informações e criar condições para que o adolescente possa percorrer o caminho do autoconhecimento, experimentar-se em situações concretas e fazer opções acertadas. Estudos indicam que as motivações para a escolha profissional estão, em geral, vinculadas às experiências e vivências que o sujeito realiza dentro do próprio processo de desenvolvimento. As pesquisas enfatizam que a síntese destas experiências, atreladas às características pessoais, sociais e culturais do estudante e ao conhecimento do mundo do trabalho, favorece o conjunto de motivações que precedem o momento da escolha profissional (PRIMI et al., 2000). Nesse viés, a educação franciscana comprometida com a formação integral do ser humano, seu caráter, sua cognição, sua relação com o mundo, com os outros homens e com Deus pode contribuir na formação do estudante, uma vez que prioriza a oportunidade de experiências que integram teoria e prática, proporcionando aos estudantes o exercício da cortesia,



da misericórdia, do amor a Deus e a todas as pessoas, indistintamente, pois essas práticas compõem o corolário do carisma franciscano (MERINO, 1999). Nessa perspectiva, o Colégio Franciscano Sant'Anna desenvolveu o Projeto Olhares: o mercado de trabalho. Ele foi gestado e articulado pelo componente curricular de Ensino Religioso integrado ao trabalho interdisciplinar, realizado na terceira série do Ensino Médio, a fim de auxiliar os estudantes no momento da escolha profissional. O projeto, iniciado em 2013, foi qualificando-se para melhor auxiliar os adolescentes quanto ao conhecimento do mercado de trabalho e ao perfil dos profissionais nesse setor. Assim, oportuniza-se ao adolescente, que irá concluir o Ensino Médio, conhecer a realidade das instituições assistenciais ou ONGs da cidade e as competências técnicas, humanas e espirituais que o mercado de trabalho exige, atualmente, dos profissionais que prestam serviços nesses locais. A experiência pedagógica justifica-se por estar associada ao Projeto Político Pedagógico do Colégio Franciscano Sant'Anna, objetivando o conhecimento integrador, dialógico e múltiplo (MORIN, 2005). Também, porque a espiritualidade franciscana dinamizada no Ensino Religioso orienta a vida do estudante, e assim se fornecem subsídios para o equilíbrio e apoio ao adolescente, em especial, nesse momento significativo de sua vida, a conclusão do Ensino Médio e a escolha profissional. **METODOLOGIA:** Inicialmente, realiza-se um levantamento junto aos estudantes da 3ª série do Ensino Médio relacionado às áreas profissionais de interesse, como forma de orientar todo o trabalho interdisciplinar. Posteriormente, no componente curricular de Ensino Religioso, os adolescentes pesquisam





as instituições assistenciais ou ONGs da cidade de Santa Maria, RS, que têm interesse em conhecer. Após etapas preparatórias, apresenta-se a metodologia do projeto. No ano de 2014, para concretização do projeto, os alunos e a professora coordenadora escolheram o Projeto Reviver (Educação Infantil); Lar de Mirian (abrigo para crianças em situação de risco); Associação Protetora dos Animais; Centro de Apoio à Criança com Câncer, CAAC (casa que acolhe crianças e adolescentes que fazem tratamento e não tem onde ficar). Os adolescentes optam por um ou mais locais a serem visitados. As saídas do Colégio são feitas no turno inverso da aula, mediante autorização dos pais e com o acompanhamento da professora responsável. Os custos de locomoção são de responsabilidade de cada um, por meio de transporte coletivo. Todos devem estar identificados com o uniforme do Colégio, indo e retornando com a professora responsável. Durante as visitas, os estudantes são orientados a conversar com os profissionais presentes na instituição, a fim de procurar reconhecer habilidades técnicas, afetivas e espirituais necessárias para o seu exercício profissional, além de traçar um panorama das exigências do mercado de trabalho para a atuação do profissional entrevistado. O Projeto Olhares oportuniza ainda experimentar o convívio com a diversidade de pessoas, gerações e de lugares, possibilitando a vivência de valores da educação franciscana (alegria, cortesia, respeito, espiritualidade, reverência, dentre outros). Durante as visitas, por meio de fotografias, filmagens, gravações, áudio ou outros formatos, registram as informações e vivências. A divulgação do trabalho segue as orientações de cada instituição e a legislação, com aten-





ção à autorização das instituições e dos visitados para mostrar os momentos mais significativos. No retorno às aulas, após as visitas, os adolescentes partilham suas impressões e as relatam quanto às mudanças de olhar que as experiências oportunizam, no que se refere à escolha profissional. **RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Dos setenta e três adolescentes que estudaram na terceira série do Ensino Médio, durante o ano de 2014, participaram das visitas quarenta e cinco estudantes, distribuídos nas instituições escolhidas. Na socialização, após as visitas, os estudantes indicaram que: “a visita ao Projeto Reviver, atendido e mantido pelo Colégio Franciscano Sant’Anna, foi muito importante para a melhoria das minhas atitudes diante da sociedade. Passei a entender que é importante exercitar a solidariedade. Experimentei o impacto benéfico de conviver com pessoas que precisam de apoio, não necessariamente financeiro, mas sim emocional. Pretendo seguir a carreira militar, e a visita que realizei fortaleceu a minha certeza de que quero ser militar para cuidar do meu próximo” (I. P.). “Ir ao Centro de Apoio à Criança com Câncer onde se vê uma realidade difícil, foi um desafio e também uma lição de vida. Crianças tão pequenas, frágeis e doentes. Mas sempre com um sorriso nos lábios. Lição de vida para todos nós que pensamos ter ‘problemas’. Escolher minha profissão não é algo tão problemático assim” (G. M.). “A visita que fizemos ao Lar de Miriam objetivou nos mostrar o cotidiano dos profissionais que atuam no lugar. Também fez com que eu repensasse as minhas escolhas e reafirmasse algumas coisas que já tinha pensado, traçado como meta para a minha vida. Quando visitei o lar eu estava convicta de que





minha futura profissão seria Psicologia, mas não havia pensado ainda no lugar em que gostaria de atuar. Após a visita, vendo a atuação de um psicólogo no cotidiano do lar, entendi que a Psicologia Jurídica era a minha meta. Desta forma eu poderia ajudar crianças como aquelas a ganhar uma casa e uma família, através da adoção. Portanto, a visita ao lar me fez querer algo para minha vida em que eu nunca havia pensado e me fez ver que a minha profissão seria extremamente gratificante” (N. C.). Os alunos demonstram grande interesse em obter mais informações sobre a realidade do mercado, na visualização concreta dos profissionais atuando nos seus ambientes de trabalho, motivando-os ao conhecimento da função de cada um deles. Desse modo, foi possível reconstruir relações consigo, com o outro e com o meio, na busca da construção de um projeto de vida autenticamente franciscano e feliz.

Palavras-chave: Autoconhecimento. Cidadania. Mercado de trabalho. Escolha profissional.

REFERÊNCIAS

CAMARGO, L. **Orientação profissional:** uma experiência psicodramática. São Paulo: Ágora, 2006.

MERINO, J. A. **Humanismo Franciscano:** franciscanismo e mundo atual. Petrópolis, RJ: FFB, 1999.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo.** Tradução Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2005.



PRIMI, R. et al. Desenvolvimento de um inventário de levantamento das dificuldades da decisão profissional. **Revista Psicologia Reflexão e Crítica**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 451-463, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v13n3/v13n3a13.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2014.





SÃO FRANCISCO PARA OS PEQUENOS

Elsbeth Léia Spode Becker

Centro Universitário Franciscano

INTRODUÇÃO: Um dos legados mais consistentes deixado pelo cristianismo medieval foi a filosofia franciscana e dentre os pensadores mais importantes do período destaca-se Francisco de Assis. Seu legado é caracterizado por uma sólida percepção da unidade do mundo e das culturas e no desenvolvimento de um pensamento que aproxima o conhecimento sensível e o conhecimento racional. No mundo contemporâneo, em face das circunstâncias e das transformações da tecnociência¹, alcançamos grandes avanços tecnológicos, mas nos encontramos diante do vazio existencial, terreno fértil para o descuido da vida em todas as suas formas. Neste texto, busca-se evidenciar aspectos da vida de Francisco e seu afeto especial aos animais. Para refletir um pouco mais sobre a tarefa de transpor e construir conhecimento e transcender para além da razão e intuir na esfera humana da sensibilidade e do sentimento na educação, recupera-se o exemplo em Francisco. Para os pequenos, recomenda-se o episódio conhecido como ‘o lobo de Gúbio’, fazendo-nos compreender como é a harmonia dos seres vivos regenerada pelo amor. ‘O lobo de Gúbio’² (RADI, 2012) é um

¹ É um conceito amplamente utilizado para designar o contexto social e tecnológico da ciência no mundo contemporâneo, sustentado por redes materiais e não humanas (HOUAISS, 2009).

² Gúbio era (é) uma pequena comuna (cidade) italiana da região da Úmbria, na província de Perúgia.



episódio, narrado por Celano³, sobre o encontro de Francisco com o lobo que vivia amedrontando os moradores da pequena cidade italiana de Gúbio, encravada entre as montanhas dos Apeninos, na Úmbria, na parte central da Península Itálica. É um dos mais belos contextos da vida do Santo. Menos interessante é saber se o episódio aconteceu de verdade. Mais importante é saber como Francisco viveu a relação de harmonia com todas as criaturas. 'O lobo de Gúbio' é uma história que se assemelha a uma fábula, revelando-se como uma das formas mais interessantes de ensinar a pensar, questionar e compreender o mundo. O mundo de hoje reclama por compreensão e a sociedade necessita buscar os valores fundamentais da vida contidos no cuidado. Na velocidade da evolução científica e com os inúmeros novos paradigmas da tecnociência, pensou-se que a "bagagem" pesava demais e decidiu-se jogar fora tudo o que aparentemente não se usava mais. Os valores fundamentais da vida tornaram-se descartáveis, e a ética individualista passou a imperar soberana, amparada no "globalitarismo do consumismo" (SANTOS, 2003). A compreensão do mundo de hoje perpassa pelo entendimento de suas diferentes formas, de mazes e de possibilidades e, nesse viés, Santos (2003) alertou para a existência de um mundo de 'três globalizações'. A globalização como fábula, que oferece a sensação de facilidades, de consumo e a tecnologia é apresentada como a solução para todos os males. A globalização perversa, que mostra o mundo como ele é, profundamente desigual, desumano e comandado pela concentração da riqueza. E, a globalização possível, da condição

³ Tomás de Celano foi amigo de Francisco e seu principal biógrafo.





humana, de cuidado da vida, de esperança e de solidariedade. Boff (2002) também alerta para a falta de cuidado para com a vida planetária. Afirmar que cuidar é mais do que um ato; é uma atitude de ocupação, de preocupação, de responsabilização e de envolvimento emotivo com o outro. No ideário cristão, em meio a Idade Média, Francisco já despertou o pensamento humano para a consciência planetária e viveu a utopia de encontrar a solidariedade em todos os seres, em todas as coisas e em si mesmo. A consciência planetária é, portanto, transpor e construir conhecimento da razão e transcender para a esfera humana da sensação e do sentimento “visando ao pleno desenvolvimento da pessoa” (BRASIL, 1988, art. 205) e ao cuidado para com a Terra, fazendo-nos compreender como é a harmonia dos seres vivos regenerada pelo amor. **METODOLOGIA:** A metodologia está embasada no estado da arte e na perspectiva da pesquisa qualitativa. As principais obras de referências consultadas remetem aos comentadores da história de Francisco de Assis. **RESULTADOS:** Conta a história⁴ que o lobo de Gúbio não devorava somente animais, mas também agredia os homens, tanto que os cidadãos, por medo, se fechavam em casa, e quando precisavam sair da cidade se armavam como se estivessem em guerra. O medo se tornou tão grande que as pessoas decidiram isolar-se atrás de muros. Francisco foi encontrar o lobo e acalmou-o. O lobo logo percebeu que o Seráfico vivia em amor, então se ergueu, ficou ereto e pousou a sua pata direita sobre a mão de Francisco, dando-lhe assim o sinal de que havia compreendido o pedido e mudou de atitudes. O lobo continuou

⁴ 'O lobo de Gúbio', resumido e adaptado de RADI (2012).





vivendo em Gúbio por mais dois anos, entrando com intimidade nas casas, batendo de porta em porta, para receber o alimento que lhe era oferecido abundantemente, sem jamais fazer mal a ninguém e sem que ninguém lhe fizesse mal. Quando o animal morreu de velhice, os cidadãos ficaram muito tristes, pois a sua presença era para todos a esperança de outro mundo possível. A história, portanto, desenvolve um tema significativo para o mundo de hoje, como o valor humano mais autêntico, do amor, que se opõe à constante sensação de insegurança e de violência generalizada, de 'todos contra todos' e 'de todos contra a natureza'. O resgate de valores essenciais pode garantir a vida no planeta. O ambiente foi gravemente ferido e é necessário, com urgência, reconstruir o equilíbrio que foi destruído. A grande força que pode inverter a tendência atual é a força do amor. Esta é a lição que nos deixou Francisco em seu testemunho de vida e na história do 'lobo de Gúbio'. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A tarefa de transpor e construir conhecimento e transcender para além da razão e intuir na esfera humana da sensibilidade e do sentimento na educação é também da escola. Tirar-nos de uma situação de alienação e de ilusão de que a tecnologia é suficiente para realizar a restauração da harmonia planetária perdida e conduzir-nos para um novo pensamento, embasado na possibilidade de outro mundo, de sensibilidade humana, para a retomada do projeto de cuidar do grande jardim, a Terra. É uma experiência profunda de liberdade, de pensar livremente na condição de sua vida e na condução de uma sociedade fraterna para com todas as criaturas.

Palavras-chave: Esperança. Humanização. Amor.





REFERÊNCIAS

BOFF, L. **Saber cuidar**. Ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes. 2002.

BRASIL. Constituição (1988). República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

RADI, L. **São Francisco para crianças**. Assis: Minerva, 2012.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.





SÃO FRANCISCO VISITA MINHA CASA

Alessandra Madrid

Gabriani Silveira Mota

Janeti Vargas

Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida
gabrianism@gmail.com

INTRODUÇÃO: A obra “Humanismo Franciscano: franciscanismo e o mundo atual” aponta em seu cerne os valores fundamentais à vida humana. Desse modo, a partir de seu estudo, realizou-se o projeto *São Francisco Visita Minha Casa* nas turmas de séries iniciais do Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida. O objetivo primário deste projeto foi incentivar as turmas de 1º, 2º, 3º e 4º anos do Ensino Fundamental a refletirem, junto de suas famílias, sobre os ensinamentos de São Francisco de Assis, buscando, dessa forma, o envolvimento participativo e reflexivo escola-família. Conforme Merino (1999), “[...] o franciscano sabe partilhar não só o material, mas também o espiritual [...]” e, com relação ao objetivo central do projeto, procurou-se mostrar e fazer entender o partilhar de valores franciscanos, fazendo com que as famílias estivessem inseridas no projeto no momento em que cada aluno teria de fazer um momento especial com a família no dia da visita de São Francisco em sua casa, onde cada família e aluno teriam um espaço reservado no diário de bordo para os registros. Por meio deste projeto se buscou fortalecer os valores franciscanos, em um ambiente fraterno e inovador, contribuindo para formar cidadãos capazes



de promoverem a vida e de responderem aos desafios de uma sociedade em transformação. Segundo Morin (2003, p. 99), precisamos preparar mentes para enfrentar as incertezas, que não param de aumentar, levando-as não somente a descobrirem a história incerta e aleatória do Universo, da vida, da humanidade, mas também promover nelas a inteligência estratégica e a aposta em um mundo melhor. Baseado na metodologia Franciscana, centrada no resgate e na promoção da dignidade humana, busca-se com este projeto preparar os educandos desde a idade mais tenra, quando chega ao 1º ano do Ensino Fundamental, para terem a inteligência necessária para enxergar o mundo, a fim de que o educando seja agente transformador no meio no qual está inserido junto a sua família, praticando os valores da fraternidade, espiritualidade franciscana, diálogo entre outros. **METODOLOGIA:** O trabalho foi baseado em apresentar aos docentes de nossa escola razões de vida e esperança, mediante a um saber e uma cultura inspirada na palavra cristã e na missão da Paz e do Bem. Cada professora confeccionou uma capela em MDF com a imagem de São Francisco de Assis, onde foi apresentado às turmas e explicado o projeto que seria desenvolvido, bem como que essa capela estaria em sala de aula e acompanharia o ano escolar de modo a trazer proteção e paz a todos. Foi estabelecido um roteiro no qual cada aluno levaria a Capelinha para casa e teria um termo estipulado junto aos alunos para ficarem com ela. Esta visita de São Francisco à casa dos alunos, motivada junto a eles de forma muito especial, pois cada família já esperava ansiosamente a vez de levá-la; caso alguma família não aceitasse a visita em sua casa por algum mo-





tivo particular, não enviávamos a capela, para não constranger os alunos ou desrespeitar os motivos elencados pela família. No momento em que o aluno levava a capela, junto iria um diário de bordo, no qual o aluno tinha um espaço delimitado em que ele e a família poderiam registrar de forma espontânea e criativa o momento especial da visita de São Francisco de Assis.

RESULTADOS: O desenvolvimento do projeto atingiu aos objetivos propostos, podendo afirmar os resultados positivos deste trabalho por meio dos registros e depoimentos de cada família e alunos, nos quais colocaram a importância da vivência religiosa dentro do lar independente da crença. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** O projeto desenvolveu e estimulou a espiritualidade das famílias junto aos alunos, a fim de promover momentos de orações, os quais foram registrados no diário de bordo.

Palavras-chave: Religiosidade. São Francisco de Assis. Orações.

REFERÊNCIAS

MERINO, J. A. **Humanismo Franciscano:** franciscanismo e o mundo atual. Petrópolis: FFB, 1999.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.





SOU FRANCISCANO: ABRAÇO A VIDA POR INTEIRO

Maria Ana Klein

Lidiane Vieira da Silva

Lourenir Geraldo Nascimento

Colégio Franciscano Santa Rosa de Lima

maklein14@hotmail.com

INTRODUÇÃO: Os processos de aprendizagem são dinâmicos e ocorrem de modo multidimensional, mobilizando tanto dimensões afetivas como cognitivas. Porém a educação escolar tende a supervalorizar os aspectos racionais em detrimento aos aspectos afetivos presentes nos processos educacionais. Dessa forma, o aluno corre o risco de não ser percebido em sua integralidade, nem respeitado como protagonista do seu próprio processo de ensino e aprendizagem. Os bispos latino-americanos e caribenhos nos alertam sobre este aspecto da fragmentação do ser humano quando afirmam: “Dissolve-se a concepção integral do ser humano, sua relação com o mundo e com Deus... surge hoje, com grande força, uma sobrevalorização da subjetividade individual [...]. O individualismo enfraquece os vínculos comunitários e propõe uma radical transformação do tempo e do espaço” (DOCUMENTO DE APARECIDA, 2007, p. 32). Também Morin (2002) disserta sobre a importância de olhar para o ser humano na sua integralidade quando diz: “O homem da racionalidade é também o da afetividade, do mito e do delírio. O homem do trabalho é também o homem



do jogo. O homem empírico é também o homem imaginário. O homem da economia é também o do consumismo” (p. 58). E quando a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em relatório coordenado por Jacques Delors e publicado no ano de 1999, definiu os quatro pilares fundamentais da educação, na sociedade do século XX, que são: aprender a viver com os outros, aprender a ser, aprender a conhecer e aprender a fazer, igualmente quer nos alertar sobre a educação que deve atingir todas as dimensões do ser humano (DELORS, 1999). No intuito de trabalhar especialmente o conteúdo atitudinal na dimensão do “aprender a ser”, elaborou-se no Colégio Franciscano Santa Rosa de Lima um projeto intitulado: “Sou franciscano abraço a vida por inteiro”, envolvendo alunos desde a Educação Infantil até o 4º ano do Ensino Fundamental. Foram estabelecidos como objetivos: estimular a prática da solidariedade e da fraternidade; sensibilizar a comunidade escolar para o valor da vida que deve ser respeitada e abraçada; incorporar na vida os valores da educação franciscana aprendidos na escola. A visão franciscana sobre a vida humana serviu de inspiração porque São Francisco de Assis percebia-se como um ser integrado no ecossistema. Considerava a tudo e a todos como irmãos e irmãs. Para ele, qualquer forma de vida devia ser preservada e respeitada. Com base nesta filosofia franciscana, que está centrada na fraternidade universal e na solidariedade, buscou-se estimular o aluno a cuidar da vida na sua integralidade. Esse cuidado é compreendido como: “o sentimento que torna as pessoas, coisas e situações importantes para nós. Esse sentimento profundo se chama cuidado” (BOFF, 1999, p. 50).





E a consciência do cuidado com a vida nas diversas dimensões deve ajudar a perceber a prioridade do ser humano diante de todas as outras exigências do nosso cotidiano. **METODOLOGIA:** Tudo começou quando conhecemos a história da menina Raíssa Victória, de quatro anos de idade, natural de São Luiz Gonzaga – RS, portadora de uma rara doença de pele chamada Epidermólise Bolhosa. A família dessa criança está buscando recursos financeiros visando ao seu tratamento de saúde no exterior, através da campanha “Para poder abraçar”, que circula pela internet e redes sociais. Primeiramente, as professoras trabalharam com os alunos o livro intitulado: “Vivi pode voar”, de autoria de Perla Santos, que retrata a história da Raíssa de forma lúdica e mágica, com fantasias e sonhos que ajudam a criança a enfrentar situações novas e desafiadoras. O livro também enfatiza que toda criança tem o direito de voar em busca de seus sonhos. O segundo passo do projeto foi a inserção da comunidade escolar na campanha “Para Poder Abraçar”. Os alunos começaram a interessar-se sempre mais pela vida da Raíssa e surgiu a ideia de escrever cartas e mensagens para ela. Também mostraram vontade em auxiliar a família com doações financeiras. Foi então que se preparou uma caixinha para recolher doações em dinheiro. Cada dia um aluno era responsabilizado para cuidar da caixa e passá-la entre os colegas. Foi realizada ainda a venda de objetos e camisetas alusivas à causa e o valor arrecadado também foi integrado na campanha. Outra atividade do projeto aconteceu, no final do ano, quando as crianças encenaram, para toda a comunidade escolar, a história do livro “Vivi pode voar” relacionando-a com o Natal de





Jesus, que veio encarnar-se para dar-nos a Vida. Nessa mesma noite de apresentações ao público, o valor monetário arrecadado foi entregue à família da Raíssa e ressaltou-se o valor da vida e a importância de poder abraçar. Todos os presentes no evento foram convidados a dar um abraço coletivo e incentivados a demonstrar a solidariedade. Dando continuidade ao projeto, promoveu-se um encontro entre os alunos do colégio e pessoas com necessidades especiais no intuito de proporcionar uma integração de saberes e sensibilizar as crianças a valorizar a vida de todos os seres humanos, independente de sua condição física ou intelectual. A etapa seguinte do projeto foi intitulada de “Abraça a Vida na Escola”, na qual alunos maiores foram desafiados a cuidar e ajudar os menores na hora do recreio. Cada dia um grupo era designado como “monitores da Paz e do Bem”. Por ocasião da Páscoa, buscou-se trabalhar o valor da vida animal, vegetal e espiritual. Começando pela vida animal, as crianças tiveram contato direto com um pintinho que foi cuidado, alimentado e estudado pelas turmas durante uma semana. Depois foi dada uma tarefa, para que cada um relatasse ou mostrasse por fotos como cuida da vida do seu bichinho de estimação. Na sequência, foi confeccionada a lembrança de páscoa que consistiu em uma casca de ovo, com orifício, onde foi plantada semente de alpiste. Cada criança ficou responsável de plantar, cuidar e observar a vida vegetal. Para culminar o projeto, trabalhou-se o sentido verdadeiro da Páscoa com o ressurgimento da vida espiritual. Cada criança registrou em um cartão, através de desenho ou texto, qual o significado da Páscoa para sua família e entregou-o para seus pais. A divulgação





do projeto foi feita pela RBS TV e teve grande repercussão na cidade. **RESULTADOS:** Este projeto provocou uma reflexão em toda a comunidade escolar sobre a questão da solidariedade e ajudou a perceber o valor da vida e da saúde humana. Resultou em uma maior integração entre a escola e a família, pois houve um grande envolvimento de toda a comunidade. Destaca-se a motivação dos alunos e sua participação ativa em todas as atividades realizadas. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A vida precisa ser cuidada nas diversas dimensões. Com este trabalho, abranjamos o cuidado com a vida humana, animal e vegetal e percebemos o quanto é importante formarmos a consciência do cuidado para construção de um mundo melhor.

Palavras-chave: Vida. Cuidado. Formação Humana. Integralidade.

REFERÊNCIAS

BOOF, L. **Saber cuidar:** ética do humano, compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

DELORS, J. **Educação um tesouro a descobrir.** 10. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

DOCUMENTO DE APARECIDA. **Texto Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe,** n. 44, Aparecida, SP: Paulinas, 2007.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.





SUSTENTABILIDADE: PRÁTICAS POSSÍVEIS

Cleonice Aparecida de Moraes

Maria Helena Barbosa

Márcia de Souza Jardim

Ronildo Luiz Morra

Colégio Franciscano Nossa Senhora do Carmo

INTRODUÇÃO: O presente projeto tem a pretensão de nos fornecer subsídios práticos e teóricos no que tange a “Cuidar do destino do nosso meio ambiente”, que é responsabilidade de todos. A escola é um lugar favorável à Educação Ambiental pelo fato de ser grande geradora de resíduos. Então, é importante que trabalhem para envolver nossos alunos, pais, educadores e funcionários, para que esta situação seja modificada, formando-se em todos os envolvidos neste processo novos hábitos. Partindo do princípio de que a educação ambiental é um processo longo e contínuo, devemos mudar nossos hábitos e atitudes de maneira espontânea. A Educação Ambiental é muito mais do que conscientizar sobre o lixo, a reciclagem e a poluição. É trabalhar situações que possibilitem à comunidade escolar pensar propostas de intervenção para a realidade que nos cerca. Ela será o elo entre todas as disciplinas, de modo que favorecerá a valorização da vida e, conseqüentemente, do meio ambiente. Nesse viés, este trabalho interdisciplinar visa discutir os temas: sustentabilidade, meio ambiente e consumo, na Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio, do Colégio Franciscano Nossa Senhora do Carmo. Vale ressal-



tar que a inspiração para a confecção deste trabalho se deu a partir de uma prática já existente no colégio, por meio de um docente: o professor Ronildo Morra, o “Tê”, que desenvolve um trabalho fazendo a coleta, separação e venda de materiais recicláveis a mais de vinte anos. Um trabalho que se pode dizer de “formiguinha”, mas tem um efeito positivo no colégio e no município de Guaíra. Este exemplo prático nos serviu como reflexão para pensarmos e repensarmos nossas práticas pedagógicas e propormos por meio de leituras, debates e discussões mudanças e atitudes que nos levem a agir sobre o ambiente em que vivemos, a atuar sobre ele de maneira positiva, sustentável. O meio ambiente é concebido aqui não somente como um espaço físico e biológico, mas também dinâmico, que inclui relações sociais, econômicas e culturais. Para isso, pretende-se trabalhar os conteúdos integrados, explorando todos os ângulos possíveis, de modo a incluir na educação debates sobre a sustentabilidade e cooperação, a fim de ampliar o conceito para além das fronteiras ambientais, articulando para uma educação voltada para a sustentabilidade. Parte-se do pressuposto de que é somente em um processo de educação e cooperação que se podem criar novas mentes e novos corações, capazes de fazer e propor mudanças, que nos levem a construir um planeta mais viável para as futuras gerações. Nesse viés, a proposta está em consonância com o pensamento de Edgar Morin, quando ele chama a atenção para a necessidade de cuidarmos da nossa pátria. No seu livro, os Sete Saberes para a Educação do Futuro, especificamente no 4º saber, o autor trata da “Identidade Terrena”, e alerta para a necessidade de cuidarmos da





Terra, pois a nossa identidade está ligada à ideia de sustentabilidade. “Precisamos ensinar que a Terra é um pequeno planeta que precisa ser sustentado a qualquer custo” (MORIN, 2001, p. 38). **METODOLOGIA:** Inicialmente, será apresentado o projeto para os alunos e a comunidade escolar. As ações se concentrarão no colégio, com a sensibilização dos alunos referentes ao tema sustentabilidade, e as suas relações com o mundo, com o planeta terra. Para isso, serão propostas palestras e debates com os alunos do Ensino Médio, Ensino Fundamental I e II e Educação Infantil. Em seguida serão propostas confecção de painéis, produção de textos e representações teatrais referentes ao tema. Apoiadas nos conteúdos trabalhados em sala de aula e a partir da aprendizagem do tema espera-se: produzir textos e histórias utilizando assuntos e dados sobre as questões ambientais. **RESULTADOS:** Espera-se deste trabalho resultados como: desenvolvimento de atitudes diárias de respeito ao ambiente e à sustentabilidade por parte dos alunos; Deseja-se estimular a mudança na prática, de atitudes e a formação de novos hábitos com relação à utilização dos recursos naturais; Favorecer a reflexão sobre a responsabilidade ética de nossa espécie e planeta para garantir um ambiente sustentável; Participação de ações sociais que resgatem valores humanos como respeito pela vida, responsabilidade, solidariedade, amizade e ética; Implantação de práticas sustentáveis na escola; Envolvimento da comunidade escolar e família neste processo de relações fraternas e preservação do meio ambiente; Promover entre a equipe pedagógica e os funcionários atitudes sustentáveis no coletivo e individual e a ação coerente com seus





ideais; Conhecer a realidade da sala de aula e pátio da escola para busca coletiva de soluções (desperdício ou economia de papel, destino correto do lixo, torneiras abertas ou fechadas, lanche saudável ou prejudicial à saúde, preservação das árvores ou destruição, etc.). **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Atualmente, o professor Ronildo Morra faz a coleta de materiais recicláveis (sacolas plásticas, garrafa PETs e outros) com a ajuda dos alunos do treino de futsal. O incentivo para participação é o recebimento de cupons para concorrer a sorteios (bicicletas, DVDs, máquinas fotográficas, celulares) patrocinados pelo comércio local. São realizados dois sorteios por ano. O professor usa os materiais para angariar fundos financeiros que são revertidos totalmente para a manutenção de seus atletas, como: compra de bolas, de uniformes, pagamento de transporte para se locomover nos campeonatos dos quais participa. Por meio deste trabalho pretende ampliar o volume das coletas a ser realizadas pelos alunos e comunidade escolar; desenvolver uma parceria com empresas de reciclagem ou até mesmo com a Secretaria Municipal do meio ambiente para a venda dos produtos coletados. Os recursos adquiridos podem ser utilizados em alguma ação social solidária a ser definida.

Palavras-chave: Sustentabilidade e consumo. Educação e meio ambiente. Homem e natureza.

REFERÊNCIAS

FRANCO, M. A. R. **Planejamento ambiental para a cidade sustentável.** São Paulo: Annablume: APESP, 2000.





MESQUITA, O. V.; SILVA, S. T. (Coords.). **Geografia e questão ambiental**. Rio de Janeiro: IBGE, 1993.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 3. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.





TRABALHANDO AFETIVIDADE NO CONTEXTO DO TEATRO

Erivaldo Pereira da Silva

Escola Franciscana Nossa Senhora de Fátima

INTRODUÇÃO: O nosso objetivo, por meio deste trabalho, é elucidar as ideias existentes acerca do conceito de afetividade na escola. Tal conceito não é muito difícil de ser explicado, pois se envolve no campo da Psicologia da Educação, com uma maior divulgação das ideias de Vygotsky. Configura-se uma visão essencialmente social para o processo de aprendizagem, na perspectiva histórico-cultural, mostrando que o enfoque está nas relações sociais. A partir da interação com outros, a criança incorpora os instrumentos culturais. Vygotsky (1994), ao destacar a importância das interações sociais, traz a ideia da mediação e da internalização como aspectos fundamentais para a aprendizagem, defendendo que a construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas. Portanto, é a partir de sua inserção na cultura que a criança, por meio da interação social com as pessoas que a rodeiam, vai se desenvolvendo. Apropriando-se das práticas culturalmente estabelecidas, ela vai evoluindo das formas elementares de pensamento para formas mais abstratas, que a ajudarão a conhecer e controlar a realidade. Nesse viés, Vygotsky (1994) destaca a importância do outro não só no processo de construção do conhecimento, mas também de constituição do próprio sujeito e de suas formas de agir. A afeti-



vidade simples se manifesta em expressões motoras, a qual vai evoluir para o comportamento mais complexo, mais tarde a comunicação se diversifica a partir da linguagem, suprimindo em parte a sensibilidade orgânica pela sensibilidade oral, e assim a linguagem vai cada vez mais desenvolvendo a sensibilidade da criança, tornando a comunicação oral uma forte relação de negociação consigo mesma. A afetividade, na educação infantil, estende-se às etapas evolutivas, sendo a primeira ligada à base orgânica refletida no bem-estar ou mal-estar, com início no estágio de impulso próprio, nos primeiros dias de vida do bebê. Com a influência do meio, a afetividade orgânica se manifesta em gestos simples, transformando-se em meios de expressão diferenciados refletidos no período emocional. Vê-se assim que a criança ao estar inserida na escola pode demonstrar essa afetividade a partir de atividades lúdicas como o teatro em que ela se expressa de uma maneira lúdica e introspectiva. O teatro estimula e permite a criatividade, a busca de soluções e novos caminhos. Outro fator importante refere-se às atividades teatrais, uma vez que elas permitem maior uso no desenvolvimento do corpo e do raciocínio com rapidez. Percebe-se que as atividades teatrais fortalecem a autoestima da criança, desenvolvem o seu vocabulário e a sociabilidade com colegas e professores. O teatro torna-se uma atividade indispensável no desenvolvimento da criança desde o maternal. **METODOLOGIA:** Toda a atividade relacionada com o Teatro na escola vem de um trabalho interdisciplinar voltado para o desenvolvimento da criança. A atividade teatral é um momento lúdico, realizado no contexto escolar, que leva a criança ao mundo da imaginação, ao so-





nho, a partir da literatura infantil na hora do conto. O espaço apresenta vestimentas, objetos de uso pessoal, nele a criança idealiza sua fantasia a partir do personagem apresentado na história, bem como aquele que ela queira representar. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** As atividades artísticas, que mobilizam e integram as dimensões afetivas, cognitivas, sociais e motoras, impulsionam o desenvolvimento da criança. Promovem a criatividade e a sensibilidade, tão necessárias à vida em uma sociedade saudável e à própria construção das identidades. Ao longo dessa atividade, percebeu-se o quanto ela se torna importante para a criatividade, espontaneidade dessa criança. Deve ficar claro que depende da afetividade do professor, para que o aprendizado da criança seja efetivo. Na realidade, o professor, com sua compreensão e participação, passa ser um sujeito que faz parte da história pessoal de cada criança, e não apenas um mero transmissor de conhecimento. Logo, a partir da interação entre a criança, o professor e de outras crianças, estabelecem-se as afinidades ou afetividade. Com essas atividades teatrais, o professor elimina ou diminui o fator da falta de sociabilização, da timidez da criança, o que poderá prejudicá-la no decorrer da aprendizagem. Essa relação educativa do professor é a maior e pura demonstração de amor, carinho e profissionalismo, na forma da afetividade às crianças nessa faixa etária.

Palavras-chave: Afetividade. Educação. Teatro.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, M. E. **Teatro na escola e caminhos de desenvolvimento humano:** processos afetivos cognitivos de adolescen-





tes. 2010. 256 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

SANT'ANA LOOS, R. S.; LOOS SANT'ANA, H. **Afetividade ampliada um sistema teórico que busca dar sentido à esperança no que nos faz humanos.** Curitiba: Juruá, 2013.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.





VIDA NO PLANETA TERRA E VIDA NO PLANETA HOMEM: UMA SIMBIOSE SAUDÁVEL

Janeti Cardoso Vargas

Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida

INTRODUÇÃO: Entendemos que por meio do Projeto Pedagógico Vida no Planeta Terra e Vida no Planeta Homem: uma simbiose saudável, em sua metodologia, tem-se a preocupação de contemplar questões relacionadas ao lixo produzido na escola e no lugar onde o aluno vive, de forma que possa participar e estabelecer relações, interagir, transformar, reelaborar e agir em seu meio e em outras realidades. Partimos do pressuposto de que geralmente a criança desenvolve com mais sensibilidade o gosto e o amor pela natureza, já no adulto, muitas vezes, é preciso desenvolver o respeito a ações. Há a necessidade de conciliar a teoria com a prática no dia a dia, garantindo, assim, o futuro da humanidade. O conhecimento precisa ser edificado sobre uma perspectiva educativa que inclua e incentive a busca criativa do professor e do estudante a horizontes de múltiplas análises e interpretações do mundo. De acordo com Morin (1995), ter conhecimento é ter uma cabeça bem-feita, e não uma cabeça cheia. Ou seja, de nada adianta termos inúmeras informações na cabeça, se não soubermos processá-las, discerni-las e compreendê-las. O Projeto *O Lixo Pode Virar Vida?* faz-se necessário para colocar em prática, no dia a dia dos alunos da escola e da comunidade, a mudança de hábito tão danoso ao meio ambiente em relação à má utilização dos recursos



naturais e descarte incorreto do lixo. É de grande importância e interesse pedagógico a implantação desse projeto ambiental, pois, a partir da conscientização das crianças para os problemas que envolvem o lixo produzido na escola e no lugar onde moram, acreditamos que elas serão o melhor veículo multiplicador. Com a implantação do projeto, pretende-se que toda a comunidade passe a ter consciência da necessidade sobre a seleção do lixo. A educação deve contribuir para ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver e ensinar como se torna cidadão. O autor afirma que um cidadão é definido em uma democracia, por sua solidariedade e responsabilidade em relação a sua pátria (MORIN, 1995, p. 65). **METODOLOGIA:** Precisamos também estender a noção de cidadania, a identidade nacional, a identidade continental e a identidade planetária, tendo como fundamentação as atividades realizadas. As atividades desenvolvidas no projeto referem-se ao estudo e interpretação do texto: *O Planetinha*; elaboração de um livrinho sobre a Criação; confecção de um álbum sobre o Cântico das Criaturas; estudo sobre a Terra – necessidade urgente – o lixo; palestra com a aluna Marcele (6ª série) sobre a marca criada para a semana do Meio Ambiente; apresentação de slides sobre o conteúdo do Projeto – Lixo; reunião com os pais para realizarem a pesquisa; visita à Central de Triagem e à Estação de Transbordo do Município; exposição de trabalhos construídos com sucata pelos alunos junto da família; confecção junto dos pais de uma casa de madeira e caixas de leite. **RESULTADOS:** Os resultados foram satisfatórios, uma vez que os alunos participaram e tiveram a consciência da importância da reciclagem do lixo para o





bem-estar da comunidade. A participação dos pais e o apoio da Direção da escola foram de relevância para os objetivos serem atingidos. Meio ambiente, ao contrário do que muita gente pensa, não é só natureza. Além das árvores, dos rios, das praias, do mar, do ar que nós respiramos, o meio ambiente também é nossa rua, nossa casa, nosso corpo e as relações que temos com as pessoas. Por isso é necessário que a escola trate de questões que interferem na vida dos alunos e com as quais se veem confrontados no dia a dia. O lixo pode virar vida se as pessoas se conscientizarem que os *3r*: *redução, reutilização e reciclagem* são fundamentais para melhorar a vida de todos os seres do Planeta.

Palavras-chave: Homem. Planeta. Vida.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. de S. **Curso de elaboração de projetos ambientais.** CENED, 2009.

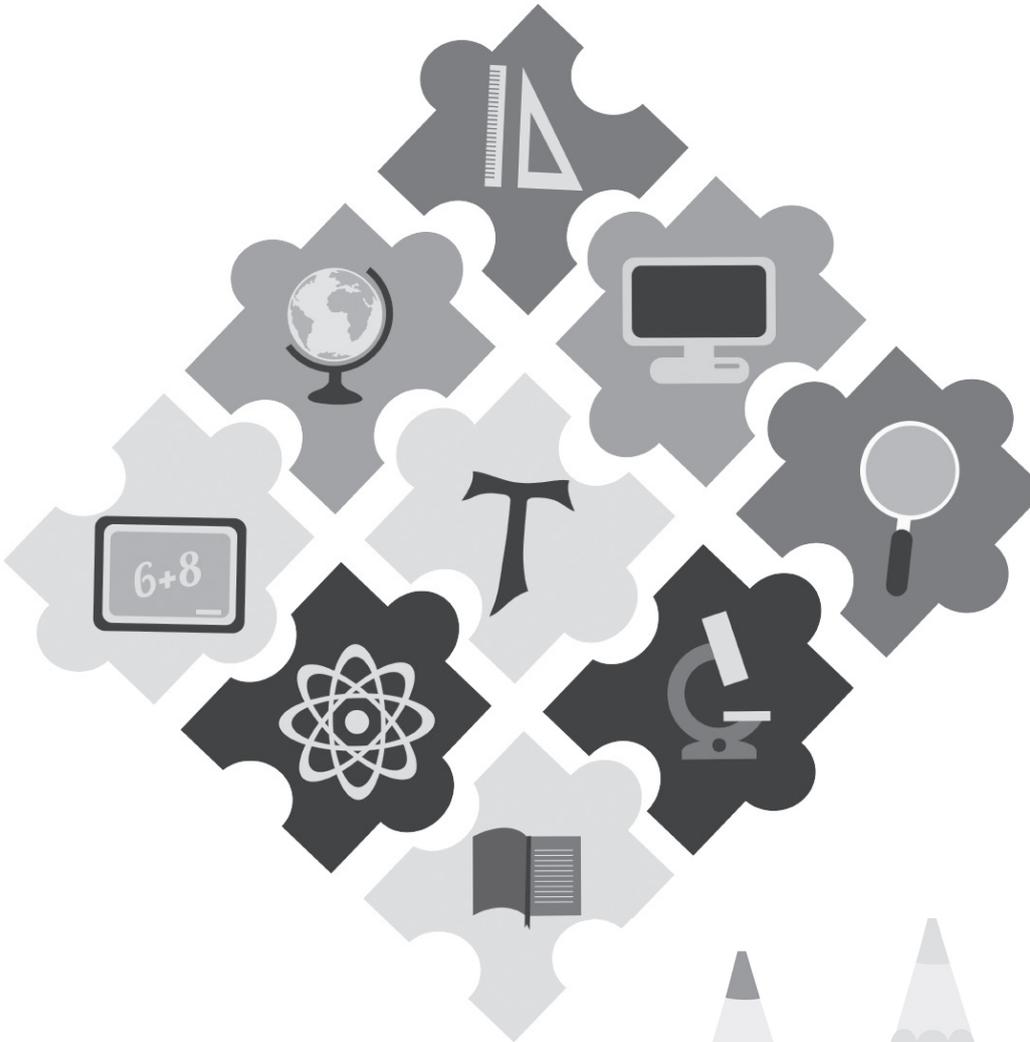
MORIN, E. **A cabeça bem-feita.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

NÓVOA, A. **Professores:** imagens do futuro presente. Lisboa: EDUCA, 2009.

SILVA, H. H. da. **O lixo que virou vida.** Curso Elaboração de Projetos Ambientais – CENED, 2009. Disponível em: <<http://sheilaluiza.wordpress.com/fotografia>>. Acesso em: 17 mar. 2015.



PAINEL





EDUCAÇÃO FRANCISCANA: PROPOSTAS E PERSPECTIVAS PARA A INTEGRALIDADE DOS SABERES¹

Prof. Dr. Márcio Paulo Cenci²

Prof^a. M.^a Mitieli Seixas da Silva

Prof^a. M.^a Paula Simone Bolzan Jardim

Propomos um painel com as principais ideias que foram discutidas a partir do congresso, das atividades de leituras e preparação, espaços de diálogos, conferências e as confraternizações. Focamos a nossa atenção tanto nas propostas quanto nas perspectivas que as ideias contêm. Essa é a nossa percepção, a qual queremos compartilhar.

Iniciaremos com a colocação do problema da educação em relação à formação humana e cidadã; passaremos a uma reflexão sobre o fazer do professor em relação à integralidade dos saberes; e, por fim, pretendemos mostrar como se conectam algumas intuições sobre a integralidade dos saberes com a educação franciscana.

A CRISE NA EDUCAÇÃO: VALORES PARA QUÊ?

Quando falamos em educação de valores duas questões surgem de imediato. Em primeiro lugar, questiona-se *por que* é necessário que a educação se ocupe, além de todos os

¹ Painel desenvolvido no 6º Congresso Nacional das Escolas Franciscanas, Santa Maria, RS, 2015.

² Professores do Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, RS.



conteúdos, também da formação humana dos indivíduos? Essa é a pergunta pela *justificação* de uma educação para valores. Em segundo lugar, se aceitamos a justificação oferecida para a primeira questão, resta saber de quais valores, afinal, estamos falando.

No que concerne à pergunta sobre a justificação, pode-se assumir uma postura *niilista*, isto é, de pura negação do universo valorativo. Essa é a postura daquele que diz que a dimensão humana não é importante ou, ao menos, que ela é dispensável³. No entanto, essa não é a única resposta possível. Em 2010, a filósofa norte-americana Martha Nussbaum, professora da Faculdade de Direito da Universidade de Chicago, causou reações adversas na comunidade acadêmica ao publicar um livro, chamado *Not for profit* (em uma tradução livre, *Não pelo lucro*), no qual defendia, entre outras coisas, a tese de que uma educação para valores é não apenas desejável, mas também necessária.

Vejamos, então, muito brevemente, quais são os argumentos de Nussbaum para afirmar essa tese. Em primeiro lugar, a filósofa denuncia uma crise mundial na educação. Essa crise apareceria, por exemplo, no modo como os recursos públicos são distribuídos ao redor do mundo, no descaso de algumas instituições de ensino com departamentos considerados “menos prestigiados” por serem da área de educação⁴, na falta de compreensão do papel da educação para o desenvolvimen-

³ Não por acaso na conferência de abertura *O imperativo ético da Educação do 6º Congresso*, nós vimos tanto o Prof. Dr. Marcos Alexandre Alves quanto o Prof. Dr. Ricardo Timm colocarem o problema da crise de nossos tempos.

⁴ A palestra da Profa. Dra. Leonor Bezerra Guerra sobre neurociência foi um exemplo de como educação e tecnologia devem andar de mãos dadas, assim como a Oficina *A pesquisa sobre aprendizagem e transtorno de leitura* dos pesquisadores do InsCer, PhD Augusto Buchweitz e Dra. Adriana Costa.





to da imaginação⁵, no modo como muitos pais não veem com bons olhos quando, por exemplo, um filho ou filha decide optar por uma profissão “não lucrativa” etc. Todo esse quadro colocaria a educação em uma situação de crise: educar, em nossos tempos, não seria formar pessoas (na acepção mais ampla dessa palavra), mas formar técnicos capazes de operar máquinas, técnicos capazes de ler prognósticos financeiros e gerar lucros para as empresas, técnicos capazes de tomar decisões impessoais. Aqui é importante pontuar uma sutileza: a crise na educação não significa que as pessoas não valorizem a educação, ela significa que, em geral, tem-se uma visão limitativa dela ao se considerar que o objetivo mesmo da educação é submeter-se à lógica do mercado.

Mas, por que a educação para o lucro é limitativa ou problemática? Em primeiro lugar, ela é limitativa, pois ignora uma longa tradição de compreensão da educação como envolvendo uma *integralidade* dos saberes⁶. Não precisamos ir muito longe na história para entendermos o lugar dessa tradição, basta uma olhada rápida na *Declaração dos Direitos Humanos* de 1948, para vermos a importância dessa perspectiva, uma vez que, no artigo 26, lemos:

A educação deve servir para o desenvolvimento completo da personalidade humana e para o fortalecimento do respeito aos direitos humanos e liberdades fundamentais. Ela deve promover o entendimento, a tolerância e a amizade entre as nações, grupos raciais ou religiosos.

⁵ As Oficinas que versaram sobre o ensino de artes (*Ensino de Artes: a escultura e possíveis abordagens metodológicas* e *A arte integrando saberes*) durante o Congresso mostraram justamente o contrário. Do mesmo modo, a Oficina *A experiência da integralidade pela prática do Yoga e da dança* pretendeu nos lembrar que o corpo também faz parte do movimento em direção do estímulo de nossa imaginação.

⁶ Nesse viés, podemos ver a Oficina *Espiritualidade franciscana e integralidade do ser* como ‘levantando a bandeira’ dessa outra perspectiva.





Também no artigo 27 dessa mesma *Declaração*, encontramos: “1.Toda a pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam.”⁷

Em segundo lugar, a perspectiva que coloca o objetivo da educação em garantir o *lucro* é problemática porque, segundo Nussbaum, coloca em risco a própria *democracia*. E aqui, a resposta à questão da justificação encontra-se com a resposta à segunda questão que colocamos no início de nossa reflexão: a educação para valores é importante porque só ela pode garantir a sobrevivência da democracia. Segundo Nussbaum, para que as próprias democracias contemporâneas sobrevivam aos nossos tempos de turbulência econômica e religiosa, é preciso que seus cidadãos compartilhem certas *características morais*. É claro, aqui será importante pensar em *quais* são essas características morais. São elas: i) a capacidade de ver o mundo do ponto de vista dos outros (empatia); ii) a abertura para o conhecimento de grupos aos quais não se pertence (reconhecimento); iii) o desenvolvimento do senso de responsabilidade⁸ e; iv) a capacidade de pensamento crítico⁹. Essas quatro características são importantes porque, se os cidadãos, em seu conjunto, não sejam capazes de se colocar no lugar dos outros (empatia), não tenham abertura para com aqueles que são diferentes (re-

⁷ As Oficinas *O cérebro do avesso* e *O admirável mundo da nanociência* buscaram integrar o progresso científico alcançado na universidade com a formação dos professores da rede franciscana.

⁸ A responsabilidade foi tema presente nas Oficinas *Ética e educação – os valores franciscanos na formação humana* e *Ética e segurança na internet – educando para a cidadania digital*.

⁹ Nas Oficinas e propostas de trabalho apresentadas durante o 6º Congresso, tivemos a oportunidade de ver essas quatro características sendo exploradas.





conhecimento), não assumam seus atos (senso de responsabilidade) e não tenham a capacidade de pensamento crítico, não é possível imaginar uma sociedade que possa viver em *paz*.

Assim, se aceitarmos o desafio de uma educação para valores como colocado pela filósofa norte-americana, poderemos ter uma chave de leitura para o papel a cumprir por uma educação franciscana. Essa é a nossa aposta.

PERSPECTIVAS PRESENTES ÀS PRÁTICAS EDUCATIVAS FRANCISCANAS

Werner Jaeger, no famoso texto *Paideia*¹⁰ – sobre a educação como formação, sugeria que os conceitos de ensino e aprendizagem se sustentavam em duas premissas: “1. a existência de uma ordem imutável do mundo subjacente a toda diversidade superficial da experiência humana; 2. a vigência de leis eternas que regem a natureza humana.”¹¹

Bauman no texto ‘44 cartas sobre a Modernidade Líquida’ sugere que

a primeira justificou a necessidade e os benefícios da transmissão do conhecimento dos professores para os alunos. A segunda incutiu nos **professores a autoconfiança** necessária para insistir na validade atemporal do modelo que desejavam ver seguido e imitado por seus alunos.¹²

¹⁰ Jaeger, Werner. *Paideia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1979, 1343 p.

¹¹ Bauman, Zygmunt. *44 cartas do mundo líquido moderno*. Tradução de Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 114.

¹² Bauman, Zygmunt. *44 cartas do mundo líquido moderno*. Tradução de Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 114.





Em sua conferência, Ricardo Timm concordou com essa análise, mas avançou para uma desconstrução dessas premissas. Sugeriu fortemente que a categoria da temporalidade e da razão emocional – o superficial da experiência humana – pudessem compor premissas mais ajustadas ao nosso mundo.

As atividades de colaboração deste Congresso sugeriram, na prática, que essas premissas já não são e nem devem ser as únicas. Sem negar, esse congresso mostra que devemos **ampliá-las**. E essa ampliação é orientada pela educação franciscana. Essa ampliação tem sua origem na prática educativa franciscana. E é evidenciada em três premissas ‘coletadas’ nas atividades do Congresso.

1. O mundo é o campo da experiência concreta. A atividade educativa não é somente um treinamento e um jogo de símbolos abstratos. Ela é uma prática acerca do mundo. O mundo me faz sair da zona de conforto.

Os olhares para o mercado de trabalho sugerem uma ligação do que se aprende nos muros das escolas com a vida. Fora dos muros se nota, e não há como fugir, que os saberes estão integrados. O mundo é o modelo da integralidade dos saberes. Não só na prática efetiva da profissão, mas também nas ações cotidianas. Nesse viés, não se deve procurar separar aquilo que no mundo vivido está unido.

Ora, é na experiência concreta que encontramos também o elemento motivador, energizador, para a prática educativa. Essa pode ser a experimentação, por exemplo, que o Nóvoa sugere e é coerente com os aspectos mais fundamentais da educação franciscana.





O mundo é também tema de conhecimento científico. E aqui nos deparamos com um dos enfoques escolhidos para este Congresso, que é a produção das neurociências, materializado em uma oficina e em uma das conferências ministradas pela professora Leonor Guerra, da FURG – RS. Curiosamente, este campo tem sido pesquisado por uma das proponentes do *Painel*, profa. Paula Jardim, a partir de uma etnografia realizada junto a um grupo de neurocientistas. O que se discute nesse campo são as formas de tradução desses conhecimentos que são produzidos a partir de várias metodologias. De maneira geral, os cientistas têm se esforçado para se comunicar com as diversas mídias, mas apontam problemas de interpretação e entendimento. É interessante salientar a preocupação em ouvir uma neurocientista neste evento. A Dra. Leonor afirma *‘A neurociência contribui para o entendimento do processo de aprendizagem e desenvolvimento dos indivíduos’*, mas visto que toda a ciência é *limitada*, a neurociência é somente uma forma – dentre muitas outras – que pode e deve estar à nossa disposição no processo contínuo de compreensão do mundo. Assim, aproveitar seu potencial em conjunto com as outras esferas do saber pode contribuir para aprofundar a complexidade do processo educacional.

2. A prática educativa é marcada por relações de pessoas: com a tradição; com a sociedade e o mercado de trabalho, a saber, o mundo; com a natureza – desde o macro até o nano – como dádivas do Criador. Nesse caso, em específico, é importante considerar a experiência, por exemplo, de arte com o lixo reciclado: a diversão com a casinha construída a par-





tir do descartável. Isso talvez crie um novo sentido às coisas do mundo. Tudo isso pode fazer sugerir um mundo onde a natureza não está apenas para *mim*: um mundo onde *nós* e a *natureza* estejamos em contínua relação. Além disso, nota-se a relação com o transcendente – encontro ininterrupto entre pessoas, humanos singulares, a saber, professores, alunos, pais, mães.

3. Uma força sensível, de ternura, orienta as relações para constituir as experiências educativas. Em nossas práticas, além das verdades 1, são consideradas as verdades 2, como a classificação de Timm. A premissa está baseada em experiências que produzem as condições de conhecimento de si para que se saiba o *que* e *como* usar dos conhecimentos disponíveis. Sem se autoboicotar, nem criar condições em que o estresse exagerado limite o desenvolvimento das potencialidades.

Essas premissas nos conduzem, primeiro, a esta conclusão:

A educação franciscana é otimista. Ou seja, a educação franciscana não pode ser considerada como pessimista, no que se refere a negar a possibilidade de ação. A crise motiva a crítica, não é respectiva a qualquer tipo de estagnação. Ela exige dinâmica e movimento. Esse movimento nos energiza. Contudo, cabe salientar: o otimismo franciscano não é ingênuo. Ele carrega um tipo de certeza de que a nossa ação deve ser pensada reflexivamente a partir do mundo da vida, ou seja, dos nossos encontros diários com nossos alunos, com os colegas e professores, com a natureza, com o próprio eu, com Deus e nossa espiritualidade. Essa ação é de caráter propositivo. Isso se notou nas apresentações de trabalhos: mostraram ações como respostas efetivas ao mundo da vida. Ela implica oportunizar



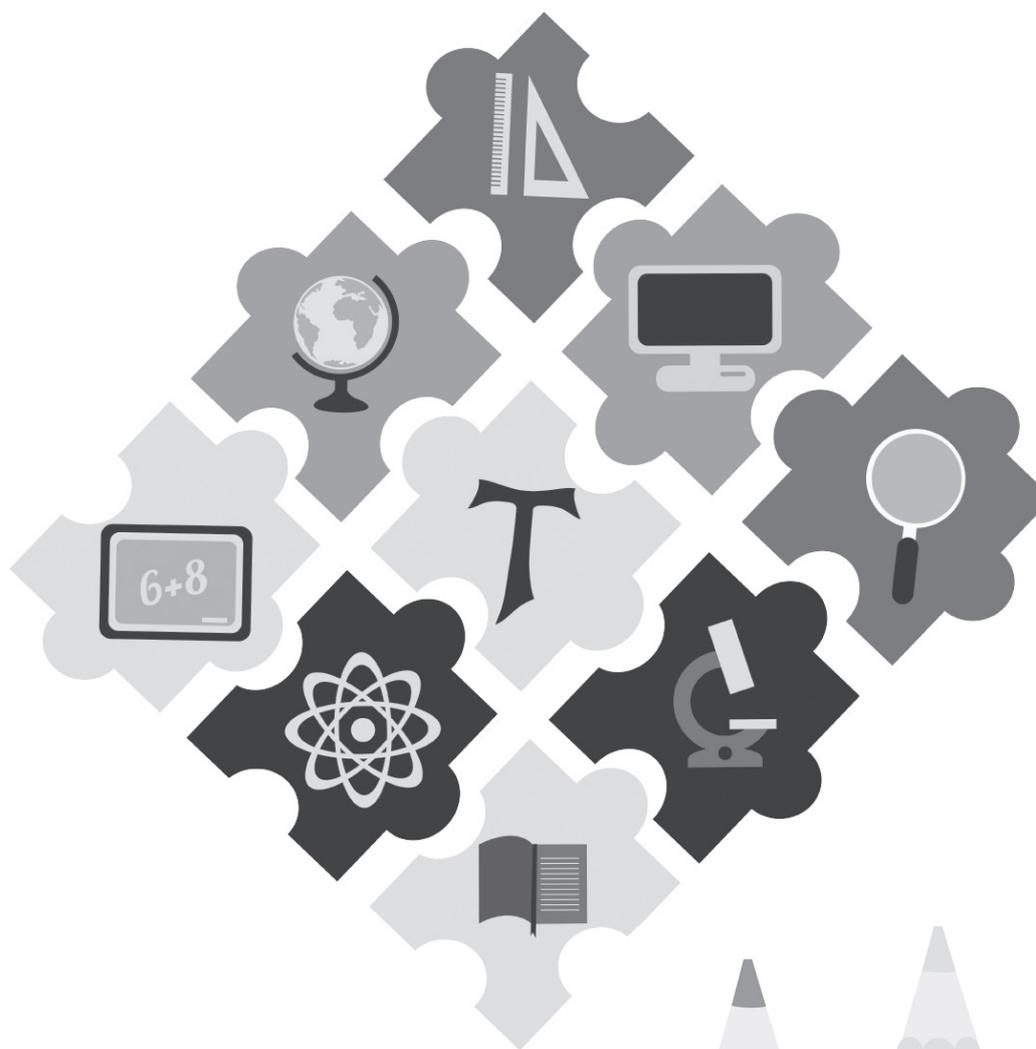


escolhas reais (não só formais) de experiências com o outro. Ela tem de proporcionar a vivência de valores: a experiência concreta é fundamental. O que é mais forte é o interesse no que gera vida. Estudar não só pelo peso da nota, mas também conhecer para a vida. Essa necessidade é evidente quando se sai das instituições de ensino.

Disso se chega a outra conclusão: **A experiência educativa franciscana é um projeto.** A conexão entre teoria e prática é realizada quando se consideram os temas do cotidiano. Fazer com que os alunos tenham a experiência de ensinar os outros torna o conhecimento algo contínuo e encarnado.



APRENDIZADO E DESAFIOS DO CONGRESSO 2015





AS ESCOLAS COM A PALAVRA: DESAFIOS E APRENDIZAGENS ORIGINADAS DO CONGRESSO – UM RELATO

Márcio Paulo Cenci
Mitieli Seixas

Introdução

Um dos elementos fundamentais da educação franciscana é a necessidade da efetivação, na prática, do que é aprendido. É uma exigência que haja um movimento desde a preparação ao Congresso, a participação efetiva, os diálogos, enfim, as relações estabelecidas, o conhecimento compartilhado, até o retorno e a efetivação de atitudes renovadas. Essa efetivação das atitudes é o que se chamou de desafio. Na sequência, cada instituição de ensino, desde o Ensino Fundamental até o Superior, assumiu, mediante seus educadores presentes, desafios e compartilhou o que foi aprendido. Passamos a um relato sobre os desafios e aprendizagens apresentados pelos educadores das escolas.

Aprendizagens e desafios expressos pelos educadores

A **Escola de Ensino Fundamental São Francisco de Assis** aponta que o Congresso Franciscano em sua 6ª edição oportunizou aos presentes vivenciar o espírito Franciscano, pelo contato e proximidade, com a troca de experiências (diálogos) entre



as escolas integrantes da SCALIFRA-ZN. Oportunizou também ampliar conhecimentos e a visão de mundo. Como resultado, o trabalhar com projeto é a condição para que a integralidade dos saberes ocorra e para que a qualidade das relações se aprimore. E com relação ao aprendizado com os projetos das escolas, há o desafio de ampliá-los em nossas escolas, diante das estruturas curriculares existentes nos seus diversos sentidos.

A máxima lembrada pela **Escola Franciscana Imaculada Conceição** foi: Ternura e Vigor. O dever que norteia a educação franciscana e o ideal de Madre Madalena estiveram presentes nesses dias de nosso encontro. Palestrantes, em diferentes ocasiões e com linguagens próprias de suas áreas, ratificaram a ideia de que ensinar com ternura, com proximidade do educando traz resultados surpreendentes. Ensinar com sentimento é a mensagem implícita. Por outro lado, a razão traduz a necessidade do vigor, que nos foi apresentado pela visão técnico-científica de consciência, gerando para uma percepção mais objetiva do nosso papel essencial de educadores que, como profissionais, devem buscar os caminhos mais efetivos para esse fim, sempre dispostos a aprender.

Consideraram como consequência da aprendizagem o desafio: adequar os conteúdos a novas formas de ensinar e desenvolver estratégias para multiplicar com colegas, alunos, famílias, os saberes aqui adquiridos, sempre mantendo a ternura, característica do profissional Franciscano.

O **Colégio Franciscano Nossa Senhora do Carmo** considera que os novos conhecimentos estão associados às relações presentes, não somente na sala de aula, mas também no





cotidiano escolar. Essa importância do cotidiano faz com que surja a necessidade de novas metodologias para o aprendizado. Desse modo, é importante repensar os parâmetros quanto ao processo ensino-aprendizagem. Outros aprendizados estão ligados à troca de experiências e ao diálogo com outros educadores, principalmente de outras escolas. E como fio condutor da prática educativa para a integralidade dos saberes, estaria a espiritualidade Franciscana.

Os principais desafios estão em implementar as práticas pedagógicas partindo das reflexões, questionamentos e inquietações que surgiram a partir dos temas abordados no Congresso. Tais temas são: a importância das relações humanas e extra-humanas; aprendizagens significativas; integralidade dos saberes; e, por fim, a neurociência como um fator considerável para pensar as práticas educativas.

Para os representantes da **Escola Franciscana Nossa Senhora de Fátima**, os aprendizados se mesclam com os desafios. Como aprendizado, eles consideram que urge ressignificar a Educação levando em conta a importância das relações entre os seres. Isso se realiza ao fazer a integração dos saberes para o desenvolvimento das singularidades. Diante disso, a importância de se considerar a espiritualidade cósmica, para que nós humanos possamos estender o nosso cuidado para o extra-humano, imbuídos dos valores e princípios franciscanos.

O desafio, expresso de modo explícito, depende de fazer acontecer a proposta franciscana de educação humanizadora na sociedade atual em parceria com as famílias e não somente o estudante, ressignificando os saberes existentes nas singularidades.





O **Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida** reafirma com o aprendizado no Congresso que a educação depende das relações interpessoais. Dessas relações, importante é o professor, pois precisa buscar e despertar, não somente o raciocínio, mas também a emoção dos seus alunos para que possam construir uma aprendizagem significativa. Por isso a aprendizagem dos alunos estaria fortemente relacionada também com a motivação que o professor é capaz de transmitir em suas aulas. Nota-se, com isso, que o perfil do professor franciscano deve ser presença de luz e esperança, de forma a proporcionar um convívio em harmonia. Um fator relevante está associado à importância da espiritualidade. Esse fator alude ao quão importante é nossa relação com o Criador e essa busca da essência está viva no franciscano. Por isso, um importante aprendizado foi que, como parte do conjunto de relações que constituem as escolas, cada um busque não apagar esta chama franciscana e viver em constante contemplação.

O principal desafio é aprimorar a realização do trabalho interdisciplinar com o olhar franciscano. Além disso, um desafio se torna uma responsabilidade que é encantar as pessoas favorecendo as relações entre si, com a Criação e o Criador, integrando os saberes à luz da Filosofia Franciscana. Por isso, levar os saberes deste congresso aos demais colegas e comunidade escolar é um desafio e responsabilidade de todos os participantes.

Para os professores e estudantes do **Colégio Franciscano Espírito Santo**, de Bagé – RS, neste 6º Congresso, o encontro com educadores de outras escolas da Rede fortaleceu os laços, e partilharam-se experiências pedagógicas, com enrique-





cimento de todos. Desde a maravilhosa abertura, abrimo-nos ao sagrado, ao mistério de Deus atuando em nós e por nós.

Ao finalizar o 6º Congresso Nacional das Escolas Franciscanas, podemos afirmar que são variados os nossos aprendizados. O tema Central: “A integralidade dos saberes na Educação Franciscana” foi muito sugestivo e cativante para os educadores do Colégio Franciscano Espírito Santo. Após a leitura, estudo, reflexão e partilha dos livros indicados, a compreensão do tema tornou-se mais completa para eles. Além disso, as provocações feitas levaram os educadores a questionar suas práticas pedagógicas.

Conforme a expressão dos próprios educadores: “Nas conferências fomos interpelados ao cuidado por uma educação ética, pois ela ‘é o fundamento da própria possibilidade de pensar o humano e a vida em geral’.” Afirmam ainda que, na era digital, é necessário primar em promover relações sadias entre educadores e estudantes. Além disso, inspirados em Ricardo Timm de Souza, é importante estar convencido de que “ser professor é a profissão mais poderosa do mundo, uma vez que só pessoas muito equilibradas podem exercer”.

Outro elemento também foi a importância de considerar os mais diversos aspectos do desenvolvimento humano para o processo de aprendizagem, como: cognitivo, emocional, psicomotor, social, atitudinal e ético. A aprendizagem não se faz só pela razão, mas principalmente pela emoção.

Os desafios estimulam os educadores a transformar suas práticas pedagógicas. Esses desafios foram descritos em termos de metas, em primeiro lugar com foco nos estudantes:





estabelecer ações pedagógicas para promover relações sadias na era digital; investir esforços no ensino da ética aos estudantes; instrumentalizar os estudantes a buscar o conhecimento científico disponível. Depois, aos educadores franciscanos: rever constantemente os conceitos, postura, enquanto eternos aprendizes que sonham e esperam construir um mundo de paz e bem; além disso, deve-se promover a integração das disciplinas reconhecendo a singularidade de cada um para o processo de aprendizagem, superando uma visão individualista; ir além da sala de aula, motivar e motivar-se; e relacionar os conteúdos com o mundo da vida.

Os principais aprendizados indicados pelos educadores do **Colégio Franciscano Santíssima Trindade** são descritos na sequência. O primeiro: a ética se impõe como uma questão de diálogo nas relações. Estamos diante de uma realidade que nos desafia a recuperar a importância e o valor do indivíduo como pessoa e não como um número. O segundo: a curiosidade como elemento motivador na educação. O acesso a informações está facilitado através de diversos meios tecnológicos. Precisamos usar o que é essencial e trabalhar para que o aluno transforme informações de qualidade em atitudes e comportamentos.

Em terceiro: a verdade científica é complementada, no processo educacional, pela verdade relacional. E em quarto: o imperativo ético da educação está em cuidar das relações, ou seja, das relações com nós mesmos, com os outros, com a natureza e com Deus, de forma que tal cuidado já se constitui um bom desafio.





Em quinto, ligado aos temas de neurociência e ensino: todo comportamento tem ligação com o sistema nervoso. Se a estrutura do cérebro desde nossos ancestrais é igual, as modificações estão relacionadas a manifestações externas. Daí a importância para a educação, uma vez que é necessário contribuir para que nossas crianças e jovens possam desenvolver atitudes positivas no que se refere às realidades que enfrentam no dia a dia. Em sexto: o que é significativo e prazeroso e transformado em memória. Aprendemos aquilo que nos emociona. Por fim, os educadores destacam que a integralidade dos saberes só será possível se houver integração entre escola, alunos, professores e família.

Os desafios estão em perceber que o conteúdo não é o mais importante, precisamos trabalhar as relações. Além disso, educar pelo exemplo. Isso pode se revelar ao acolher o nosso aluno com alegria, bem como os demais integrantes da comunidade educativa. Outro desafio é interligar não só os saberes, mas também as pessoas. Assim, é fundamental compreender o mundo do aluno para melhor poder incentivá-lo.

O **Colégio Franciscano Sant'Anna** aponta para os principais aprendizados proporcionados pelo Congresso. O aluno só aprende de modo integral aquilo que o emociona. Ou seja, a emoção e a razão estão interligadas no momento de aprendizagem. Em segundo lugar, a teoria e prática devem estar juntas para assim construir um conhecimento integralizado.

Os desafios principais são que o professor precisa estar motivado a ensinar para motivar o seu aluno. E com tanta variedade de pessoas em sala de aula, há um grande desafio





em conseguir produzir um conhecimento ou proporcionar o conhecimento para que todos realmente consigam construir e reconstruir seu aprendizado. Há um desafio claro em ensinar o mesmo aos diferentes.

O **Centro Universitário Franciscano** considerou a importância da aprendizagem relacionada com o mundo da vida, com a concretude da vida. As teorias e abstrações científicas não têm um valor somente em si, mas também como elemento que reafirma o sentido do conhecimento. As atividades interdisciplinares, ainda que se preservem certas características das áreas, foram enfatizadas como relevantes para a formação superior. Há uma profunda preocupação, na educação franciscana, em se voltar a atenção às singularidades de nossos alunos e colegas.

Os desafios estão em perceber melhor o que os estudantes desejam aprender para a sua formação. Torná-los mais autônomos. Considerar a integração melhor universidade-escola. Formar pessoas dentro dessa perspectiva de integralidade de saberes, para que sejam não só pessoas boas, mas também cidadãos abertos ao debate no mundo democrático. É primordial entender que a educação não é somente uma etapa formal da profissionalização de alguém, mas também uma etapa que tende a se estender por toda a vida, em que as pessoas são (ou têm de ser) formadas para uma vida ética. Por isso, o desafio é reafirmar a importância do ensino de humanidades como formação cidadã.

Desta forma, evidencia-se que a integralidade dos saberes impulsiona os educadores à revisão de práticas, inovação





no processo de ensino-aprendizagem, consideração de aspectos, por vezes esquecidos, da relação educativa como a emoção. Há também a necessidade de integrar os conhecimentos, não somente na sala de aula, mas também que eles tenham sentido para a vida dos estudantes e educadores.

A atenção voltada à prática e às relações que nos cercam no ambiente escolar é um desafio quando vários meios nos forçam à desatenção.

Ficam algumas palavras inspiradoras de Edgar Morin, em *A cabeça bem-feita* (2002, p. 11), sobre qual tipo de ensino devemos desejar e realizar:

A missão desse ensino é transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre.



PALAVRAS FINAIS

Irmã Valderesa Moro

Um semeador saiu a semear. Parte da semente caiu a beira da estrada e logo foi devorada pelos pássaros. Outra parte caiu entre os espinhos e ao nascer foi sufocada. Outra caiu entre as pedras e ao nascer o sol queimou por falta de profundidade. Outra parte das sementes caiu em terra boa e frutificou cem por um.

(Mt. 13, 3-8)

A Rede Franciscana aguardou com grande expectativa a realização do 6º Congresso Nacional das Escolas Franciscanas, que tratou da integralidade dos saberes. Esse foi um momento de integração, de celebração, de aquisição e aprofundamento de conhecimentos e de grande confraternização.

Nesse contexto, destacamos muitos aprendizados, dentre eles o aprendizado da importância das relações interpessoais, considerando os sentimentos, as emoções e as experiências do nosso educando, e o encantamento que o professor pode despertar em cada aluno, ao envolvê-lo em um trabalho pedagógico mais humanizado que respeite o jeito próprio do aprendiz de ver e de sentir a vida.

A partir dessa constatação, cabe-nos vencer o desafio de realizar uma prática pedagógica individual e coletiva que promova o crescimento individual, exercite as relações interpessoais e permita o desenvolvimento e o fortalecimento de valores que servirão como suporte para a construção de um ser humano voltado para a paz e para o bem.



A interação que ocorre em encontros como este congresso, a energia que se renova, a alegria que se dissemina, os laços que se fortalecem, as experiências pedagógicas que nos permitimos compartilhar, as quais enriquecem a prática pedagógica, são o bálsamo de que necessitamos para tornar o cotidiano de nossas escolas um tempo especial de aprendizagem e vivências significativas.

Retomando a parábola do semeador, voltamos para casa com o desafio de pensar como vamos levar o Congresso para nossa escola, pois cada um de nós é semeador e semente em sua trajetória de vida. Semearmos entre nossos alunos e acolhermos as sementes lançadas por Deus através dos acontecimentos e na relação com outras pessoas. Cada um tem a liberdade de decidir que tipo de terreno quer ser e decide que sementes e onde quer semear em sua missão de educador.



Nota: Os textos contidos nos Anais do 6º Congresso Nacional das Escolas Franciscanas foram revisados e, quando possível, ajustados às referências indicadas pelos autores. A Comissão Técnico-científica manteve a originalidade dos textos, pois estes são de responsabilidade de cada autor.



Impressão: *Impressul Indústria Gráfica Ltda.*
Papel da Capa: *Triplex Duo 250g/m²*
Papel do Miolo: *Book Millennium 75g/m²*
Tipologia: *Open Sans*

